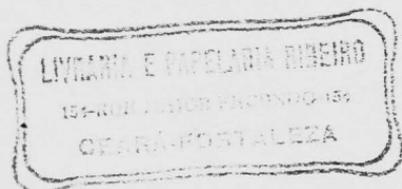

Beatos e Cangaceiros



Xavier de Oliveira

Beatos e Cangaceiros

HISTORIA REAL, OBSERVAÇÃO PESSOAL E IMPRESSÃO
PSYCHOLOGICA DE ALGUNS DOS MAIS CELEBRES
CANGACEIROS DO NORDESTE



RIO DE JANEIRO
1920

DO AUCTOR:

ALBUM DOS DOUTORANDOS. (edição luxuosa)

JERUSALEM BRASILEIRA (Joazeiro do Padre Cicero),
em elaboração



AO PROFESSOR AFRANIO PEIXOTO, MEO MESTRE
A GUSTAVO BARROSO (João do Norte)

O PRINCIPIO

Quando em 1909 cursava eu o primeiro anno gymnasial no Collegio S. José da cidade do Crato, meo Mestre do vernaculo, o revdo. Conego Pedro Esmeraldo da Silva, então, professor daquelle Collegio, e hoje, vigario da freguezia de Joazeiro do Padre Cicero, dêo um dia para thema de aula de composição — O CANGAÇO ⁽¹⁾ NO CARIRY.

Então, nem elle nem eu poderíamos prever houvesse aqui de ser transcripta aquella simples, humilde e quase ingenua composição do modesto primeiranista, do Collegio do Crato.

Mas o faço com tanto maior prazer, quanto foi ella o principio deste livro, que vem em gestação no meo proposito firme, desde aquelle dia, para mim, memoravel.

Ei-la tal como a deixou, depois da correcção possivel, o meo revdo. Mestre :

(1) Termo regional empregado na accepção de banditismo

«O CANGAÇO NO CARIRY». — *Tempos houve em que o Cangaço era quasi desconhecido no Cariry, agora é tão commum como naquelle Paguehú, outrora aqui tão detestado.*

Antigamente era o Cariry conhecido pela sua fertilidade e por muitas outras riquezas naturaes de que é dotado, hoje, pelas innumeradas desordens que nelle se dão, é apontado como um desses logares donde a felicidade e a paz fugiram por completo e onde reinam sómente o desespero e a desgraça.

De certo; o assassinio, o roubo e toda sorte de crime são os fructos colhidos desses bandidos de que se acham repletas todas as localidades desta região. E' que o facinora é um typo que toda sociedade polida detesta, é que os senhores do Cariry o acolhem com benignidade e o tratam com o maior respeito e acatamento.

E se esses homens o acolhem é porque apoiam seus feitos, se o tratam com benevolencia é para que esteja sempre prompto para executar as desgraças de que o incumbem, se o protegem é porque são eguaes a elle, pois, tanto furta quem furtou como quem protege o ladrão.

Os cangaceiros¹ teem feito diminuir as fortunas do Cariry; já nem se podem enumerar as mortes que teem feito unicamente para roubar.

1 O mesmo que bandido. — Bem de notar, porém, que, no Nordeste nem sempre o cangaceiro è bandido. Muita vez instrumento de politicos inescrupulosos, outras tantas reivindicadores de offensas familiares, e não raro, meio de vida mais facil, com o qual, em geral, não morre de fome

Matar para roubar!...

Se os senhores seus protectores raciocinassem um pouco sobre essas palavras, poderiam avaliar mais ou menos o que é um cangaceiro.

Quantos ais, quantos suspiros magoados não teem soltado as pobres das viúvas á falta do esposo querido que os bandidos mataram e roubaram!

Quantas lagrimas de sangue não teem chorado os filhos orphans de saudade do pae estremoso cuja existencia lhes era tão preciosa!

Oh Cariry! Eu como filho que sou teu, lamento a tua sorte!

Quisera poder rasgar a negra mortalha em que te achas envolvido, a qual, pouco a pouco, já te tem aniquilado moralmente.

A lei não regula mais em tí; só o rifle é que faz e desfaz; governa quem tem cangaceiros, tem razão quem é valente, é cidadão quem assassina e assim vae tudo...

Não ha mais nenhuma garantia; os governantes são os maiores perseguidores da ordem publica...

Ao teu governo compete perseguir esses bandidos que infestam a maior parte da zona sul do Ceará, e não misturar com elles os seus soldados, não juntar os seus officiaes com esses cangaceiros chefes que, por desgraça, representam o Cariry civilmente.

A elle cumpre prever todo o mal que possa chegar a essa parte de seu Estado, e não por extrema covardia sua, deixa-la permanecer no estado em que vae, dando assim a entender que apoia os feitos de seus subalternos.

A elle cumpre emfim restabelecer aqui a ordem, ter compaixão dessa mocidade que, criando-se no mal, habitua-se a elle e fica irremediavelmente perdida.

E já que assim não procede, dá logar aos filhos desta terra dizerem que é elle o legitimo cangaçeiro, o unico causador das miserias deste Cariry outrora tão feliz.

Crato, Collegio S. José — 909.

Xavier de Oliveira».

Palavras de um adolescente, de um collegial, escriptas sem outra preocupação que não a de bem desenvolver um thema, que lhe fôra dado em aula de composição vernacula.

Buscando-as hoje, dez annos depois, em meo cartapacio, envio-as como uma lembrança, envolta numa saudade, ao meo inesquecivel Mestre, o Revdo. Esmeraldo.

O papel, velho, sujo, gasto do tempo, ainda conserva bem nitidos os traços fortes do seo lapis, na corrigenda do thema, para o aperfeiçoamento da

phrase, para a pureza da linguagem, para a formação do estylo.

Depois de a mim, só a elle pôde interessar esse trapo em que firmei uma idéa, que é delle tambem, porque me veio dos seos ensinamentos, e de que hoje tiro um conceito — este livro.

Pois que, quando o reler, haja de rir gostosamente outra vez, com aquella mesma doce philosophia com que, em tempo, dava aos moços cariryenses grandes licções de sciencia pura, de bõa moral christã e de civismo elevado.

Hoje, as minhas idéas ainda são as mesmas.

Certamente, as suas, ainda o são tambem.

Vivemos, pois, sempre de accordo.

Estarão de accôrdo comnosco o governo do Ceará e os homens do Cariry?

Não tenho bem certeza.

Mas, é possivel que já sim.

Encerremos este capitulo do passado e entremos, de cheio, no assumpto.

Antes, porém, é de bom aviso um esclarecimento ao leitor.

No correr destas paginas, pôde parecer estranho que, tratando embora dos cangaceiros do Nordeste em geral, eu só me refira, quase, aos que tiveram, ou teem ainda, como campo de acção, o Ceará, nomeadamente o Cariry, e, especialmente, o Joazeiro.

A razão é a mais plausivel.

O Cariry, por suas condições especiaes de fer-

tilidade do sôlo, de exuberancia de producção agricola e de grande desenvolvimento commercial, attrahe para si gente de toda a região nordestina.

E o mesmo succede com Joazeiro, cidade cosmopolita, já pelas mesmas razões inherentes ao Cariry em geral, já pela influencia religiosa do Padre Cicero.

Foi lá que, em annos consecutivos, colhi todo o material deste livro, desde a figura macabra de Pedro Dilé, o jagunço bahiano, que defendêo, do principio ao fim da tragedia, o reducto do Conselheiro seo *Bom Jesus de Canudos*, até á individualidade, essencialmente fanatica, do Beato Vicente, o pernambucano de origem hollandeza, que, de quando o conheço, só deixou o machado de lenhador, para pegar no bacarmate bocca de sino, com que defendêo heroicamente o logar santo de seo *padrinho* Cicero e de sua Mãe das Dôres!

Sem o querer, cahi num circulo vicioso: vim do jagunço de Canudos ao romeiro do Joazeiro.

Mas, é nesses dois extremos que se acha a galeria terrorista, que me proponho movimentar.

Ella representa toda a escala que vem do heroismo á baixeza.

Parte de Canuto Reis, o cangaceiro herôe, valente e nobre, incapaz de uma traição, incapaz de uma perversidade, o homem honesto, que prefere pedir uma esmola a roubar um vintém; e chega, descendo, até ao alagoano Zé Pinheiro, o famigerado

bandido, covarde e perverso, traiçoeiro e vingativo, typo de canalha, alma de reprobado, que quiz comer o cadaver de um homem, para quem, antes de o matar, nunca tivera coragem de olhar frente a frente! . . .

.....

Fechemos esta pagina triste .

E medifemos em que tudo isso se passa neste Brasil, com um seculo de Independencia e com trinta annos de Republica! . . .

Introduccção

* * *

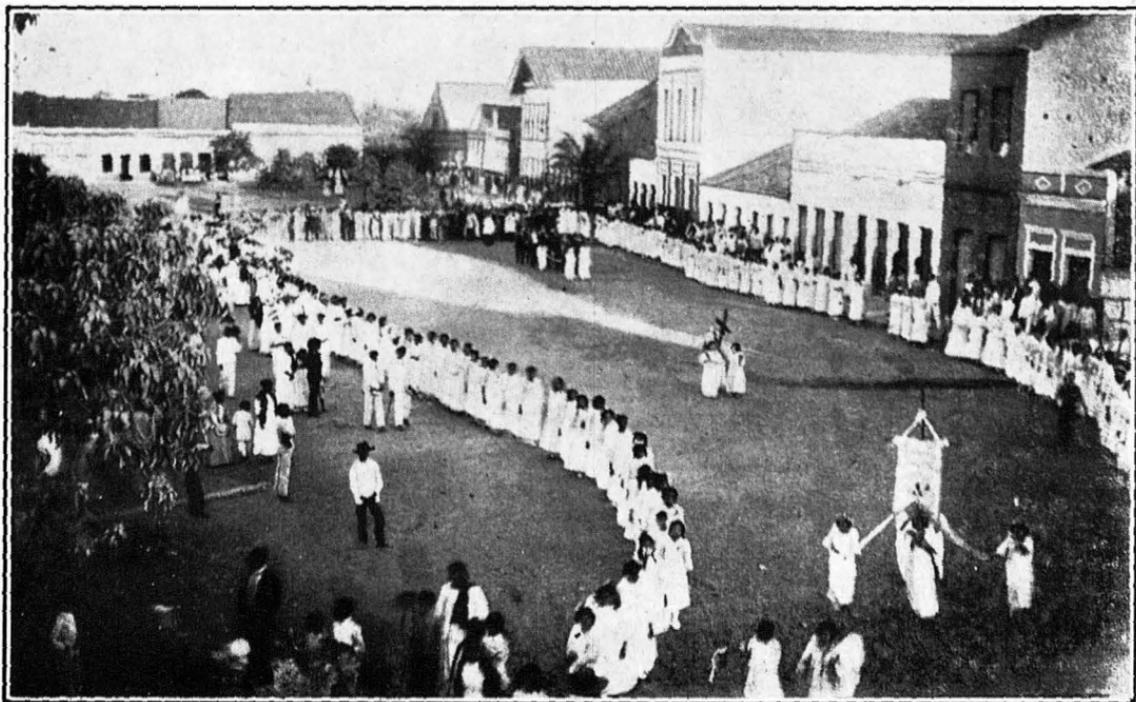
Foi nessa praça do Joazeiro que, em 1913, oito mil e quatrocentos (8.400) homens se reuniram com o fim, que realizaram, de depôr o illegal presidente Marcos Franco Rabello do governo do Ceará.

Essa photographia, que ali vêem os leitores, foi tirada cinco annos depois, em 1918, e representa uma procissão da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, na qual tomam parte, com tanta ordem, quanta piedade religiosa, algumas centenas de futuras mães brasileiras.

Pois foi para degollar essas innocentes criancinhas, e todas as demais de uma cidade de quarenta mil (40.000) almas, a quem a Patria nega a esmola do alphabeto, que, á voz de —DELENDA JOAZEIRO — do falso presidente Rabello, os seos soldados e cangaceiros afiaram os seos facões em Crato, a 8 de dezembro de 1913.

O Ceará já condemnou á execração o seo filho maldito. E a Igreja, por sobre a phrase barbara —DELENDA JOAZEIRO — já inscreveu outra — CONVERTA-SE JOAZEIRO.

Quando será que a Patria inscreverá a sua, que deverá ser —EDUQUE-SE JOAZEIRO? !...



Praça da Liberdade em Joazeiro do Padre Cicero

INTRODUÇÃO

Causas geraes do banditismo no Nordeste : **Analphabetismo**
— Ausencia de Justiça — Falta de trabalho e exiguidade
de salario — Politicagem

I

ANALPHABETISMO — Falham-nos as estatísticas. Mas, ás vezes, os governos dos Estados, numa resenha de fim de anno, fazem umas paginas ás respectivas assembléas, e a que dão o titulo pomposo de mensagem, e é nellas que melhor se póde ver o que vae por esses Brasis fóra. Não vae longe ainda, ao folhear algumas dessas resenhas, fiz um estudo comparativo sobre diversos Estados, no tocante ao cuidado dos seos governos referente á instrucção do povo.

O Rio Grande do Sul vinha em primeiro lugar: vinte e cinco por cento de sua receita para os diversos misteres da instrucção, comprehendidos os ensinios primario, secundario e superior.

A Bahia vinha em ultimo lugar: apenas **QUATRO** por cento de sua receita, para a instrucção dos seos milhões de filhos.

São Paulo e Ceará vinham em segundo e terceiro

respectivamente, com vinte e dois e meio por cento o primeiro, e com vinte e dois o ultimo, dedicados á instrucção do seo povo .

Para o Norte, a cota do Ceará é, deveras, consoladora . O mesmo, porém, já não succede com as outras unidades daquella parte do paiz .

No Nordeste, propriamente, a cifra do analphabetismo é desoladora . Não é nenhum absurdo estimar-la na proporção de noventa por cento .

E o que pode sentir, pensar, fazer um povo de noventa por cento de analphabetos ?

A Igreja brasileira, em todos os tempos, ha trazido um grande contingente de beneficios á nossa civilização .

Seja nas selvas, aos indigenas dos invios sertões brasileiros, naquellas paragens onde, a não ser o missionario evangelizador, só chegam a coragem indomita e o patriotismo ardente de Candido Rondon ; seja na zona rural do Brasil, semi-civilizada e semi-barbara ainda, lá vae ella, carinhosa e audaz, na sua nobre missão evangelizadora, levar um pouco de luz ao espirito rude da humilde e boa gente sertaneja .

Sejamos coherentes : no Nordeste, ainda foi a Igreja que chegou primeiro, precedendo o Estado .

Na região dos tormentos já ella erguêo, corajosa, as fortalezas da fé, nos pontos estrategicos do campo a conquistar .

Os bispados de Floresta, em Pernambuco, de

Cajazeiras, em Parahyba e de Sobral e Crato, no Ceará, para só falar daquelles que se acham situados mesmo no coração do Nordeste, são o maior passo dado para a realização da obra titanica de instruir e educar aquelle povo.

Cumpre, pois, que os governos, ao menos, secundem a acção do clero, neste ponto de vista. E com os elementos deste, que lá estão espalhados por toda parte, fundem Collegios, para a instrucção secundaria dos moços, e Escolas Normaes officializadas, onde a mulher sertaneja se possa habilitar para exercer com proveito a nobre missão de dar a instrucção e educação primarias á infancia desvalida e desprezada daquellas regiões.

Pondere-se bem que nas cidades, nas villas, nas povoações, nas aldeias, nas fazendas, em toda parte, lá estão moças pobres, que, uma vez diplomadas, em casa de seos proprios paes ou esposos, com a maior facilidades para ellas, e com a menor despeza para os governos, pôderão exercer o magisterio.

A mulher do povo, a operaria, em certas zonas do Nordeste, chega muita vez a ganhar a ridicula quantia de duzentos réis (\$200) por onze (11) horas de serviço no campo.

Tomando por base essa proporção, bem se pôde avaliar o pouco que é preciso para compensar a professora camponeza, nascida, criada e educada no meio onde deva exercer a sua nobre profissão.

E' o que é preciso fazer e o que é mais facil de

executar, em bem da instrucção e educação da infancia infeliz daquelle trecho da federação.

II

AUSENCIA DE JUSTIÇA — No sertão não ha lei, não ha direitos, não ha justiça. É por isso, é como nos tempos primitivos: cada um se garante a si mesmo, como pôde.

E' possível haja nessa affirmativa, assim categorica, um pouco de exaggero.

Mas, apenas exaggero.

Porque, no fundo, ella é verdadeira.

Ha lá, de facto, magistrados encarregados de distribuir a justiça. Em verdade, porém, nem sempre lhes é possível fazê-lo. Porque, muitas vez, a isso se oppõe o proprio governo dos Estados.

Quanta vez, ali, não é removido, de uma para outra comarca, um juiz que proferio uma sentença contra um politico influente, cabo eleitoral ou chefe de bando do presidente ou governador do Estado?!. . .

Vamos aos factos, que melhor comprovarão essas asserções, que até parecem absurdas.

De uma feita, um juiz integro, homem de grande cultura juridica e social, jornalista eximio e orador fluente, uma figura de Nabuco, perdida, estragada naquelles sertões, teve a coragem de, num discurso vehemente, proferir algumas phrases reprochando o procedimento dos chefes da sua comarca, que protegiam cangaceiros!

Teve vinte e quatro (24) horas de prazo para se retirar da cidade, para onde o nomeara o proprio presidente do Estado.

Mas o Padre Cicero interveio . . .

E arranjou, não só que elle não fosse batido a cacête, findo aquelle prazo, como ainda que este fosse augmentado de um para oito dias, afim de o governo ter tempo de achar para onde remover o seo magistrado! . . .

Mas é que esse juiz era um novato, um caloiro.

Porque um juiz experimentado, um juiz traquejado, faz como o meo amigo, o Dr.

Certa vez, por estar com o governo, um sujeito meo conhecido forçou a um outro, meo conhecido tambem, a liquidar uma velha questão de terras,

Poz a agulha na fazenda do outro, onde bem lhe aprouve, fincou o marco, e o meo amigo juiz, depois, lhe dêo razão na demanda e posse nos terrenos roubados.

Mas succedêo que, dentro em pouco, mudou a situação politica. E eis que foi o outro, então, quem entrou com a agulha pelas terras do que antes lhe roubora as suas . . .

E o juiz, dessa vez, dêo razão áquelle mesmo a quem negara antes.

Para não ser removido da comarca . . .

Ambos os questionadores fizeram tal qual como o Rio Grande do Norte com o Ceará, na questão de limites de GROSSOS.

Quando tem ministros no governo da Republica

ou no Supremo Tribunal Federal, o Rio Grande do Norte agita a questão; quando o não tem, faz prolongar a demanda.

E' interessante como os pequenos factos, da vida commum, nada mais traduzem do que os phenomenos que se passam nas grandes espheras das coisas.

A vida das amebas é como a dos sêres superiores: nascem, adaptam-se ao meio e reproduzem-se. E a sua vida está para a do homem, na mesma razão que a questão de terras dos meos conhecidos do Cariry, para essa outra questão, tambem de terras, dos meos não menos conhecidos Estados do Nordeste.

Mas, dá-se muita vez, o que se julga lesado com a sentença do juiz, não se conforma, e lá pega de um rifle e de um punhal, para se garantir a si mesmo, como possa.

E' dizer que para defender os seus direitos é preciso fazer-se cangaceiro.

Depois de matar alguns individuos, não se quer sujeitar á prisão, porque está debaixo na politica.

E lá se vae, sertão em fóra, a commetter novos crimes.

O homem honesto e trabalhador de outrora é um bandido agora, por causa de uma questão de terras.

E' tal qual como foi no Contestado, entre Santa Catharina e o Paraná, e como será, talvez, nesse

outro Contestado entre o Ceará e o Rio Grande do Norte...

Como os pequenos factos, da vida commum, apenas traduzem altos phenomenos das grandes espheras das coisas!...

Outras vezes, um individuo, por uma razão qualquer, assassina outro. A familia do morto debalde espera da justiça o castigo do homicida. Como, porém, em geral, não é punido ali o criminoso, um membro della vingá-se, matando, ou ao proprio assassino, ou a um seo parente. Faz-se cangaceiro e criminoso, para poder se fazer justiça por suas proprias mãos.

E' o que succedêo com Antonio Silvino.

Mataram-lhe o pae, quando elle ainda menino.

Não punio a justiça o assassino.

Quando Silvino crescêo, vingou-se, matando-o a elle, o criminoso, e a mais quatro irmãos seos.

Depois, corréo o sertão, durante vinte annos, espalhando o terror, desafiando os governos, roubando nas estradas, tocando fogo nas fazendas e saqueando o commercio.

Tudo isso porque não ha policia no Nordeste. Não ha, nem poderá haver, nas actuaes condições de educação dos que a devem constituir.

Uma vez nos sertões, os soldados se identificam com os seos parceiros de armas, os cangaceiros, seos antigos camaradas, seos amigos, seos parentes...

O governo tem espalhado forças regulares do

exercito, pelo interior dos Estados de Minas Geraes, São Paulo e Rio Grande do Sul.

E' essa uma medida que, afóra no Rio Grande, onde é ainda pela necessidade de guarnecer a fronteira, tem o grande merito de servir á *Defeza Nacional*, lá e nos outros Estados.

Era de bem systematizasse elle a distribuição do nosso exercito por todo o *inter-land* brasileiro.

No Nordeste, principalmente, onde o exercito, a *tropa de linha*, como lá é chamado, é, com razão, tido e havido como inimigo do povo, inimigo e perseguidor, seria de um grande alcance essa medida.

Dentro em pouco, não mais se repetiriam essas phrases corriqueiras lá — *Cabra vá p'ro Amazonas mas nao sente praça. — Cabra se ha de roubar sente praça; é sempre melhor ser soldado do que ser ladrão. . .*

Ademais, só mesmo a distribuição de corpos regulares do exercito, pelo interior brasileiro, poderia regular e executar, com efficiencia, o sorteio militar obrigatorio.

Acresce ainda que, lá no sertão, o soldado disciplinado, instruido, ordeiro, seria o recurso unico para infundir respeito aos cangaceiros, que logo veriam nelle um mantenedor da ordem, e não um mero executor das manobras politicas dos detentores do poder.

À minha maneira de encarar este problema vae ao extremo de julgar que todas as Regiões Militares

da Republica devam ter suas sêdes no interior brasileiro.

Vamos lá a um pouco de franqueza :

Que fazem os nossos soldados nas grandes capitães ?

Acaso os combates para que se preparam dever-se-ão travar em ruas asphaltadas de cidades civilizadas, ou em campos agrestes de nossas longas interminaveis fronteiras ?

Na campanha, a respirar o ar puro do sertão, deante das forças vivas da Natureza, affrontando as intemperies, quer á luz ardente do sol brilhante dos tropicos, quer em meio aos furacões tempestuosos dos pampas do sul, é que melhor preparo poderão ter os defensores da Patria .

Não nas grandes cidades, não aqui, onde, para mudar a guarda do Caffete, sahe de carrinho um pelotão do quartel, distante apenas poucos metros !

Rumo ao sertão os soldados do Patria !

Para o Nordeste, pelo menos, para conduzir aquelle povo ao regimen da ordem, da legalidade e da justiça .

Para o Nordeste, para confer, com o seo exemplo de disciplina, os excessos das milicias estadoaes .

Lá, as Regiões Militares ao lado dos Bispados Ecclesiasticos ; a obra do preparo do homem para Deus, de par com o seo preparo para a Patria !

Isso bastará para logo os que forem sendo educados na fé christã, e disciplinados no amor da Pa-

tria, extinguirem, assimilando, os máos elementos da região.

Joazeiro, na Bahia, Triumpho, em Pernambuco, Piancó, na Parahyba, Martins, no Rio Grande do Norte, Sobral e Crato, no Ceará e Picos, no Piauí, deverão ser sédes de futuras Regiões Militares.

Para a munutenção da ordem, inexistente com a policia dos Estados, para garantia da magistratura, para extincção do banditismo, para efficiencia do sorteio militar obrigatorio, e para melhor integrar o Exército Nacional com o povo nobre, altivo, valente e patriota do Nordeste.

III

FALTA DE TRABALHO E EXIGUIDADE DE SALARIO — No Brasil, mesmo nos centros mais adeantados, ainda não existe organização do trabalho. E esse facto, só elle, é causa da miseria em que vive o operariado brasileiro, pobre, faminto e nú.

Isso succede nas cidades mais adeantadas, nos centros mais prosperos, onde ha trabalho, e onde este é, bem ou mal, mas sempre remunerado.

O que succederá, pois, nos logares onde não ha trabalho para excessos de braços, nem alimentos para excessos de boccas?

E' esse o quadro dantesco que apresenta o Nordeste, periodicamente.

No Cariry, em certa cidade, ha o que se chama — *feira dos trabalhadores*. Centenas de homens,

reunidos em praça publica, enxada ao hombro, promptos para o trabalho.

Chega o fazendeiro, escolhe os mais robustos, (é como se escolhera boi para o corte) e os leva á roça.

Os outros, em numero de centenas, ficam sem trabalhar, e sem comer, elles, suas mulheres e seos filhos.

Esta mão, que ora aqui traça essas linhas, muitas vezes, vae para doze annos, aos que tinham a ventura de se empregar, pagou quinhentos réis (\$500) por um dia inteiro de trabalho!...

E como de praxe ali, antes do sol nascer, todos a postos, para ganhar bem o dia, que só finda, quando o lusco-fusco não mais permite distinguir uma touceira de arroz de uma de capim.

Assim, da segunda ao sabbado, com apenas o descanso de uma hora, para a refeição rustica, de feijão de corda, farinha de mandioca e rapadura de canna, eram onze horas de trabalho.

No domingo, o dia do descanso e da feira, recebia, contente, o trabalhador rural, que encontrava serviço, tres mil réis (3\$000), por seis dias de onze (11) horas de trabalho de enxada!...

E as mulheres do Nordeste?

Na colheita do arroz, suas mãos pequenas, com uma faca afiada, fazem num dia o trabalho de um homem, durante uma semana.

No massapez, saias arregaçadas, deixando ver as lindas pernas roliças, de tez morena de jambo, a

repetir em voz meiga e saudosa as canções de Catullo, ao fim do dia teem ganho duzentos réis ... (\$200)!...

No domingo, tendo trabalhado da segunda ao sabbado, recebem, contentes, mil e duzentos réis ... (1\$200) por uma semana inteira de trabalho, de onze (11) horas por dia!...

No entretanto, essas mulheres dão, em media, ao Brasil, dez (10) filhos de suas entranhas, dez brasileiros que, quando criados, são fortes, valentes e patriotas, se circumstancias terriveis não os veem tornar fracos, covardes e bandidos.

E quando lhes morrem os esposos, não ha ali Asylos de Orphãos, nem Casas de Caridade para abrigar-lhes os filhos.

São ellas mesmas, que ficam a cria-los todos, ganhando por dia duzentos réis (\$200), quando encontram trabalho.

Ao commentar esses factos tristissimos, que eu vi, que eu senti, e de que hoje, aqui de longe, me lembro consternado, ouço, dentro em mim, rugir, medonho, um sôpro de revolta.

E chego a querer dar razão ao bandido Zé Ricardo, quando dizia as seguintes textuaes palavras a um seo pacato amigo :

•Zé Divino, meo velho, és um louco, passando a vida inteira curvado sobre a tua enxada, que só te dá quinhentos réis (\$500) por dia.

Pois não vês que um mez de trabalho teo te vale doze mil réis (12\$000) apenas; emquanto que

eu tenho por dia o dinheiro que quero, dez, vinte mil réis, que os meos patrões me dão, de medo do meo rifle?...

Disseste-me que ha já annos não sabes que gosto tem carne de boi! Vem dahi, meo velho, troca a tua enxada por um rifle, e assim ganharás num dia o que jámais ganhaste num mez, e comerás carne de boi, em mesa posta, com os teos proprios patrões...

Maria Josepha, tu ganhas apenas duzentos réis (\$200) por dia, e, por isso, não tens, nunca tiveste um vestido de chita.

Não vês minha mulher, a Conceição?

Pois bem, manda teu marido ser cangaceiro tambem, e andarás prompta como ella.

E nunca mais teos filhos morrerão de fome...

IV

POLITICAGEM — O Norte, com a Republica, decahio politicamente.

E dado o surto economico do Sul, pôde-se dizer que elle, relativamente, decahio, politica e economicamente.

Sou dos que, nortista, vêem contristados o des-caso, o desprezo mesmo, com que os governos da União teem tratado aquella parte do paiz.

Não vae nenhum exaggero nesta affirmativa.

Que os factos são bem a confirmação dessa verdade.

Mas, tambem, diga-se lá com toda a franqueza ; essa situação de inferioridade em que elle se encontra foi creada, até certo ponto, pelos proprios nortistas.

Cada povo occupa no mundo o logar que merece.

Não vou ao ponto de ver maiores aptidões para vencer nos sulistas. Pois é até bem patente ser o progresso maior, deste lado da federação, um producto do emigrante europêo.

Mas é para ver que, se, por um lado, a energia ardente do nortista o levou a desbravar o Amazonas, a conquistar o Acre, e a não abandonar o Nordeste, por outro lado, a calma perseverante do sulista concorrêo em bôa parte, para o progresso maior dos seos Estados. Encarando-os aos dois, nortista e sulista, sob o ponto de vista moral, vê-se que a indole ardente e, algum tanto intolerante do primeiro, contrasta inteiramente com o temperamento frio, dissimulador, mas persistente, do segundo.

E' evidente esse character, que dá a um, o que, talvez, falte, de todo, ao outro !

Poder-se-ia talvez, exemplificar esses dois typos antagonicos da raça nas pessoas de Pinheiro Machado e Ruy Barbosa.

Duas singularidades, é verdade.

Mas veem a talhar.

Um, a energia calma, a força de vontade tranquilla, a tenacidade serena, a manha, a astucia, tudo o que levava á admiração, de mistura com um certo respeito e temor.

Era o symbolo perfeito dessa entidade, antes politica do que geographica, a que se chama Sul.

O outro é a energia ardente, a força vehemente, a tenacidade nervosa, a franqueza, a sinceridade mesmo, tudo o que não verga, tudo o que não dobra, que impõe a admiração, e que leva até á veneração, mas que, não infundindo temor, quase nunca vence.

Seria este o symbolo perfeito do Norte, se as ultimas gerações politicas de lá não se desvirtuaram e se desvalorizaram ao ponto de deixar que a Republica se tornasse um monopolio do Sul !...

Tudo, por uma razão soberana: porque no Sul se sabe e se pratica a formula — A UNIÃO FAZ A FORÇA.

E é por isso, que as grandes bancadas, tolerentes os seus membros, não tem só o peso numerico, senão o valor maior da união de vistas como agem na politica federal.

Emquanto que no Norte, a começar da Bahia, é o que se vê: o trafico dos Estados em favor das facções politicas.

E' o bombardeio da Bahia, o incendio de Fortaleza, os assassinios de Recife, as refregas de Belem, e a revolução do Joazeiro.

E' a intolerancia do nordesta, que vem do parlamento ao sertão, dos deputados aos cangaceiros. . .

De modo que estes, em geral, não são bandidos como se pensa e se diz.

São expressões politicas da Republica...

E de tanto maior valor, quanto seos serviços são sempre disputados a dinheiro...

Em tempo, a organização era a mais perfeita.

Partia daqui do Rio, do Morro da Graça, e chegava até ao Joazeiro do Cariry, a um outro *Morro da Graça*, residencia de um outro Pinheiro de lá, o famoso Zé Pinheiro.

A força moral deste, sobre os cangaceiros da zona, só era comparavel á do Pinheiro daqui, sobre os politicos do paiz. De modo que, cada um na sua esphera, eram, moralmente, eguaes.

Vê-se, pois, que a differença é apenas nas espheras, ou nos meios, onde é desenvolvida a acção. Os typos variam com os meios. E' assim que, lá nos sertões, elles usam chapéo de couro, roupas de algodão, alpercatas de rabicho, trazem o rifle ao hombro, e as outras armas penduradas da cintura.

Emquanto que, aqui, é sempre preciso modificar um ponco. . . Assim, poem o revolver no bolso das calças e o punhal na cava do collete.

Mas é essa a unica differença. . .

Hoje, porém, já tudo está mudado, e o Curiry é como aqui o Rio: um seio de Abrahão.

Na praça da Liberdade do Joazeiro, eu vi, em bandos, reunidos, os mais ferozes cangaceiros do Nordeste, em acção politica.

Agora, cinco anno depois, o que passam por ella são procissões religiosas da Egreja Catholica, Apostolica, Romana.

E assim sendo, é já uma reminiscencia este

— BEATOS E CANGACEIROS — Dentre elles, como os mais afamados dos de meo conhecimento, vou apresentar aos leitores, os *meos amigos*:

O Beato da Cruz, o Beato Vicente, o Beato Ricardo, Mané Côco Sêcco, Zé Pedro, Mané Chiquinha, Antonio Calangro, Pedro Pilé, Antonio Vaqueiro, Canuto Reis, Chico Pinheiro, Quintino e Zé Pinheiro.

Muitos delles já são com Deus.

Outros, porém, ainda estão vivos.

Mas são todos bons rapazes, e nada perderá o leitor em travar relações com esses nossos heroicos e desgraçados patricios.

Tenham, pois, o prazer de conhecê-los.





O Beato da Cruz



O Beato da Cruz

O BEATO DA CRUZ

Que é um beato lá no meio religioso de Joazeiro do Padre Cicero ?

E' um sujeito celibatario, que faz votos de castidade (real ou aparentemente), que não tem profissão, porque deixou de trabalhar, e que vive da caridade dos bons e das explorações aos crentes.

Passa o dia a rezar nas egrejas, a visitar os enfermos, a enterrar os mortos, a ensinar orações aos credulos, tudo de accôrdo com os preceitos do catecismo !

Veste á maneira de um frade : uma batina de algodão tinto de preto, uma cruz ás costas, um cordão de São Francisco amarrado á cintura, uma dezena de rosarios, uma centena de bentinhos de São Bento, uns saquinhos com breves religiosos e com orações poderosas, tudo pendurado do pescoço.

São, geralmente, individuos vagabundos, hypocritas, delirantes religiosos, ou bandidos !

Não cabe aqui a historia dos beatos do Joazeiro, visto que, além do Beato da Cruz, apenas dois delles, porque incluidos no numero dos famosos cangaceiros do Nordeste, merecem descriptos : o Beato Vicente e o Beato Ricardo.

O Beato da Cruz não era um cangaceiro.

Não andava de arma longa, nem de arma curta, nem mesmo de facão, e, apenas, trazia um punhal oculto na sua batina azul (excepção entre os de sua classe, sua batina era azul, envez de preta) de modo a não ser percebido por ninguém.

O Beato da Cruz não era, propriamente, um cangaceiro!

Apenas, dizem os romeiros que o conheciam do Rio Grande do Norte, sua terra natal, quando era ali pelos seus vinte annos, assassinou seu pae. . .

Não sei, ninguém sabe as razões que o levaram ao parricidio.

E por isso, mais difficil se torna fazer um juizo approximado, a respeito da molestia que lhe deve ter perturbado a mente, desde então.

De uma feita, os guarda-locaes Pedro Araujo, Zé de Binda e Zé Biã, a mando de um famoso João Bento, por esse tempo delegado da então povoação do Joazeiro, quizeram *desinferrujar* os seus facões em suas costas.

Mas se arrependeram da empreza.

O beato arrancou de debaixo da sua batina azul o seu *lingua de peba* (um punhal de dois gumes, estreito e longo) e com a cruz numa mão, e com o punhal na outra, fez debandar a tropa que o queria surrar.

— *Uai... Uai... Uai... meo Pae, perdoae-lhes que não sabem o que fazem*—disse, embainhando a

arma ferrível, e em pranto, marchou, corcunda, a cruz às costas, pelo bêco da Velha Chica do Sobrado acima.

Que eu saiba, foi essa a sua segunda façanha, e a unica que praticou durante a sua longa permanencia em Cariry.

Não devia, pois, figurar neste livro, que trata apenas, dos famosos guerrilheiros que conheci nos sertões nordestinos.

Em verdade, fui busca-lo no material que possuo para a — JERUSALEM BRASILEIRA — (*Joazeiro Padre Cicero*), ora em estudos.

E só o fiz, para o fim de, com a sua interessante figura de beato penitente, dar uma idéa exata e perfeita ao leitor, do que vem a ser essa entidade exotica e singular, propria do meio religioso, que é o Joazeiro do Padre Cicero.

Voltemos ao beato.

Ahi pelo anno de 1894, um rico fazendeiro norte-rio-grandense, de nome José da Cruz, como tantos outros milhares de sertanejos, veio em romaria a Joazeiro, pagar uma promessa que fizera a Nossa Senhora das Dores, padroeira do santo lugar, e ao Padre Cicero.

Empolgado o seo espirito fraco pelo sentimento de religiosidade que ali observou nos romeiros residentes, encontrou, assim, o campo onde logo puderam medrar com exuberancia as idéas delirantes de que já se achava possuido.

Tanto chegou e, para logo, se tornou o que se vê da sua figura macabra de beato penitente.

Assim, vestido á frade, a cruz ao hombro, a rezar nas egrejas, a ler a biblia e as historias dos santos, começou por querer imitar o Santo João Baptista, sem dispensar, nem mesmo o seo cordeirinho manso, o animal sagrado dos israelitas.

Era para se penitenciar dos seos peccados mortaes. . .

Homem de côr branca, de grandes olhos azues, sem nenhum estygma physico apparente de degenerescencia, de quando o conheço (e foi desde que me entendo) até dois annos, quando fallecêo, sua vida foi sempre a mesma : rezar nas egrejas e occupar-se das coisas de Deus.

Humor triste, facies abatido, olhar piedoso de perfeito visionario, em constante anciedade, era sua preocupação unica salvar sua alma das penas eternas! . . .

Era para isso que passava a vida inteira a fazer penitencia!

Não sei se confessava sempre, o que não é provavel ; mas é certo que levava o dia inteiro a ir de uma para outra egreja, a postar-se de joelhos, constricto, deante do altar do Senhor Morto, a orar em extase, a se lastimar, a chorar, a dizer-se culpado de estar ali crucificado o Filho de Maria, o meigo Nazareno de Belém e rei de Judá.

— *Uai. . . Uai. . . Uai. . . meo Pai,* fazia o beato, prostrado aos pés da cruz, numa anciedade indescriptivel, offegante, a fazer caretas, banhado em lagrimas e coberto de suor.

Na mesa do Revd. Padre Luiz Maranhão de Lacerda, vigário de Milagres, num dia de 1910 eu estava, quando, com surpresa para mim, portas a dentro, entrou elle cantando, em voz sonora, e em som de cantochão, o seo bemdicto predilecto :

*Na quinta-feira maior,
O Deus Jesus Christo previa,
Que na sexta-feira santa,
A's tres horas, elle morria.*

Uai... Uai... Uai... meo Dae!...

A's ultimas palavras de sua toada plangente, desfez-se em pranto o beato.

Ainda era o mesmo.

Havia, seguramente, seis annos não o via.

Fizera progresso nos habitos de religioso, pois, já então, estava com a sua cruz de penitente cheia de milagres que obrara para os fieis que tinham fé em sua santidade, em seo prestígio junto a todos os santos do céo, e junto ao proprio Deus!...

— *Uai... Uai... Uai... meo Pai!* disse em prantos, banhado em lagrimas, cahindo de joelhos aos pés do sacerdote e beijando-lhe a bafina.

— *Sente-se ahi, José, deixe-se de choro e vamos comer,* disse para elle o bom do parochó, apontando-lhe uma cadeira á mesa.

E o beato fez-nos companhia no agape.

Duxei então de conversação com elle, e, durante todo o almoço, falámos de Joazeiro.

Disse-lhe o mêdo que me causava quando, menino, o via aos pés da cruz, ou deante do Senhor Morto, ao meio dia em ponto, a chorar, a gemer dolorosamente. . .

Uai. . . Uai. . . Uai. . . meo Pae! . . e que mais me parecia o uivo lastimoso de um cão soffredor do que os lamentos de um beato penitente.

Uai. . . Meo Padre, eu sou peor que um cão, bradou lamentoso o beato, quando o padre :

— *Ora, José, não faça assim deante do major. . .*

O major, na ironia christã do illustre Revdo. era eu, então, um segundannista de gymnasio. . .

— *Sim meo Padre,* — e terminou o beato dizendo-me de referencia ao Revd. Maranhão : *elle é muito bomzinho para mim. . .*

Consolado, continuou a comer.

Depois da refeição, dando graças a Deus e ao sacerdote, que lhe deram o pão daquelle dia, rezou muitas orações, fez uma centena de — *em nome do Padre* — os grandes olhos vermelhos do pranto erigidos aos céos, piedosos, despedio-se de nós e sahio, a cruz ás costas, com o seo manso cordeirinho pelas ruas de Milagres, a cantar em voz cava e sumida, numa foada plangente, o seo bemdicto predilecto:

*Na quinta-feira maior,
O Deus Jesus-Christo previa,
Que na sexta-feira santa,
A's tres horas, elle morria . . .*

Quem o poderia saber ?

Era, talvez, o remorso do beato, por haver morto seu pae. possivelmente, numa sexta-feira tambem, que explodia naquellas palavras que dizia cantando, em voz penosa e sombria, e numa musica funebre de cantochão . . .

Só de tempos em tempos ia o Beato da Cruz a Joazeiro, donde fôra obrigado a sahir, em vista da rixa que se creou entre elle e os guarda-locaes da cidade que, de outra feita, o pegaram de geito, e lhe deram uma grande sóva.

Mas, ainda que distante de Centro . . . quando apparecia era um successo.

Empanava o prestigio santo de todos os seus collegas de classe, á excepção apenas, do beato *Manoel Antonio da taba furada, bebedor de kerozene, e fallador da vida alheia*, como elle proprio se dizia.

Este, que passava a vida a escrever ás centenas, aos milhares, as orações ;

*Oh! Maria Concebida sem peccado
Rogae por nós que recorremos o Vós*

e a distribui-las gratuitamente aos romeiros, como aos demais beatos, levava na troça o proprio Beato da Cruz, a quem para melindra-lo, chamava-o em tom de brincadeira: MANCEBADO

— *Uai... meo Pai, perdoae-lhe... fazia o beato, e sahia rua fóra a chorar, emquanto o seu collega e rival, Manoel Antonio da taba furada, ria á bandeira despregada, do effeito da sua pilheria.*

Eis ahi está o beato da Cruz, com o seo cordeirinho santo, á porta da igreja de Nossa Senhora do Perpetuo Soccorro, em cuja nave, num carneiro a um canto, á direita de quem entra pela porta principal, está o sepulchro da celebre beata Maria de Araujo.

Além, por traz do beato vê-se um paredão.

E'o muro do cemiterio do Joazeiro.

Foi lá que em 1914 baixou ao tumulo o corpo do celebre beato e grande cangaceiro Ricardo; e foi lá tambem que ha dois annos teve sepultura o corpo innanimado do santo Beato da Cruz, que, apenas, matou seo pae, e, com sua cruz numa mão e com seo punhal na outra, fez debandar, em Joazeiro, um bando de guarda-locaes.

O seo cordeirinho, certamente, já foi comido pelos famintos da grande metropole sertaneja.

Mas a sua memoria e as suas virtudes jamais deixarão de ser veneradas, emquanto houver um romeiro credulo na JERUSALEM BRAZILEIRA.

O Beato Vicente



Um trecho da trincheira do Joazeiro. Vê-se o montão de terra do vallado, bombeado de dois em dois metros, e em cima do qual o Beato Vicente, de pé, sustentou o fogo, no ataque á cidade. Em baixo, estão os cangaceiros em pleno fogo contra as tropas rabellistas. Entre elles vê-se o **Turco Candido** o 3º a partir da esquerda, com as cartucheiras a tiracollo.

O BEATO VICENTE

O Beato Vicente existe ainda, e mora lá na ser-
ra do Horto, para os lados dos Carás, perto da ca-
sa de campo do Padre Cicero Romão.

Excepção entre os demais de sua classe, elle é
um homem ás direitas.

Ao envez de uma cruz, traz ao hombro um
grande machado de lenhador, sua profissão, e vive
de cortar madeira de lei para as construcções daquel-
le sacerdote, construcções de casas, de capellas, de
egrejas.

Nos tempos normaes, alem do habito de beato,
descalço e sem chapéo, traz elle ás costas tambem
um sacco branco de algodão, em que conduz o ali-
mento com que se sustenta na matta virgem, onde
passa a maior parte do seo tempo, a trabalhar.

E' um homem de estatura regular, robusto,
branco e corado, sanguineo mesmo, olhos pequenos
e azues, nariz adunco e afilado, cabeça pequena com
uma pequena calvicie, cego de um olho, e faltando-
lhe o grande dedo do pé direito.

— *Cortando um pão, o maldito (satanaz) fez
que elle me esmagasse o dedo,* disse-me um dia.

— *Com o machado mesmo aparei pela junta,*

puz um pouco de terra em cima para estancar o sangue e ficou assim, accrescentou, mostrando-me a cicatriz regular e perfeita.

Eu ainda era criança quando tive com elle essa conversação.

E, desde então, nunca mais deixei de ver no Beato Vicente um tigre em forma de gente.

Cortou elle mesmo, com suas proprias mãos, o seo dedo esmagado por um pão . . .

Não me era preciso mais para considera-lo uma fêra humana.

Sua arma unica era o machado de lenhador, que não abandonava nunca.

Em sua terra, quando moço, (elle é pernambucano de origem hollandeza) não sei, ninguem sabe o que elle foi, o que elle fez.

O Beato Vicente é homem calado, e, se bem que de humor alegre, deixando sempre escapar, expremido por entre os dentes amarellos, um sorriso incolor, não fala no passado.

Vive do salario do seo trabalho diario; come quando tem; quando não tem tambem não pede a ninguem.

Na sua humildade é nobre sem ser egoista, e tem bastante amor proprio sem ser, entretanto, orgulhoso.

Lenhador, pelas serras, na matta virgem, sem temer as fêras, lá anda elle, dias seguidos, semanas, mezes, a cortar madeira de lei para construcções.

E é bem de ver que lhe aprouvesse aquelle offi-

cio pelo facto do patriarcha de Bethlem, o Santo José, segundo reza a escriptura, ter sido tambem lenhador.

Não é sem fundamento que avanço essa supposição com vistas a elle.

Em geral, os beatos de lá trazem consigo, amarrado á cintura, um cordão de São Francisco.

O Beato Vicente não o tem.

Tambem, como fazem os outros, não traz consigo os bentinhos de S. Bento.

Mas por dentro de sua batina, suspenso de um cadarço preto e sujo, e pendurado ao pescoço, eu divulguei uma vez a imagem do milagroso patriarcha e lenhador da patria de Jesus-Christo, e que é o santo de sua devoção.

No seo officio, o unico inconveniente que encontra é, á tardinha, todos os dias, não poder ouvir os conselhos e receber a benção do seo Padrinho, em Joazeiro.

Mas, lá mesmo no mattagal onde vive, sempre que o sol vae se occultando por traz dos montes altos, na hora mysteriosa em que o crepusculo vespereal vae a se embeber nas sombras tristes da noite, elle se ajoelha e se inclina em sentido á LOURDES BRASILEIRA, e faz, confrica, a sua prece.

Justamente áquella hora, o Padre, seo padrinho, todos os dias, dá ao seo povo, a sua benção.

E elle, o beato lenhador, ainda que de longe, em extase, em meio a solidão da matta virgem, virado para a sua MÉCA, certamente a receberá tambem.

Depois, arma a sua tenda á beira de um corre-go qualquer, aonde ainda exista uma poça de agua, prepara elle mesmo o seo jantar : uma caça do matto assada num espeto de pão, com farinha molhada, e um pedaço de rapadura de canna, á guisa de sobremesa, e come.

Dá graças a Deus, por lhe ter dado o pão daquelle dia, reza o rosario em frente á imagem do Santo José, seo patrão, como elle proprio o chama, e dorme tranquillo, a noite inteira, tendo por leito sete palmos da crosta do globo terrestre, e por tecto a abobada do céu estrellado do Ceará.

Foi quanto me disse, uma das vezes que o visitei, em sua cabana do Horto.

Mas, Romualdo, seo collega de classe e seo amigo, um beato relachado e debochado, casado, pae de filhos, muito *loroteiro* e nada rezador, disse-me certo dia, que o Beato Vicente é o cabra mais valente que ha naquelle Joazeiro de cincoenta mil pessoas.

Guardei na mente as palavras de Romualdo que, alias, vinham ao encontro do juizo que eu, ja então, fazia do seo amigo.

Para os outros é elle um beato suspeito. Não vae á missa, não se confessa, quase não vae a igreja, e, só raramente, assiste a benção do Padre, a quem pouco procura.

Ademais, não tem cordão de São Francisco amarrado na cintura, nem pendurado ao pescoço uma dezena de rosarios, nem os bentinhos de São Bento,

coisas que, mesmo sem ser beato, raro é encontrar um romeiro que não as conduza consigo.

Livram de mordeduras de cobras, protegem contra os malfeteiros, e defendem contra as tentações do *sujo*...

O beato Vicente é, pois, um beato suspeito.

Porque não é vagabundo, porque vive de sua profissão, porque se occupa das coisas profanas em vez das coisas de Deus.

Na mata, a cortar madeira, em vez de ajoelhado aos pés dos santos, nas igrejas.

E' claro.

Sendo um homem de bem, honesto e trabalhador, não pode ser um beato completo!

Tem as mãos callosas do seu labor diário, e não os joelhos, de longas orações, que não faz!

Só é beato, enfim, porque, em verdade, o hábito, em parte, faz o monge!...

Mas, que entusiasmo o seu, quando á frente de centenas de romeiros como elle, nas quebradas das serras, no seio da mata, vai a cada canto, no pico de um morro, no salgue de uma gruta, no leito de um riacho, no fundo de um valle, a buscar os tóros de madeira de lei por elle cortados, para as construcções pias!...

E que gloria para elle, ao penetrar num templo da cidade, e ver sua trave principal pesada e grave, cortada por seu machado de lenhador!

Recordar a serra onde a cortou, o tronco anno-so que lá está ainda, a brotar outra vergonça, o suor

que derramou no trabalho afanoso que teve em derrubá-la! E aquella outra, que foi a que lhe esmagou o dedo do pé, obrigando-o a, com o proprio machado que o cortava, fazer a amputação do mesmo, com um golpe certo, bem ao nivel da articulação!

Tudo isso é que faz o seo orgulho.

Mas é um beato suspeito para os outros... Vae pouco a igreja, não tem callo nos joelhos, não tem cordão de São Francisco na cintura, não tem bentiños de São Bento, nem rosario no pescoço, por fóra da batina para ser tudo bem visto pelo povo.

Mas tinha uma imagem do Santo José, o patriarcha e lenhador de Bethlem, a quem elle procura imitar, preza de um cadarço preto e sujo, e pendurada ao pescoço, por dentro da batina!...

Um dia, ahí por dezembro de 1913, da matta virgem, machado ao hombro, cansado, noite já, vinha elle para o seo rancho do Horto, rezando o seo rosario, descuidado das miserias da terra e da maldade dos homens, e embevecido com as bellezas do céu!

No caminho alguém o interrompe para informá-lo de que o RABELLO ia mandar atacar o Joazeiro, para crucificar o PADRE CICERO, degollar a população e tocar fogo na cidade!...

O beato deixou sahir, expremido entre os dentes amarellos, o seo sorriso incolor.

Depois, despedindo-se do romeiro:

— *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo?*

— *Para sempre seja o Senhor louvado, re-*

spondêo o outro, e separaram-se, cada um para o seu destino.

O beato chegou á sua cabana do Horto com ar sombrio.

E nessa noite não comêo!

Seria possível?—imaginava elle—*crucificar o seu Padrinho, degollar os seus romeiros e tocar fogo em seu Joazeiro?*

Atirou o machado para um canto, foi a sua mala velha, tirou de lá um cano de ferro, uma coronha de madeira, um fuzil de aço, e uma pedra de fogo.

Apoz tudo em seus respectivos logares, armou o cão, fez um disparo e vio brilhar na noite escura uma faisca.

— *Ainda é o mesmo*, suspirou.

Azeitou-lhe os fechos, encostou-o a um canto do seu bacamarte bocca de sino, e dormio tranquillamente nessa noite, em sua tipoia de cipó *cravá*.

No outro dia, ao amanhecer, quando a estrella dalva ia a se embeber na aurora, e o sol luzento dos tropicos apontava rubro no oriente, o Beato Vicente, tendo descido a ladeira do Horto, achava-se já na Babylonia do sertão do Nordeste, donde contemplava saudoso e triste os serrotes illuminados de luz dourada, onde, havia tanto tempo, vivia tranquillo e feliz, no seu trabalho honrado de todos os dias.

Pegou da enxada, resolutu, e com cincoenta mil romeiros, trabalhou de noite e de dia, durante uma semana, no vallado, para a defesa da cidade.

Depois, trabalhou também na cerca de pedra, para a defesa do Horto, onde mora.

O vallado, a trincheira inexpugnável do Joazeiro, tem de profundidade dez, e de largura doze palmos.

Toda a terra foi carregada para a parte de dentro, a alguns metros de distancia, formando uma barreira de seis palmos de altura, bombeada a espaços regulares, prompta para receber o ataque.

São tres leguas de vallado.

E cincoenta mil pessoas, homens, mulheres e meninos, o fizeram em seis dias.

O beato Vicente, com ar sombrio, soturno, calado, sem dizer palavra, sem falar com ninguem, como é seo modo habitual, trabalhou os seis dias.

A nove de dezembro de 1913, as forças legais, (compostas de soldados e de cangaceiros) do governo illegal do Sr. Franco Rabello, com o pretexto de garantir a autoridade de um prefeito por este nomeado, atacaram Joazeiro.

Um vulto negro, com um bacamarte bocca de sino nas costas, era visto passar lentamente, de um para outro lado, por cima do montão de terra da trincheira, a espreitar, longe, a tropa.

Era o beato Vicente.

Foi uma surpresa geral: era a primeira vez que elle trocava o seo machado de lenhador por uma arma de jagunço.

— *Vieram atacar minha casa, minha obriga-*

ção era defender-me — disseme elle, explicando-se-me porque voltara a ser o que já fôra um dia . . .

Quem ha que conteste a razão que tinha o beato ?

Quem ha que negue o direito que assiste a todo homem de se defender, quando atacado em sua propria casa ?

Na noite mais escura, no dia de sol mais claro, de pé firme, por cima do monte de terra da trincheira, de um lado para o outro, a espreitar os soldados, lá estava o beato .

Cégo de um olho, alejado de um pé, não tinha importancia .

Rapido, joelho em terra, e não lhe era preciso fechar uma das vistas para poder *dormir* na pontaria certa num *macaco* do Rabello .

E ai ! daquelle em quem o beato puzesse a unica vista que tem . . .

Joelho em terra, e um tiro monstruoso do seo bacamarte bocca de sino, carregado de pregos, de chifre de boi, de cêra de vela benta e de contas de rosario, reboava, medonho, em toda a cidade, fazendo estremecer todas as casas, e bater apressados . . . todos os corações .

Era o canhão do Rabello, pensavam, aquelle famoso obuz, construido em Fortaleza para, assim como os canhões de Moreira Cesar em Canudos, botar por terra as torres das egrejas do Joazeiro, e, até mesmo as collossaes paredes de pedra e cal, e de dez

palmos de largura, da igreja do Horto, em construção ainda.

Mas, para logo, se espalhou a nova: era o tiro do bacamarte do beato.

Tal a certeza que tinham de que elle não gastava munição á tôa, que, logo o ouviam, e rezavam um *Padre nosso com uma ave-Maria*, em intenção da alma de um que se ia deste para o outro mundo. . .

Assim tambem o Beato.

Era tão seguro da quêda, após o tiro, que tanto que punha o joelho no chão, e apontava o bacamarte, ia logo rezando as orações por alma do que se ia desta para melhor. . .

Um dia interroguei-o a respeito.

Nada me quiz dizer.

A todas as perguntas respondia com o seo sorriso incolor, apertado entre os dentes amarellos.

Quiz tirar-lhe o retrato.

Não o consentio.

— *Isso e coisa da besta-fera*, disse-me.

— Mas o Padre Cicero tira, ponderei-lhe, para convence-lo.

— *Sim, mas Christo tambem andava sobre as aguas e não se afogava. O meo Padrinho pode ate pisar em fogo e não se queima.*

Mas eu é que não quero o «Capiroto» tenha lá o meo retrato.

Vejam o beato; não se deixa photographar porque acha que isso é coisa de Satan, e teme que

este, ficando lá com seo retrato, quando elle morrer, mais facilmente o encontre ! . . .

Dos oito tiros que dêo na guerra do Joazeiro, vio sete quedas . . .

E affirmam os seos companheiros ter elle chorado, e passado sem comer um dia inteiro, de raiva, por haver perdido um tiro de seo bocca de sino . . .

.....

Nas mattas do Cariry, o lenhador do Joazeiro voltou a cortar madeira de lei para as construcções do Padre Cicero, construcções de casas, de capellas, de egrejas . . .

Nota — Foi em 1915 a ultima vez que falei ao Beato Vicente, insistindo para que se deixasse photographar. Agora, cinco annos depois, por intermedio de um amigo de Joazeiro, tentei, novamente, obter a sua interessantissima photographia. Inutil. Como resposta, recebi o seguinte telegramma :

— *Beato não se quer deixar photographar.*

Seria perigoso, a contra gosto seo, tirar-lhe um instantaneo.

Um photographo que o conheca, jamais o faria.

E eu, que ainda o pretendo ver e falar, não a publicaria sob minha responsabilidade . . .

— *Isso é coisa da besta-fêra, pensa o beato.*

Longe de mim passe pela sua mente ser eu um enviado de Satan, aqui á terra, com o fim de tirar-lhe o retrato, para que, quando elle morrer, mais facilmente, seja encontrado no outro mundo . . .

Longe de mim . . . ai ! de mim . . .

O Beato Ricardo



A trincheira do **Beato Ricardo**, que se acha no grupo, em pleno fogo. Como se vê, os comandados do famoso beato e celebre cangaceiro estão animados, destemidos, e prestes a pular a trincheira em perseguição aos soldados em debandada.

O BEATO RICARDO

Entre os beatos de Joazeiro do Padre Cicero, era Ricardo dos mais populares, sem ser, entretanto, daquelles cujas virtudes inspirassem maior confiança aosromeiros credulos da JERUSALEM BRASILEIRA.

Não é que elle, pelas qualidades de espirito, e pelos seus habitos pessoaes, não fosse um *beato*, na verdadeira accepção do vocabulo, naquella zona.

Vagabundo, hypocrita, rezador, frequentador das egrejas e dos logares santos, vestido á frade: sem chapéo, batina de algodão tinto de preto, com semente de «coração de negro» e lama de argilla, cordão de São Francisco amarrado á cintura, uma dezena de rosarios pendurados ao pescoço, uma cruz negra de penitente ao hombro, enfim, tudo elle tinha para ser o beato completo, que de facto era.

Mas, faltava-lhe ainda alguma coisa.

Não tinha o ar de doçura, de cordura e de santa ingenuidade do meigo beato José; longe estava de ter o feitio de bondade sincera, de humildade e de resignação verdadeiramente christãs. do magro e santo, tão magro quão santo beato Chiquinho; nem mesmo a fé, a crença forte, inabalavel, do beato Elias, o gritador, um italiano filho de Roma, e que é

o superior da ORDEM DOS PENITENTES DO JOAZEIRO.

Era, talvez, um bom beato, a julgar pelos actos de caridade christã que praticava para com os enfermos.

Mas, não sei por que, não inspirava muita confiança aos crentes do sexo masculino. . .

Agora, o cangaceiro.

Este sim; quem quer que o visse havia de crer nelle, na sua bravura, no seo desprezo pela vida.

Nem sei como uma transformação tão profunda se pôde processar num mesmo homem, ao cabo de poucos mezes apenas!

E' uma prova cabal do quanto pode a hypocrisia quando ao serviço dos que verdadeiramente o são.

Fez de Ricardo um «servo» do Senhor e, para logo, um simile de Satan; um beato de cruz nas costas, e, a seguir, um cangaceiro modelo, de rifle, pistola, punhal, facão, cabaça, patuá e matolão.

O devoto, cantador de bemdictos santos nas sentinellas aos defunctos do Joazeiro, era agora o typo mais bem acabado do jagunço feliz, alegre, folgazão, palrador, lambanceiro e valente.

Sobretudo valente.

Quando o conheci beato em Joazeiro, e logo travei de relações com elle, era o seo emprego unico — AJUDAR A MORRER AOS MORIBUNDOS, FAZER SENTINELLA AOS DEFUNCTOS E ENTERRAR OS MORTOS.

Não era pouco.

A Ciceropolis conta seis mil fogos, em oitenta e tres ruas, com quarenta mil habitantes.

Mas o coeffericiente de sua lethalidade corresponde a, mais ou menos, metade do do Rio de Janeiro, pois que a tuberculose, a syphilis, a dysenteria, as paratyphoses, a lepra, todas as molestias catalogadas na pathologia e, talvez, alguma ainda incognita dos nosologos, se encarregam de matar ali, diariamente, uma media de trinta brasileiros.

A comparação é desoladora.

No Rio, com um milhão de habitantes, morrem, em media, sessenta pessoas por dia; em Jaozeiro do Carry, com apenas quarenta mil, morrem trinta.

É não ha ali um hospital, nem um asylo para a infancia desvalida, nem mesmo uma ambulancia medica, para os menores soccorros aos quarenta mil operarios da maior cidade do interior do Nordeste Brasileiro.

Bem razão tinha o inclito super-homem Miguel Pereira quando affirmou, categorico e convencido: — *O Brasil ainda é um immenso hospital.*

Eis, pois, que não era pequeno o trabalho do Beato Ricardo, que era, ali, *ajudar a morrer* a todos os moribundos maiores de sete annos, que é a idade em que começam a correr o perigo de errar o caminho do Paraiso, na viagem para o outro mundo. . . Num casebre, lá dos suburbios da grande e pobre cidade, uma noite, curioso, eu vi todo o desenrolar da scena tragica da morte de um romeiro do Joazeiro.

— JESUS VEM COMMIGO, disse o Beato Ricar-

do ao penetrar, com ares de sacerdote, no leito de morte do velho Antonio Manoel. Acto continuo, dêo-lhe a beijar a sua cruz de penitente, poz-lhe deante dos olhos uma imagem de Jesus Crucificado que trazia ao pescoço, accendêo uma véla benta, e pôz-lh'a na mão direita.

Era para illumina-lo no caminho do Paraiso, que, prestes, ia trilhar.

— JESUS VEM COMMIGO, disse em voz penosa o beato, constricto, olhos semi-cerrados, e de joelhos sobre a esteira de palha de carnauba, que servia de leito ao agonisante.

— JESUS VEM COMMIGO, JESUS VAE COM TIGO E TU VAES COM JESUS, OH ! IRMÃO ! repetio em voz tremula, dando á sua entoação um som de cantochão.

Era um quadro doloroso.

— JESUS VAE COM TIGO, E NOSSA MÃE DAS DORES É TUA GUIA ATE' A' PORTA DE SÃO PEDRO, insistio.

— É O ARCHANJO GABRIEL, SANTO E GUERREIRO, COM A SUA ESPADA NA MÃO, TE DEFENDERÁ' CONTRA OS ATAQUES DO INIMIGO, affirmou energico.

Uma morena, forte e bonita nos seos dezoito annos, e que lá estava para cantar na sentinella com o beato, diz enthusiasmada :

— ISTO E' QUE E' SABER AJUDAR. . .

Não findou a phrase, e uma pedrada estalou na telha vã do casebre.

— É' O ESMULAMBADO (satanaz) DE RAIVA POR NÃO PODER FAZER NADA COM A ALMA DELLE, POR CAUSA DA PRESENÇA DO BEATO, conluio a rapariga . . .

O beato continuava na sua cantilena — JESUS VAE COMTIGO, TU VAES COM JESUS, até que entregou a alma ao Deus que a creou, o velho Antonio Manoel.

JESUS, MARIA E JOSE' ESSA ALMA VOSSA E' murmurou Ricardo, erguendo ao céu os olhos piedosos.

— A PAZ DE DEUS SEJA COMTIGO, OH! IRMÃO, E QUE ELLE TE LIVRE DAS PENAS ETERNAS, terminou, erguendo-se, e dizendo aos presentes:

— IRMÃOS, OREMOS POR ELLE.

A seguir, ajoelhou-se ao pé da sua cruz, e rezou com os circumstantes a LADAINHA DA VIRGUM e o OFFICIO DE NOSSA SENHORA.

Tomou, ao terminar, uma chicara de café, «temperou» a guêla, e dêo começo aos canticos religiosos da sentinella.

A morena, sua devota e admiradora, por suas qualidades vocaes, tinha a honra de cantar em duetto com o beato, «firava adeante» com elle, e o côro respondia depois de cada quadra :

Oh! Mãe gloriosa,
Oh! Mãe do Joazeiro,
Oh! Mãe virtuosa,
Oh! Mãe dos romeiros...

E proseguia o beato, tirando adiante em duetto, com sua gentil companheira :

*Nossa Mãe Nossa Senhora,
Virgem santa e Mãe das Dores,
E' a guarda de nós todos,
De nós todos peccadores.*

— OH! MÃE GLORIOSA . . . respondia o côro .

*Tem duas beatas santas,
Na matriz do Joazeiro,
Meo padrim Ciço Romão
E' o rei do mundo inteiro.*

MEO PADRIM CIÇO ROMÃO
E' O REI DO MUNDO INTEIRO . . .

arrematou entusiasmado todo o coro dos presentes.

Naquelle momento até o defuncto me parecêo erguer-se da sua esteira, para dizer tambem em voz de alem-tumulo :

E DO CE' O TAMBEM . . .

Então, interroguei Ricardo :

— Para que toda essa cantilena ?

— ORA, IRMÃOSINHO, E' PARA DEUS NO CE' O, OUVINDO AS SUPPLICAS DOS FIEIS NA TERRA, PERDOAR OS PECCADOS DA ALMA QUE PERTENCEO EM VIDA A' QUELLE CORPO VELADO.

Guardei na mente as palavras de Ricardo e despedi-me d'elle, que ficou a presidir a sua sentinella, no meio de dezenas de mulheres velhas, maduras e novas, viúvas, casadas, solteiras e donzellas . . .

Adeante, da curva da rua, ainda ouvi perfeitamente a voz plangorosa do beato :

*Meo padrim Ciço Romão
E' o rei do mundo inteiro . . .*

E o côro responder, forte :

E' O REI DO MUNDO INTEIRO . . .

.

Certo dia o Beato Ricardo desaparecêo.

— Roubou uma moça e fugio com ella, disse-me o Beato Elias.

— E já tinha desflorado mais quatro, accrescentou-me, sorrindo, o pandego Beato Romualdo.

Foi morar em Lavras, onde, de couveiro gracioso que era em Joazeiro, passou a ser sapateiro, seo anterior officio, e assim ia vivendo muito bem com sua mulher.

Eis senão quando, Calangro, o celebre bandido, que durante um anno infeiro trouxe aquelle sertão em sobresalto, aparece a atacar a cidade.

Foi o pretexto que Ricardo encontrou para chegar ao fim de sua carreira de — BEATO A CANGACEIRO...

Um rifle, um sacco de bala e um punhal, e, á frente de oito homens, o então sapateiro de Lavras, o mesmo antigo beato, que no Joazeiro AJUDAVA A MORRER AOS MORIBUNDOS, cantava os bemdictos santos nas sentinellas aos defunctos e enterrava os mortos, foi ao encontro de Calangro, por esse tempo o maior cangaceiro da região.

— *Aos primeiros tiros* — contou-me o já então celebre cangaceiro Ricardo, em 1912, certo dia, em casa do Mestre Simão — *quebrei a perna de um dos cabras de Calangro.*

Mas o negro é uma fêra, e tem pata com o MULAMBUDO, continuou Ricardo.

Imagine só. Pegou do cabra, poz elle nas costas, correo no mata-pasto fazendo rôda que nem uma burra de padre, e atirando como um damnado.

Impossivel me foi pega-lo na bocca do meo rifle.

Fugiram para a serra, que ficava perto.

Mas, como eu não gosto de deixar negocio empafado, persegui elles.

Ah! eu cá sou assim: traz-zas nó cégo.

Vendo que Calangro estava era deixando que anoitecesse para nos atacar novamente, segui nos seos calcanhares.

So tinham uma vereda por onde subir a serra.

E lá, ou ganhavam a chapada, ou tinham de descer por onde subiram.

Dei alguns tiros para insultar elles e esperei entrincheirado.

Não tardou muito, veio o primeiro passaro . . .

Estrepei-o.

Foi-se com Deus, e rezei lhe uma ave-Maria nas costas.

O mesmo succedêo com mais dois.

Depois, de um buraco onde estava sem ser visto, atirei num que vinha correndo e pulando, que parecia um veado. Assentou o cabelo (morrêo) bem perto de onde eu estava.

Isso é o que me parecêo.

O malandro deitou-se, esticou as canellas, tremêo um bucado, como nas fotonas da morte, e, depois, ficou quieto.

Rezei-lhe uma ave-Maria, e não me incommodei mais com elle.

Mas, quando eu dei fé, o desgraçado estava com o cano do rifle entre os dedos do pé, procurando fazer pontaria em minha cabeça.

Eu me abaichei, e fiz que não tinha visto a manobra.

Franqueza como tive mêdo do cabra; pensei

que pulasse dentro do buraco para decidir o negocio a arma branca.

Por precaução, puz o punhal entre os dentes, peguei-o de geito, e sapequei-lhe dois tiros no lombo.

Ferido de morte, atirou á tóa, e ainda me convidou para brigar a punhal.

Sosinho para vinte homens, não ia sahir da foca.

Acabei de matar elle a tiro mesmo.

Depois espantei os cabras, atirando para as bandas onde estavam, e corri para a cidade

Calangro desaparecêo.

Mas, ao menos uma vez na vida, elle ha de dizer que encontrou homem.

Foram achados quatro defunctos, no outro dia.

—E você não cantou alguns dos seus benedictos no enterro delles? perguntei.

—*Qual, patrão, já me esqueci, e creio até que já perdi a voz,* respondêo-me Ricardo.

Em Joazeiro, perfeito cangaceiro, nas luctas em que se achava, sempre mostrou ser homem de inexcedivel coragem.

Não me consta haja roubado, nem crimes diversos praticou.

Sempre alegre, falador, pilherico, engraçado mesmo, arranjava-se cangaceiro com pericia admiravel.

A elle lhe ia da mesma forma o «habito» de beato e os petrechos do cangaço.

Na revolução do Joazeiro provou o que delle diziam.

Alóra outros lances, naquella guerra, em que brigou tão bem, como sabia *ajudar a morrer* um moribundo quando era beato, ha o fogo do Pão Sêcco, onde mostrou ser mais valente ainda do que pensavam e diziam.

A lucta travou-se inesperadamente, e eram poucos os romeiros que o acompanhavam contra os soldados e cangaceiros rabellistas.

Mesmo assim, Ricardo não negou combate.

Cercado por todos os lados, entrincheirou-se numa pequena casa de taipa, que lhe não era grande amparo, e brigou como um heróe.

No meio do fogo, recebendo tiro por todos os lados, nem por isso deixou de estar alegre, a sorrir das pilherias que elle mesmo dizia.

— *Lá vae uma para os olhos do Rabello,* e disparava o rifle, e dava uma gargalhada.

— *Nossa Senhora guiará esta até o queicho barbado do Moreira da Onça,* e lá ia outro tiro, e outra gargalhada.

— *Agora é o proprio archanjo Gabriel quem vae guiar esta outra até á careca do Dantas Barreiro . . .*

Era assim, pilheriando, rindo ás gargalhadas, nos momentos mais perigosos, que brigava Ricardo.

Mas vio, em dado momento, que a lucta assim desigual e peito a peito podia ser-lhe fatal.

Pulou fóra da casa, trocou tiro a queima roupa

com os cabras mais valentes que delle se aproximaram, e corrêo, estrategicamente, pela capoeira vasta, para umas quebradas de serras que ficavam perto, e que lhe garantiriam a vida.

Assim foi.

O destino, porém, parece, marcara ali o termo das suas façanhas.

Na serra, são e salvo, depois de se haver batido como um heróe, achou de mão para si, para a sua fama, o haver dado as costas ao inimigo e lhe não levar logo a «revanche».

E quando lhe acóde á mente uma idéa sui generis.

De um animal qualquer, no taboleiro, roubou um chocalho.

Talvez tenha sido esse o seo primeiro e unico roubo.

Pôz-lo ao pescoço, e, com tres companheiros, que tanto era ali o seo exercito, sahio, estrada em fóra, manso boi a caminhar em passo rhytmado para a bebida.

Depois de um grande tiroteio, ao fim da tarde, num caminho estreito, alto a baixo, um chocalho a tocar. . . fim. . . tão. . . fim. . . tão. . . pausada e reguladamente.

Tim. . . tão. . . fim. . . tão. . . o som penoso do chocalho de boi manso, que vae vereda em fóra, caminho da bebida.

O boi era Ricardo. . .

Era evidente.

Immediatamente após um tiroteio, não ha boi do genero vacum, que se atreva a vir passar pelo local onde se effectuou, porque todos correm amedrontados pelos taboleiros fóra, a esconder-se, longe, na matta.

Isso mesmo pensaram os inimigos de Ricardo.

Ademais, não se lembrou esse boi de ir comendo algum capim, alguma folha secca, que, certo, encontraria no caminho, como o faria um boi de verdade.

Se assim o fizera, o seo chocalho de quando em quando faria... tim-tão... tim-tim... tão-tão-tão-tão... desordenadamente, e, talvez, não houvesse mesmo despertado a attenção dos seus inimigos.

Dá-se, ainda, que, entre estes, havia gente que conhecia Ricardo muito bem, para saber o quanto era capaz de realizar com suas astucias.

E para esses, principalmente, aquelle toque rhytmado de chocalho, de um boi que não parava, que não comia, e que nem sequer tropeçava num barranco ou mesmo batia com o chocalho num ramo secco da vereda estreita, lhes parecêo estranho... tim... tão... tim... tão... tim... tão...

Puzeram-se á espreita, á beira do caminho, por traz de uma grande pedreira, uma trincheira natural e inexpugnavel.

Estou que só assim, seguros, se atreveriam a tocaiar um boi qualquer, que pudesse vir a ser um romeiro...

Não se enganaram.

Do alto, á direita de um velho engenho, desce para o brejo, em baixo, a vereda que conduz ao bebedeiro o gado.

A' esquerda, em frente ao engenho, e um pouco adiante, numa esplanada, velha e grande casa, um solar antigo, em baixo de cujo tecto secular, veio ao mundo um grande revolucionario, um grande patriota e um grande brasileiro: o federalista de 1817, Padre Martiniano de Alencar.

Dali, perto, vinha já o «boi» Ricardo, certo á velha casa dos Alencar, onde previa estarem entrincheirados os seus inimigos.

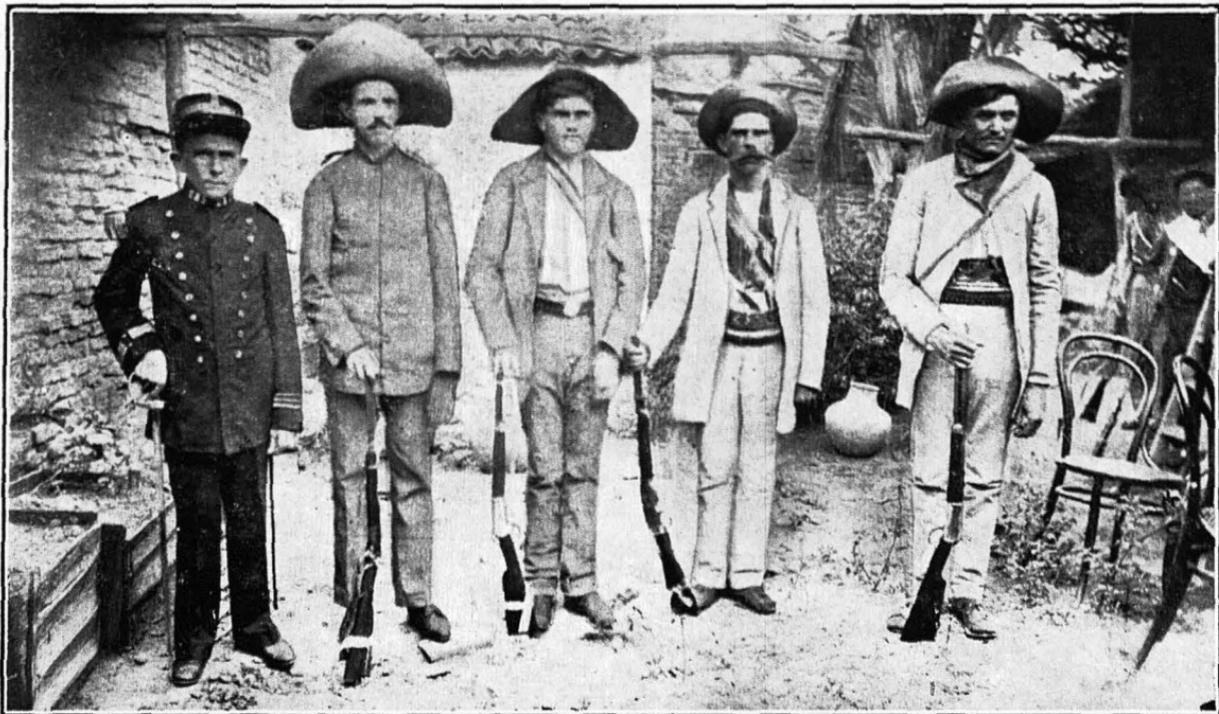
Tim . . . tão . . .

Ricardo, chocalho ao pescoço, rifle na mão en-
gatilhado, seguido pelos seus tres fieis e valorosos
companheiros... todos de cocoras... andando agacha-
dos . . . quase rentes ao chão . . . na vereda estreita . . .

— *Cada um segure o seo*, disse o chefe dos
cabras da pedreira.

É ali mesmo, com um chocalho ao pescoço, e
com seo rifle na mão, finou-se o grande cangaceiro
Ricardo, o mesmo antigo Beato Ricardo que nas ruas de
Joazeiro AJUDAVA A MORRER AOS MORIBUNDOS,
com palavras consoladoras — JESUS VEM GOMIGO,
JESUS VAE COMTIGO E TU VAES COM JESUS . . .
OH! IRMÃO . . .

Mané Côco Secco



Grupo onde figura ao centro, o 3º a partir da esquerda, Tertulliano Santa Cruz, sobrinho do celebre bacharel Santa Cruz de Alagôa do Monteiro, em Parahyba do Norte, e que, dizem, commandava os cabras que mataram o capitão José da Penha, no fogo de Miguel Calmon. A' sua direita está o capitão da Guarda Nacional José Santanna, e á sua esquerda estão os famosos Zé Ferreira do Bigodão e Zé Felipe.

MANÉ CÔCO SECCO

Eu era menino, quando já ouvia falar de uns homens terríveis, que havia no sertão de Pernambuco, na zona de Paguehú de Flores, no Riacho do Navio, especialmente.

Diziam-me que andavam armados, da cabeça aos pés, que sangravam a gente na guêla, e que bebiam o sangue, para ficarem mais valentes ainda, e ferozes.

Appellidavam-nos de JAGUNÇOS ou CANGACEIROS, indiferentemente.

Diziam-me tudo isso, quando eu era criança ainda.

E certa noite, a dormir o somno innocente dos meos sete annos, fui despertado por um forte firoteio!

Assombrado, com o que nunca vira no então pacato Joazeiro do Padre Cicero, ergui-me de um salto, da minha rêde manhosa.

Esfreguei os olhos, dei alguns passos, apurei bem os ouvidos, e certifiquei-me de que não estava sonhando: pei... pei... pá... pá pei... pei... ouvia eu nitidamente os tiros, de mistura com gritos roucos, que não sabia bem se eram de homens, se de demonios.

Passado o primeiro momento de horror, a curiosidade vencêo-me os receios, e arrisquei-me a chegar até á porta, a espreitar o que seria.

Fôra, na rua estreita, um vulto negro passava em marcha apressada, visível, na noite escura que fazia.

Subito, um pouco além, a voz conhecida do Padre Cicero se fez ouvir energica, em meio o espoucar dos bacamartes de uns cangaceiros que tirotejavam uma casa, perto. E ao ouvi-la, ameaçadora, correram espavoridos, de mêdo do castigo que lhes promettia o sacerdote, zangado pelo atrevimento que tiveram de desrespeitar a sua terra santa, de Nossa Mãe dos Dores!

Só ao outro dia se veio a saber que fôra um grupo de cangaceiros vindos do Paguehú, que tentára matar um homem, por uma questão de mulher.

Foi, certamente, essa a primeira vez que cangaceiros de outras bandas pisaram terras do Cariry.

Mas, que vinha a ser um cangaceiro?

Esta a indagação que era em meo espirito infantil, no dia seguinte.

Contaram-me coisas de *sete cabeças*, que elles praticaram em Canudos!

Mas delles, então, sabia apenas as historias.

Porque, até 1904, contrariando a affirmativa do grande Euclýdes da Cunha, nem o Padre Cicero alluciava cangaceiros em Joazeiro (o que, aliás, elle pessoalmente, nunca fez, nem fará) como no Cariry, até

então, não havia ainda banditismo de nenhuma especie. Tanto assim que, quando foi da revolução de Crato, naquelle anno, deante da inercia do governo do Estado, os conspiradores mandaram vi-los de Pernambuco, para poderem atacar o chefe da cidade, que foi por elles deposto.

Mas, pegou a moda . . .

Porque, de logo em deante, o presidente só nomeava prefeito dos municipios o chefe que dispunha, não de mais eleitores, mas sim de maior numero de cangaceiros!!!

Plantou vento para colher tempestade depois.

Ensinou á propria Fortaleza como é que devia fazer politica.

E soffrêo as inevitaveis consequencias.

Foi assim que penetrou, no Cariry e em todo o Estado, o banditismo.

Foi assim que vim eu a conhecer Mané Coco Secco, depois.

De Milagres para Crato, chefiando um bando, viera elle a mando do seo chefe, defender o prefeito daquella cidade e vice-presidente do Estado, que se achava preso. E posto que soubesse já perdido, derrotado, o homem a quem ia socorrer, nem por isso deixou de cumprir as ordens recebidas. Entrou na cidade, á frente dos seos homens, dando vivas a Nossa Senhora dos Milagres, padroeira de sua terra, e a Nossa Senhora da Penha, padroeira do lugar que atacava.

Mas vio que se continuasse a dar combate ás

forças revolucionarias já victoriosas, poderia comprometter a propria vida do chefe a quem ia defender. Resolvêo, pois, render-se, sem comtudo entregar as armas, que, pertencendo aos seos patrões, só a estes entregaria . . .

Tal a bravura com que se portou, que os vencedores acharam de bom aviso manda-lo em paz . . . Era isso, mais ou menos, o que Côco Secco dizia ao Padre Cicero, em Joazeiro, quando delles me aproximei .

Mas, pouco ou nada me interessava a sua conversação. O que só me preocupava era a figura do primeiro cangaceiro que via !

Primeiro olhei para a sua cabeça. Chamavam-no Coco Secco, e, por isso, eu pensava que tivesse a cabeça secca . . .

Tinha-a, porém, normal, como os outros homens.

Foi para mim uma desillusão ! Verifiquei que o cangaceiro era um homem como os demais. E, desde então, perdi-lhe o medo. Hoje descrevendo aqui o Côco Secco, vejo que elle era um cangaceiro á antiga : chapéo de couro pequeno, alpercatas de correia, uma faca de ponta de um gume só, e, apenas, de palmo e meio de folha, uma pistola de espolêta, um bacamarte de pedra e fuzil, que já nem se usa mais, e uma grande cartucheira de couro coberta de pala, cheia de cartuchos de papel, para a carga da arma antiquada.

Os cartuchos eram tubos de papel em que primeiro era collocada uma bala de chumbo, de chifre

de boi, de vela benta, ou de conta de rosario . . . depois uma bucha de cipó *crauâ*, e em seguida, a polvora fabricada pelos proprios sertanejos.

E' interessante como manobram a arma.

Rolando pelo chão, para se livrarem das balas, os cangaceiros cortam os cartuchos com os proprios dentes, põe-nos na bocca do cano, batem-lhe com o coice ao sólo para escorva-la, e eis carregada a arma mortifera.

Teem grande fama os que melhor executam essa manobra, de que, principalmente, depende o exito da lucta travada.

Côco Sêcco era dos mais dextros nesses manejos.

Eram incontaveis os tiros que, assim, dava por minuto.

Mas era um cangaceiro á antiga.

Hoje, com a fama que tinha, se apparecesse em publico com aquelles trajos, dada a evoluçào que tem soffrido o cangaceiro, seria vaiado. . .

Porque já não é admittido no rol dos grandes cangaceiros modernos, os que não manobram o rifle americano, ou mesmo a carabina do Exercito Nacional do typo 908.

Homem de grande coragem, mas não fazendo profissào do crime, Côco Sêcco, parece, tomou os conselhos do Padre Cicero, e trocou seo bacamarte por uma enxada, e foi cultivar a terra, envez de matar gente.

Porque, nunca mais ouvi falar d'elle, e hoje aqui só o descrevo, como uma reminiscencia de minha infancia, por ter sido elle o primeiro cangaceiro que vi no Nordeste, no sertão do Ceará, na zona do Cariry, Joazeiro do Padre Cicero.



Zé Pedro



Zé Pedro, o vencedor de Crato, a 24 de Janeiro de 1914

ZE' PEDRO

Os Pedro são uma família numerosa, que habitá um quarteirão inteiro da rua da Conceição, em Joazeiro do Padre Cicero.

São muitos: Mané Pedro, Chico Pedro, Antonio Pedro, João Pedro, Joaquim Pedro, muitos outros Pedro, e Zé Pedro, o mais velho dos irmãos e o chefe da família.

Conheci muitos delles, homens do trabalho, lavradores de mandioca no chapadão do Araripe, mercadores de cereaes nas feiras do Cariry, artifices de um ou outro officio, carpinteiro, sapateiro, ferreiro, com que se mantinham.

Viviam mesmo com certa prosperidade, de trabalhadores que eram. Mas, ainda que em vida pacata, eram avidos homens decididos.

Não se afastavam da regra, pois.

Porque naquellas terras, para viver, é preciso ter coragem.

E' assim que o agricultor, muita vez, é obrigado, dentro de sua propria lavoura, que tanta vez falta ao homem daquellas paragens flagelladas, a viver de rifle em punho, a matar o gado que a destróe, e a ficár, depois, á espera dos vaqueiros que, quando não inti-

midados, continuam a fazer a engorda dos rebanhos nas plantações dos pobres.

Assim também para o commerciante.

Um bandido qualquer vae á sua casa, e lhe pede dinheiro.

Se é attendido, muito bem.

Se, porém, não o é, ameaça matar o que teve o atrevimento de lh'o negar! . . .

Vae depois para as estradas, como tanta vez fazia o celebre Antonio Silvino, toma-lhe os comboios, vende barato o que lhe convém, distribúe com a pobreza outro tanto, e toca fogo no resto.

Isso, quando não o aggride, ou não o mata.

E' por assim ter procedido sempre, que Silvino foi havido como um perseguidor dos ricos, mas como um bemfeitor dos pobres dos Sertões.

Os Pedro porém, quando agricultores, não são homens para deixar que os rebanhos dos poderosos e dos abastados destruam sua lavoura.

Matam o gado e matarão também os seus donos, se apparecerem a aggredi-los.

Desta sorte, por effeito mesmo da vida que levavam, a mostrar coragem a cada passo, depressa se habituaram á lucta.

Zé Pedro é o chefe do bando.

E dos mais valentes e menos perversos, dos cangaceiros do Nordeste.

Foi elle, á frente dos Pedro, e mais quarenta homens, quem começou o ataque de Crato, em Vinte e tres de Janeiro de 1914.

Tivera ordem, apenas, de insultar a tropa de guarnição da cidade, para fazê-la gastar munição. Mas não se conteve.

Tomou a primeira, a segunda, a terceira trincheiras.

E contra as ordens supremas... mandou chamar os romeiros, e, em vinte horas de fogo, tomou a cidade, enquanto o chefe em Joazeiro dizia: — *Padre, estamos perdidos, aquelle homem é doído, estamos sem munição e elle desobedeceo ás minhas ordens. Reza, Padre... e manda o povo rezar...* dizia afflicto o chefe, enquanto Zé Pedro tomava a trincheira do Barro Vermelho, a do Fundo da Maca e a da Praça do Rosario.

Reza, Padre... E Zé Pedro quebrava as grades da cadeia do Crato e restituia á liberdade o famoso Zé Pinheiro.

Estava victoriosa a revolução do Joazeiro.

Honra lhe seja.

Foi esse *general negro* do Cariry quem vencêo o coronel *branco* de Fortaleza.

Mas é, apenas, um cangaceiro.

E, só por isso, não merecêo ainda as honras de uma estafua...

Certo dia, numa bodega a beber, uns soldados o quizeram prender. Raymundão, se bem me lembro, um soldado valente e desordeiro, foi quem lhe dêo a classica voz de prisão: *esteje preso*.

Antes não o fizera. Porque, certamente, pela primeira vez, sua cabeça soffrêo a consequencia da

sua ousadia, do seu atrevimento de querer prender o mais valente dos Pedro.

Uma forte bofetada, de mão fechada, estalou-lhe tão pesada no ouvido, que elle baqueou, pesadamente, no sólo.

Fechou o tempo.

Cerca de quinze soldados eram presentes.

Zé Pedro, sua arma unica, ahi, era um punhal de tres palmos. Era quanto bastava.

Como, porém, não era perverso, preferio apenas *abrir-ala* . . .

Fôra da tasca, na rua, com o punhal mesmo traçou uma circumferencia, collocou-se de pé, no centro della, e bradou a ameaça terrivel: — *o macaco* (é assim que os cangaceiros chamam os soldados) *que pôr o pé neste risco, morre* . . .

Morria mesmo.

Os soldados tinham plena certeza disso.

E assim, acharam melhor dar por findo o incidente, e continuar a beber com Zé Pedro, camarariamente.

Com um cangaceiro valente, não procede de outra forma a policia dos Sertões. . .

Um parenthesis.

Na Bahia ainda perdura essa reminiscencia antiquada, que os nossos avós trouxeram de Coimbra — o trote.

E' uma velharia antipathica.

De uma feita, um estudante alagoano, antes de Zé Pedro em Joazeiro, lá no adro da velha e gloriosa

Faculdade de Medicina, fez com os collegas, a mesma scena que elle com os soldados.

Apenas, envez de com o punhal, traçou a circumferencia com um carvão, na lagea da calçada.

Depois, no centro della, faca empunhada, bradou tão energico quanto o outro: — *quem puzer o pé neste risco, morre...*

Morria mesmo.

Porque naquelle momento, a differença que ia do estudante da ex-metropole scientifica do Brasil, ao cangaceiro do Nordeste, não passava além da conjugação do verbo...

Como as scenas da vida real se repetem sempre, em todas as esphas da vida social!

De facto, a cidade do Salvador e o sertão do Nordeste cobriram os dois de roupas differentes, na fazenda e no feitiço.

Mas, certamente, o aço da faca do estudante da Bahia é da mesma qualidade do do punhal do cangaceiro do Norte.

Voltemos ao Zé Pedro.

Na chapada do Araripe havia grande plantação de mandioca, e os criadores de Pernambuco acharam que deviam fazer solta de seo gado, na lavoura dos romeiros do Padre Cicero, os desbravadores e cultivadores daquella serra. Foi essa a causa principal do flagello maior da secca de 1915.

Porque o governo de Pernambuco, deante da reacção dos romeiros, mandou para aquella serra uma força de policia para garantir o gado dos criadores

do seo Estado, na destruição da lavoura dos agricultores do Cariry.

Zé Pedro e Mané Chiquinha, seo amigo inseparavel, sós, foram ao encontro da tropa.

E no fogo da Taboca, do embate dos dois com o exercito pernambucano, resultou sahir ferido um porco, o qual, morrendo depois, o official commandante se apressou em indemniza-lo ao respectivo dono ! . . .

Como ensina a ser bom a quem por ella passa a serra Araripe, dos romeiros do Joazeiro. . .

De certo, para Recife, a historia foi contada de modo a realçar a correcção do official commandante da tropa que enfrentou dois cangaceiros e que matou... um porco !

São sempre bem contadas as historias dos soldados que entram no sertão, em busca dos cangaceiros. Lá, porém, se sabe a razão da generosidade e correcção do *bravo* commandante.

Soldado de policia não briga com sertanejo. E o do exercito não devia brigar, porque a Patria o tem para defender seos filhos e não, e nunca, para os trucidar.

Neste sentido, ha um episodio da guerra do Sul muito bem commentado pela ironia ferina do marechal de ferro.

Um commandante telegraphara ao então presidente :

As forças legaes seguem parallelas as revolucionarias.

Lendo em voz alta para alguns amigos esse telegramma, diz Floriano, entre risonho e triste :

Vejam vocês, o Firmino... vae se encontrar com os revolucionarios no pólo...

E' o que fazem os soldados que perseguem os cangaceiros do Norte.

Seguem sempre parallellos a elles.

Antonio Silvino andou vinte annos no Sertão.

E só por traição, e porque perseguido por cangaceiros fardados, veio a ser preso um dia.

Seguindo parallelas aos cangaceiros do Araripe, passaram largo tempo as tropas de Pernambuco.

Emquanto isso, como no *Far-West*, os bandidos, dentre elles, tocavam o gado gordo com a mandioca dos pobres, para os mercados mais proximos.

Teem sido dessa ordem as providencias dos governos do Norte, na repressão ao banditismo.

Zé Pedro bem podia ter chamado á serra o *exercito* de Zé Pinheiro, e com elle expulsar de lá as forças de Pernambuco, que estavam garantindo o gado na destruição da lavoura dos pobres.

Teria assim feito diminuir, um pouco, a calamidade de 1915, prestando mais um grande serviço ao Estado...

Mas não o quiz fazer.

Quiz elle, com seo camarada inseparavel, sós, ousados, nos matagaes da chapada, fazer correr os soldados.

Afeito ás grandes caminhadas, ia pela matáa

densa da chã, até chegar á verêda estreita, onde os soldados eram forçados a passar.

É escondido numa moita, ou trepado numa arvore, de repente, sem ser visto, um tiro.

Era o panico, o terror na soldadesca.

— *Fazia assim por brincadeira; nunca mafei um macaco*, disse-me elle um dia.

Zé Pedro, pois, não é um bandido.

Não toma dinheiro á força, não mata por perversidade, não deshonra, não incendeia. E' um cangaceiro valente, que só briga, ou quando provocado, ou por questões politicas. . .

E' um cangaceiro nobre, a quem lhe sabe muito melhor vencer pela coragem que tem, do que pelos crimes que possa praticar.

Seo physico, de um perfeito cafuz, e seo traço são o do commum dos cangaceiros da zona.

Negro alto, corcunda, tem a cabeça chata, e os cabellos encarapinhados. Testa estreita e franzida horizontalmente, a que se sobpoem uns olhos pequenos e vivos, tem um nariz não muito chato, mas de azas muito abertas.

Face, bocca, dentes e orelhas regulares, a não ser a cabeça, aliás conforme para os de sua raça, não tem nenhum outro estigma physico apparente de degenerescencia.

Traja-se, porém, de cangaceiro, com certa negligencia.

Não é, pois, dos mais enfeitados. Chapéo de couro grande, quebrado na testa, um rifle, um revolver,

um punhal, duas cartucheiras e um sacco de bala, eis tudo para elle, e posto sem preocupação nem vaidade.

Essa rosa, que ahi está em seo chapéo, certamente foi posta por outrem . . . não por elle.

Apezar de normalmente carrancudo, está sempre alegre e risonho, quer na paz, quer na guerra.

No fogo do Buriti, a resistir uma força aguerrida e preparada á espera, fez prodigios.

A povoação conta apenas poucas casas, num lado só de rua.

Perto, um engenho.

E dentro d'elle, entrincheirada, a tropa.

Nem assim.

Um cannival ao lado, agua a dar pelos joelhos, foi o campo da lucta.

Mas elle vencêo.

Fôra buscar generos para os camaradas.

E levou.

Quando briga, quer corra perigo quer não, é, deve ser ainda lá naquelles sertões, sempre alegre, risonho, satisfeito, zombando de tudo, sem nada temer.

Depois, victorioso, admirado por todos, não conta valentia, não reclama gloria para si, nem quer ter superioridade entre os companheiros.

Ha homens assim naquelle meio.

Nem ha como saber por que são cangaceiros.

Não são criminosos natos, não fazem profissão do crime, nem mesmo tem instinctos perversos.

Zé Pedro é um desses.

Se lhe offercerem dinheiro para matar alguém, creio, não o aceita.

E se aceita, não mata.

Em tom de brincadeira, contará depois a historia ao que devera assassinar, sem, comtudo, dizer quem fôra o mandante.

Se lhe mandarem tocar fogo numa propriedade, não o fará, e avisará ao seo dono que se precavenha.

Se lhe mandarem roubar a mulher de um homem qualquer, em hypothese alguma o fará. E estou que nem consentirá, se puder, que alguém commetta esse tamanho crime,

Ha cangaceiros assim.

E, pois, em geral, elles não são tão máos como se pensa e se diz.

Como Zé Pedro, muitos eu conheci, honestos, valentes, nobres.

E, pois, piedade para elles.

Envez de bala e cadeia, um livro e uma escola.



Mané Chiquinha



Mané Chiquinha, que pertencêo ao celebre bacharel Santa Cruz, de Alagôa do Monteiro, da Parahyba do Norte. Como se vê, sua arma predilecta era a carabina do typo 908. E elle a manejava com pericia e com coragem

MANE' CHIQUINHA

O ex-presidente João Machado, por uma questão de capricho, quiz sanear do *cangaço* o Estado da Parahyba.

Juntou sua tropa, munio-a de armamento e de dinheiro, e a mandou para o Sertão.

Entre elle e o celebre bacharel Santa Cruz de Alagôa do Monteiro, havia umas contas a ajustar.

Não é que esse magistrado fosse, propriamente, um cangaceiro, pois um doutor em leis é que, de facto, ainda o é.

Mas sim porque Santa Cruz, na revira-volta politica que então se estava formando no Estado, tinha gente em sua fazenda com que botar abaixo um qualquer governo da Parahyba, mesmo que fosse elle incarnado na pessoa de um João Machado.

Por assim, o energico presidente, o seo primeiro acto foi mandar oitocentos soldados tocar fogo em Santa Cruz, em sua familia, em todos os seos cabras e em todas as suas fazendas tambem.

Se elle não mandou, ao menos, foi o que fez a sua tropa.

Tal qual como Antonio Silvino e seos cabras, lá mesmo nos sertões da Parahyba.

O resultado é que Santa Cruz, da carreira que dêo de Alagôa do Monteiro, veio esbarrar em Joazeiro do Cariry.

Só mesmo debaixo da batina do Padre Cicero poderia escapar o politico, magistrado e revoltoso parahybano.

Cabe aqui relembrar um episodio interessante, por mim presenciado então.

Salvo engano, era de cento e dezenove homens bem armados, a tropa de Santa Cruz, ao chegar a Joazeiro.

Mal vestidos, sujos, cansados, magros, da fome que passaram, abatidos, da lucta que pelejaram (cento e poucos homens para oitocentos soldados), estropeados, da longa caminhada que fizeram (cento e cincoenta leguas de Alagôa do Monteiro a Joazeiro), assim, vencidos, mas salvos, chegaram á presença do Padre Cicero.

Foi uma scena tocante !

Que pensava, que queria, que ideal tinha aquella centena de heroicos guerreiros do Sertão ?

Estou que nenhum delles sabia a razão por que se expuzera á morte !

Em que pensavam naquelle momento era, de certo, na grandeza divina daquelle que lhes salvara a vida e que ali, ante elles, o seo longo bastão na mão esquerda, falava-lhes, em voz pausada e grave, as palavras que todos os dias repete aos seus romeiros :

— *Quem roubou não roube mais, quem é ladrão não se salva.*

Quem deshonrou, não deshonre mais ; os deshonestos pertencem a Satanaz, e quando morrem vão para o inferno.

Quem foi assassino não seja mais ; quem mata o seu proximo não vê nunca mais a face de Deus!

É concluía solemne :

Aqui, nos pés de Nossa Mãe das Dores, ninguém lhes poderá fazer mal.

Mas é preciso que obedecam a vontade Della: troquem o rifle pela enxada e a cartucheira pelo rosario.

Nossa Senhora os abençõe . . .

.....

Quando Santa Cruz foi chamado a agitar o sertão pernambucano, para a «salvação» do Estado em 1911, Mané Chiquinha, entre outros cabras seus, deixou-se ficar no Cariry.

Era elle o typo mais perfeito de cangaceiro que jamais vi.

Homem alto, corpulento, de côr moreno canélla, e de cabellos cacheados.

Olhos grandes e claros, face, nariz e orelhas regulares, um mixto do indio e do branco, num conjunto harmonioso de linhas athleticas, typo raro entre os caboclos do Nordeste.

Podia-se mesmo dizê-lo um homem bonito e sympathico.

Arranjava-se cangaceiro com gosto, esmero e perfeição.

Grande chapéo de couro quebrado adiante e atraz, meio á Napoleão, enfeitado com uma rosa encarnada, e de largo barbicacho, especie de cilha na testa, logo acima das sobrancelhas ; um lenço encarnado posto do pescoço á cintura, servindo de peitoral, um bernal cheio de balas e um cobertor de lã, postos a firacollo ; um patuá e uma cabaça de collo amarrados á cintura, e onde trazia mantimentos e agua para as grandes travessias ; alpercatas de rabicho ; cartucheiras de arma longa e de arma curta ; um grande punhal de dois gumes, cabo de prata e ouro, posto por traz das cartucheiras, ao nivel do abdomen, de cima para baixo, da direita para a esquerda, de molde a ficar o cabo á altura do hypocondrio direito e a ponta para além do quadril esquerdo ; uma pistola *Coll* presa da cintura ahi pela região para-umbelical do mesmo lado ; um longo facão, modelo de baioneta, pendido da anca ; e uma carabina, das do Exercito Nacional, typo 908, sua arma predilecta .

Andava com tudo isso .

Era, pois, um cangaceiro completo, em petrechos, e no principal, que é a coragem .

Em 1915, estudante em ferias, a clinica da cidade sertaneja era toda minha .

Para ella, uma noite eu ia, quando frente a frente topo com Mané Chiquinha . . .

— *E' o Dr. . .* perguntou-me.

— Sim, respondi.

— *Aqui está uma carta que frago pr'a vosmincê,* disse entregando-me a mesma e, fazendo-me um largo

cumprimento com o seo grande chapéo de couro na mão — *as ordens de vosmincê p'ro que der e vier* — desapparecêo apressado na noite escura.

Um calafrio indescrível corrêo-me o corpo todo.

Nao sei mesmo se cheguei a tremer de mêdo do cangaceiro.

Esforcei-me quanto pude por mostrar-lhe que me delle não havia intimidado.

Segui.

Que noite horrivelmente escura!

Na rua Nova, em baixo, eu ia, quando perto, na rua do Cruzeiro, ao lado, um tiroteio começou.

Que impressão terrível a que se experimenta em horas como aquella!

Quiz deixar-me cahir por terra, mas, não só não era decente, senão mais perigoso ainda.

Nessa contingencia, fui andando... pei... pá... tá... fei... os tiros de diversas armas, ao lado, perto, até que entrei em casa amiga.

Mané Chiquinha, o mesmo cangaceiro sympathico, maneiroso, que havia pouco me falara, continuava a trocar tiro com seos inimigos.

Abri, então, a carta.

Ao contrario do que imaginara, era de um amigo, e tratava de um assumpto urgente.

E eu, assim, comprehendí porque m'a entregou tão apressadamente...

Nas luctas que pelejou sempre mostrou sangue frio, bravura e intrepidez.

E, pois, não era apenas um cabra enfeitado.

Era enfeitado e valente.

Depois tornou-se perverso também.

Certo dia um sujeito, desses que só tem de humano a forma, quiz tirar a vida a outro.

Chamou Mané Chiquinha, dêo-lhe cem mil réis e uma burra, e soprou-lhe ao ouvido um nome..

Mas não era só.

Em geral, no Sertão, os cangaceiros só commettam um crime, quando *tem as costas quentes*, isto é, quando tem patrão forte, e de cima na politica. . .

E' simples.

O cabra chega-se para o chefe, e diz-lhe em meias palavras :

— *Fulano me da cem mil reis p'reu dar uma carreira... em Sicrano. Que qui vosmincê acha?*

— *Ganhe seo dinheiro*, responde o chefe (um coronel ou um doutor, nunca um padre).

Se, porém, não quer que matem a pessoa, o chefe responde, também em meias palavras :

Homem, é melhor você não ganhar esse dinheiro. Deixe elle criar seos filhos. Elle até não é tão ruim como se diz.

E com uma resposta dessas o cabra não *ganha o dinheiro*.

Ou se o recebe não dá a *carreira*. . . no sujeito, e engana, assim, a quem lhe pagou.

Essa *carreira*. . . se o tiro pega de geito, no peito esquerdo, onde elles gostam de apontar, vae dar com o sujeito no cemiterio! . . .

Foi o que fez Mané Chiquinha com um individuo meo conhecido, o mesmo para cujo assassinio lhe deram cem mil reis e uma burra . . .

Tendo, certamente, ouvido do chefe o — *ganhe seo dinheiro* — realizou a empreza arriscada . . . privando o homem em quem dêo a *carreira* . . . de criar seos oito filhos! . . .

Em casa amiga, ao lado da sua, uma noitinha, estava elle a palestrar.

Em torno, moças lindas da terra de Iracema, e seos filhos d'elle, a victima, crianças louras, innocentes, a rir, despreoccupadamente, felizes, ao lado do papá.

A luz branca do luar de prata do sertão tornava um lago manso e claro a praça deserta da Matriz.

A sombra dos braços abertos da cruz da igreja, estendendo-se até longe, pela praça fóra, offerencia algum abrigo ao bandido, que sob ella se occultou.

Todas as pessoas que áquella hora estavam nas calçadas a apreciar o luar, viram, na sombra da cruz, um clarão, seguido do estampido de um tiro.

E viram tambem um vulto a correr agachado, quase rente ao chão, como um reptil, para os lados do brejo, desaparecendo.

Debalde as criancinhas chamaram, depois, o seo papá . . .

Deitado numa poça de sangue, varado o peito por uma bala de carabina do nosso exercito, expirou, sem dizer palavra, Paulo Maia.

Que terá sido da sua pobre viuva, com oito fi-

lhos, todos menores, neste anno de secca e de fome no Ceará?! . . .

Mané Chiquinha ganhou os cem mil réis e a burra.

Mas, na serra, no chapadão do Araripe, onde elle com seo amigo Zé Pedro, vencera, antes, um exercito, depois de um barulho que fizera, vinha com tres companheiros, num caminho estreito.

Um cabra qualquer, desses que não levam desaforo para casa, e a quem, havia pouco, elle surrara a facão, por traz de uma moita, á beira da estrada, marcou-lhe com o rifle o peito esquerdo.

Dormio na pontaria, apertou o dedo, vio-lhe a queda, e corrêo pelo matto a dentro.

Depois, os transeuntes que por lá passaram, cumprindo o preceito do catecismo — *enterrar os mortos* — é que lhe sepultaram o cadaver.

Lá na beira do caminho, no chapadão da serra deserta, vê-se uma cruz tosca de madeira numa sepultura.

E' de Mané Chiquinha.

E os sertanejos credulos que passam por ali, firam perto um ramo de flor aggreste e o depositam nos seos braços.

Todos se descobrem deante della, respeitosos, e rezam uma oração em intenção da alma daquelle que, em vida, ouvio do chefe — *ganhe seo dinheiro* — e ganhou o dinheiro e a burra...

O peor é que Mané Chiquinha, mesmo depois

de morto, continúa a cavalgar seo animal por aquellas paragens ermas . . .

E' assim que os viandantes, ao passar á noite por ali, (principalmente nas noites de sexta-feira, dia das almas...) ouvem nitidamente os passos da burra... piriri... piriri... e o *aboio* do vaqueiro .. écô... écô... e o tilintar de centenas de campainhas, como se fosse uma *burra de padre!* . . .

E' um logar *malassombrado*.

A' noite já ninguém passa por ali.

E os que se atrevem a tanto, teem-se arrependido da ousadia! . . .

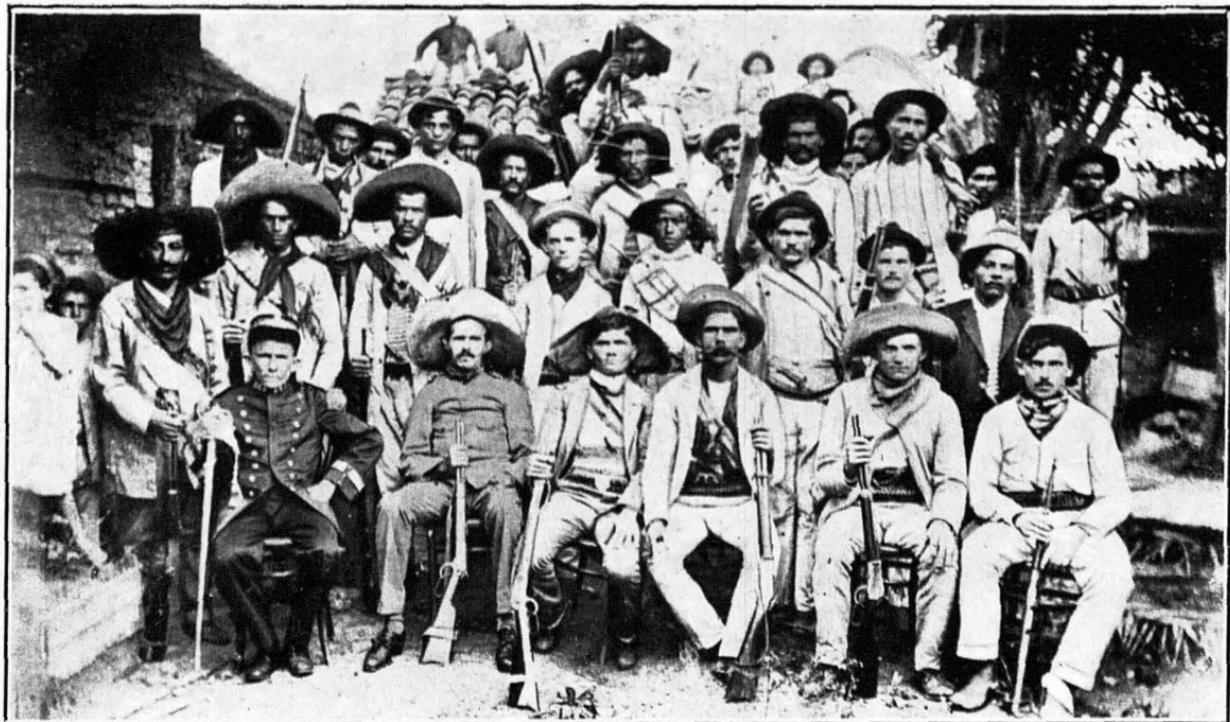
Dizem até que um já ficou doido e que outro desaparecêo...

Não é para menos.

Mané Chiquinha, depois de morto, a correr em sua burra, á meia noite... piriri... piriri... ecô... ecô... estrada em fóra...



Antonio Calangro



Grupo de heroicos guerrilheiros sertanejos, que defenderam Joazeiro, venceram as tropas rabellistas no Cariry, e dominaram todo o Estado na revolução que deo em resultado a volta do Ceará, se não á paz, ao menos á legalidade

ANTONIO CALANGRO

Dos mais perversos, dos mais covardes, dos menos nobres, dos menos generosos, o mais alto, o mais corredor, o mais agil, o mais dextro nas armas e o mais desordeiro dos cangaceiros do Nordeste.

Se não foi o mais valente, foi, ao menos, o cabra mais atrevido que tem pisado nos sertões.

Nunca houve tão corredor, quando tinha medo, nem mesmo o Antonio Silvino; não haverá talvez, outro, cuja figura inspire tanto horror.

Era um negro de dois metros de altura, corcunda (em geral, os cangaceiros quando o não são, naturalmente, fazem-se, artificialmente, corcundas), e com um pescoço de palmo e meio, a suster, como uma estaca, a sua cabeça minúscula, face regular, tendo porem, as orelhas, os olhos e a testa muito pequenos. Tinha os dentes alvos, regulares e regularmente implantados nas gengivas rôxas.

Era um pernaltá, de pernas finas, mas bom corredor, e de longos braços, finos também, em quem um esculápio encontraria, talvez, um acromegálico.

A primeira vez que o vi foi em Joazeiro, numa casa de negócios, a comprar vestidos de chita para

a sua amante Maria Conceição. Seo traço e seos petrechos bellicos, os communs dos cangaceiros de lá. Mas um quê de singular elle havia, que o fazia armar-se de modo original. Seo talhe, de um magro von Hindenburgo, reclamava uma armadura especial.

Elle a tinha proporcional ao seo corpo; tudo grande como elle. De longe, em qualquer parte, mesmo á noite, vagando á tôa, pelas ruas tristes de Joazeiro, á procura de barulho, quem via um espectro alto e fino, corcunda e escuro, a andar em passos largos, dizia rezando o credo — *Lá vae o Calangro*.

E cuidava de fechar sua porta, e se occultar no logar mais seguro da choupana,

Sua casa, a que chamavam *Buraco* (o Buraco do Calangro) ficava na cidade velha, sítio á rua Nova em baixo, perto do arrabalde Malvas. Quando elle subia ao *Arisco*, a parte nova da Ciceropolis, e onde só moram os romeiros do Padre Cicero, contava-se de certo, com a contenda. Ora, uma surra de facção num sujeito cuja cara lhe não agradou; ora, o desrespeito á mulher de outrem com quem dançava nos sambas de lá; ora, ainda (o que succedia sempre), o acabamento da festa, e que começava por elle rasgar a punhal a harmonica, ou quebrar a facção a viola chorosa do violeiro do sertão.

Naquelle meio Calangro estava sosinho e cercado de inimigos, que eram seos, todos os romeiros.

Fechava o tempo.

A luz apagada, numa pequena sala, de porta e

janella estreitas, tiros, facadas, cacetadas, mulheres loucas de medo a correr espavoridas, a cair pelo chão, pisadas, machucadas, umas de ataques, abortando outras, e vozes a gritar, raivosas, explodindo um desejo incontido e um odio mortal:—MATA O CALANGRO. Acabado o samba, passados os primeiros momentos de panico, entre os mortos e feridos, debalde procuravam o bandido!

Alguem que de longe estivesse a olhar o rôlo, pelo buraco da fechadura, havia de ver do meio da balburdia surgir um vulto alto, e logo passar a correr em zig-zag, rapido como o raio e escuro como as trevas. . .

Em certa noite de samba no Arisco, onde houvera um casamento para o qual não fôra convidado, Calangro furou a punhal a harmonica do celebre CAVALLO LASÃO (Antonio Calasans). Dessa vez, porém, a sorte lhe ia sendo um tanto adversa, e elle, para sahir da funcção com o pêlo intacto, vio-se obrigado a correr mais cêdo que de costume, antes mesmo de acabar a festa, que continuou!

CAVALLO LASÃO era um *romeiro* alagoano, mas desses que vão para Joazeiro, não para adorar a Deus, venerar á Virgem, nem render obediencia ao Padre Cicero, e sim viver vida alegre, no rumor intenso da grande cidade do sertão.

Era um cabra branco, baixo, grosso, atarracado, de nariz achaparrado, um cabra pilherico, engraçado, eximio tocador de harmonica e afamado cantador de

desafio. Ainda vive, apesar de ser o homem que já mostrou ter mais desprezo pela vida, que ha pisado por aquellas bandas.

Depois do rôlo, com sua harmonica rasgada pelo punhal insolente de Calangro, Cavallo Lasão jurou vingar-se do negro.

E em ditos e pilherias chistosas, cantou á viola algumas toadas guerreiras, promettendo, jurando, por Deus ou pelo diabo, cortar o rabo do Calangro :

*Do teu couro eu faço sóla,
Da sóla é pra fazer peia,
Das quixada é pra apragata,
Da barriga é pra correia.
A tua carne eu arrefalho,
E nisso faço muito bem,
Vendo a arroba a quatro patacas,
E a libra a quatro vintem,
Vou dando pelo barato,
D'ros pretos comprá tombem.*

E concluia em voz plangente e demorada, acompanhada pelos lamentos penosos da viola chorosa :

*Que triste sina
Desse Ladrão,
Por ser um negro atrevido
Morrêo sem ter confissão.*

Para os romeiros que conheciam Cavallo Lasão através de suas proezas no sertão das Alagôas, aquelles versos eram como um dobre de finados pelo defuncto Calangro :

*Por ser um negro atrevido
Morrêo sem ter confissão . . .*

repetia Cavallo Lasão, chorando, abraçado á sua harmonica querida, rasgada pelo punhal de Calangro.

Era a ameaça terrivel dita em versos improvisados, cantados numa toada maviosa pela voz tremula de raiva do Lasão:

*O Calangro está na loca,
Cavallo Lasão está na liça,
Os urubús lá no céu
Sentem cheiro de carniça.*

Tão seguro estava de que cortava o rabo ao Calangro, que já o achava fedendo a cadaver ou a carniça.

Passado algum tempo, quando já era grande capitão do grupo de Zé Pinheiro, num sabbado, vespera da feira, mandou ao bandido um recado em que dizia o Cavallo Lasão haver quebrado a peia para pisar com o casco o rabo do Calangro, se elle se atrevesse a sahir do *buraco* no dia seguinte.

Oito horas da manhã, domingo, dia da feira, e Calangro, sem nada comunicar aos companheiros, despedia-se de sua Conceição, dizendo-lhe que o Cavallo Lasão quebrara a peia, e que elle o ia pear novamente, com uma bala do seo rifle.

Maria Conceição era uma mulata gorda e sympathica, de dentes alvos de marfim, e de grossos labios rubros, e róxos, sempre a sorrir, e cujo maior orgulho era ser amante do mais valente cangaceiro da zona.

Não podia, pois, admittir que o Cavallo Lasão cantasse de gallo na cidade.

— *Vae meo nego*, disse para o bandido. *bala não se fez para o teo couro.*

Quando todos pensavam impossivel que Calangro enfrentasse o grupo dos romeiros chefiado por Cavallo Lasão, elle, de subito, surge, atrevido, insolente e heroico, na praça da Liberdade.

A feira começara já.

E saccos de farinha, de arroz, de feijão, barracas de miudezas, dunas de sal, montanhas de rapaduras, tudo o de que se compõe a grande feira de Joazeiro, a maior do Brasil, ali estava para o commercio.

Pouca gente havia lá ainda então.

Cavallo Lasão, como promettera, assim fez.

Ao ver Calangro partio para elle bradando:

— *Cavallo Lasão quebrou a peia e vae pisar com o casco o rabo do Calangro.*

Não findou a phrase e, a queima roupa, já dera o primeiro tiro.

Mas, parece, tinha razão a Conceição, bala não se fez para o couro do bandido.

Pulando como um veado, de cocoras, de joelhos, de pé, sentado, deitado, rolando pelo chão, zig-zagueando, aqui, ali, acolá, ora por traz de uma mala de feijão, ora por traz de um sacco de farinha, aqui, amparado numa barraca, lá longe, atrás de um monte de fructas, fazendo de cada pedra que encontrava uma fortaleza de resistencia, assim, sozinho, valente, heroico, resistio o bando, insultando — *Eifa, nego doido damnado, tou te gostando.*

Cavallo Lasão e seos companheiros não lhe deram treguas de um minuto sequer.

— *Eu te piso no rabo, Calangro,* dizia gritando.

— *Eu te boto a peia, Cavallo Lasão,* respondia Calangro.

Èra demais.

Calangro estava só, e, resistir por mais tempo, era suicidar-se.

Valêo-se, pois, das suas longas pernas, e entrou na casa de um sujeito que eu conheço.

— *A casa do home é sagrada,* disse Cavallo Lasão aos companheiros.

Momentos depois, são e salvo, o bandido cahia nos braços grossos de sua amada.

Seos cabras, entre as quaes o celebre Pedro dos Anjos, vulgo *Pedro Pilé*, já o tinham por morto.

— *Ora, eu fiz cá a minha mandinga, bala não entrará no corpo d'elle,* afirmou a Conceição.

E o povo supersticioso cria bem que assim era.

Achava que elle era da *lei da besta-têra*, tinha *pafta com o esmulambado*, se é que não fosse mesmo o proprio Côxo, o *maiorá da Lei do Bode* . . .

Por isso, quando elle passava nas ruas, as mulheres medrosas, sentindo logo um cheiro de bode, e de chifre queimado. . . rezavam o credo, fazendo cruces, e rogavam-lhe pragas: *raio estupor te parta — uma cescavel seja teu fim, Capêta — figa pê de peia* . . .

Mas, Calangro e seo grupo iam perdendo terreno em Joazeiro, ao passo que Cavallo Lasão, por que do partido de Zé Pinheiro, ia ganhando mais fama e prestigio entre os cabras.

Num dia, em que o Cavallo Lasão quebrou a peia, Pedro Mathias, um cabra de Calangro, apesar de avisado, deixou-se ficar na sua barraca da feira.

Era um cabra manso, de andar sereno, que pisava no chão de vagar, sem fazer zoadá, de fala fina e arrastada, olhos de gato, e traiçoeiro como um tigre.

Conheci-o e falei-lhe muitas vezes.

Amando as boas leituras, estavamos eu e o advogado José Ferreira de Menezes, um dia, a ler para um amigo, alguns trechos do Dante, quando o cabra de nós se aproximou, sorrindo, e disse-nos as seguintes textuaes palavras :

— *Eram uns amores damnados, esses do Dan-*

te, do Tasso e do nosso Gonzaga, da Beatriz, da Leonora e da Maria de Dirceô! Eram amores uns damnados!

Certamente, foi arrieiro de estudantes que vinham do sertão para as capitaes e, á sombra de uma arvore frondosa, á beira de um riacho de aguas cressallinas, ouviu-os ler, na hora do descanso, os versos desses poetas que citou.

—*Eram uns amores damnados*, concluia elle depois, ouvindo falar delles, e de suas amadas, que cantaram.

Mas, Pedro Mathias, o cabra letrado, muito embora a ameaça do Cavallo Lasão, deixou se ficar, só, na praça da Liberdade, em sua barraca da feira.

Muitas pessoas lá foram pedir-lhe que se retirasse.

—*Não, hei-de morrer como homem, em meo posto de honra*, (uma barraca) a todos respondia.

Queria assim mostrar que era mais valente que seo patrão!

Um psychiatra veria logo nelle um paranoico!

Que eu saiba, Pedro Mathias nunca praticara um acto de bravura.

No meio dos companheiros era tido por fraco (era um cabra *gallinha*, como o chamava o Mané Galão); e, para o povo, sua passôa, como cangaceiro, ainda era um enigma.

Não tendo ainda feito uma façanha, fez, entretanto, uma loucura, ficando na praça, envez de no *buraco*, com Calangro e os outros.

Do Arisco, da sua *cocheira*, descêo Cavallo Lasão á frente de seo grupo, até a esquina da praça.

E fizeram fogo.

Pedro Mathias ficou em pedaços.

Mas, ao cahir, ferio, com o unico tiro que dêo, o pé de Meia Noite.

Depois, os romeiros piedosos, guiados pelo ingenuo Beato Domingos, o substituto do ex-beato e grande cangaceiro Ricardo, no santo mister de enterrar os mortos, juntaram-lhe as partes do corpo, inclusive tres dedos da mão que foram arrancados pelas balas, e o levaram para a mansão dos mortos, cantando o bemdicto funebre :

No céu, no céu, no céu,

Com minha Mãe estorei.

Calangro nesse dia não sahio do seo *buraco*... ainda quando fôra do seo dever lavar com sangue a honra do seo grupo, vingando a morte do seo cabra.

E era de pensar mesmo que elle de lá não sahiria mais, senão para outras bandas.

Seos cabras, todos elles, inclusive o Pedro Dilé, depois que viram o fim de Pedro Mathias, eram accordes em que melhor fôra ganhar a capoeira do que sahir a topar com o Cavallo Lasão.

Mas, certo dia, numa manhã de sol claro, quando menos esperavam, com surpresa geral, estava Calangro, elle só, em cima, no Arisco, perto da *cocheira*, para os lados do *Morro da Graça*.

Calmamente, atrevidamente, descia a rua do Padre.

De repente, um tiro ferio-lhe . . . o ouvido.

E outro mais, mais outro, muitos outros foram-lhe descarregados.

Fechou o tempo, e elle começou de dansar a sua *dansa macabra*, a *dansa do maldito*, a pular como bode, a arrastar-se pelo chão como um reptil, e depois a correr como um pernalta, que era, quando vio a coisa feia.

Correndo e brigando chegou até á praça.

Cavallo Lasão vinha-lhe no encalço.

Ao chegar á esquina, num movimento rapido, o bandido tirou dos pés as alpercatas de rabicho, e, numa desfilada louca, sem nem olhar para traz, atravessou a praça.

Um minuto mais, e ali chegava Cavallo Lasão, certo de pegar Calangro em campo raso, na praça, onde facil seria pisar-lhe no rabo . . .

Mas o negro quando tinha mêdo não corria, voava.

Tomando-lhe as alpercatas que ali ficaram, gritou-lhe:

— *Vem buscar tuas apragatas, negro.*

— *Sem ellas eu corro mais depressa; de outra vez eu te peio, Egua Lasã,* respondêo Calangro, trocando o sexo de seo contendor.

Os Elias são uma familia de rapazes trabalha-

dores, honestos e pacatos, que nunca brigaram, ao menos em Joazeiro, onde havia muito, moravam.

Da porta do seo armazem, no quadro da fei-a, tres delles apreciavam as proezas de Calangro.

Para ir ao seo *buraco*, o bandido tinha que passar por ali.

E assim, quando se aproximava, um dos irmãos inquirio aos outros :

— *Vamos matar essa peste?*

Acto continuo o *abecaram a punhal*.

Calangro, porém, acovardado, observou-lhes calmo :

— *Vocês não fazem nada me matando. Eu até acho bom deixar este vida velha cansada.*

A intervenção de um terceiro, ainda desta vez salvou a vida ao bandido.

— *Obrigado por está vez*, disse elle.

Mas, a certa distancia, ainda disparou para elles a ultima bala de reserva que lhe restava no rifle de dezoito tiros.

E a carreira, em seguida, foi, certamente a maior de sua vida.

Depois dessas aventuras em Joazeiro, Calangro, saqueando outros logares, foi batido pelo beato Ricardo.

Voltou, então, ao Pagehú, onde, com Pedro Dilé, realizou façanhas admiraveis, de bravura e de desprezo pela vida.

Não havia como mata-lo.

Um cabra seo, de sua confiança, só, poderia fazê-lo.

E dos muitos inimigos que tinha, um houve que se abalançou a vingar-se delle dessa forma iniqua.

Deante de tres contos de reis, seo cabra não resistio, e acceitou a incumbencia.

Certo dia, numa estrada do sertão pernambucano, calvagavam, Calangro, com sua Conceição na garupa, e o cabra que o matou.

—*Mesmo entre companheiros ha traidores*, dizia o cangaceiro Antonio Silvino. E por isso, nunca acceitou em seo grupo um cangaceiro velho, nem jamais dêo as costas, nem aos velhos, nem aos novos.

Mesmo em fogo era o ultimo a correr.

Calangro confiava den eis.

No sertão, a cavallo, Maria Conceição na garupa, marchava elle.

Seo cabra, atraz delle, o rifle descansado na lua da sella, ia marcando o lugar onde deveria fincar-lhe a bala, que lhe ia valer tres contos de reis.

Por vezes pensou mesmo que a força do seo rifle daria para atravessar os dois, Maria e elle.

Mas a cartada era arriscada, e a morte lhe seria certa, se deixasse Calangro apenas mal ferido.

Judas, lá do inferno, está sempre a ajudar os seos irmãos cá da terra, seja elle Joaquim Silverio dos Reis, ou mesmo o bandido do Ceará. . .

E fez que Maria Conceição fivesse necessidade de apear.

Era arriscada a cartada...

Um tiro de rifle estalou, sêco, de quebrada em quebrada, em meio do sertão.

Calangro, com o espinhaço partido, cahio, pesadamente, do cavallo ao sólo.

E morreo.



Pedro dos Anjos

VULGO

Pedro Pilé



Grupo de guerrilheiros photographados em Joazeiro, em 1914. Vêem-se, na gravura, innumeros cargueiros carregados de viveres. E' para o sustento dos vencedores, em sua marcha triumphal' sobre Fortaleza, para onde partiram em fins de fevereiro, e onde chegaram, viram o Mar... e venceram o Coronel Franco Rabello, em abril daquelle anno.

PEDRO DOS ANJOS

VULGO

PEDRO PILE'

Pedro Dilé era um cabra calmo, quando brigava, e valente e perverso, quando tinha raiva.

Tinha o aspecto asqueroso de um demónio: negro alto, forte, robusto, era o typo bem acabado de um perfeito homem de lucta.

O alcool, a que não deixava nunca, tornara amarella a esclerotica de seos olhos pequenos, vitreos, sem luz, e que mais horripilantes ainda appareciam, devido a um grande edema que tinha nas palpebras, que, certamente, o mesmo alcool lhe produzira.

Aposto á cara lisa, com raros pêlos apenas, era-lhe um chato nariz de grandes azas abertas, um nariz «apragatado», por cima de uns labios grossos e rôxos, que se nunca fechavam bem, deixando ver permanentemente de fóra, os seos dentes, todos caninos, e falhos, e pequenos, pregados, enterrados, nas gengivas grossas, vermelhas, sanguinolentas, horrivelmente feias.

Orelhas pequenas, de lobulo pregado ao temporal tambem pequeno, de sua cabeça minuscula, era, accentuadamente, um microcephalo.

Andava coxeando para a direita, o que lhe tornava a figura mais horrorosa ainda, se possivel.

— *Foi uma bala de carabina que um macaco de Febronio (Febronio de Britto) me pregou no joelho, quando eu briguei em Canudos, defendendo o meo Bom Jesus, disse-me elle um dia, em ares de mofa ao seo antigo chefe, o celeberrimo Conselheiro.*

De facto, Pedro Pilé e seo irmão Juvenal dos Anjos sô abandonaram Canudos quando já era morto o seo BOM JESUS, e na vespera de ser tomado o celebre reducto de heroicos guerreiros do certão bahiano.

Antonio Kelé, um famoso rebento dos Carvalho, os tradicionaes inimigos dos Pereira de Pernambuco, mandara o jagunço de Canudos para a revolução de Crato, em 1904, como valioso presente a um amigo seo.

Dali, com seo novo patrão, é que foi elle para Joazeiro, onde o vi, pela primeira vez, a surrar a chicote um pobre ebrio habitual, o Pataca, um vendilhão das feiras, que gastava as suas economias nos balcões das bodegas, onde lhe satisfaziam o instincto de alcoolatra inveterado.

— *Não faça isso, Pilé, eu sou seo amigo, dou-lhe dez mil réis, e lhe pago uma garrafa...*

dizia, supplicante, chorando, o bebado, em sua inconsciente fraqueza, enquanto elle, o perverso, abarcava-lhe o lombo, com lambadas ferriveis, com uma correia trançada de couro crú, de boi, presa de um cabo de madeira.

Era mais uma arma de Pilé, pouco uzada pelos outros cangaceiros de lá.

— *Eu estou vendo fogo azul nos olhos, ai! me acudam pelo amor de Deus, valha-me Nossa Senhora! eu vou dizer ao delegado e escrevo uma carta ao presidente do Estado...* — protestava, chorando, a pobre victima, o miseravel Pataca, um ebrio habitual...

Isso em plena rua, num domingo, dia de feira, o sol aberto no céu, ás cinco horas da tarde.

E ninguem que se atrevesse a ir em soccorro do bebado!

Apanharia tambem!...

No Ceará, nesse tempo, era assim.

No Ceará, e nos outros Estados do Nordeste...

Nesse tempo... e neste tempo, actualmente, agora, hoje mesmo!

E' friste dizer que no Brasil, este paiz civilizado que tomou parte na guerra européa, em nome do Direito, da Justiça e da Liberdade dos povos; nesta republica federativa que faz parte da Comissão Executiva da Liga das Nações, no seculo XX, o seculo do automovel, do aeroplano, do submarino e do

telegrapho sem fio, ainda se passam dessas scenus proprias dos tempos primitivos.

Mas é verdade.

.....

Num samba, numa choupana dos suburbios, vestido como gente, mas armado como sempre, (de fraque preto, pistola, punhal, facão, cartucheiras, o rifle a um canto da sala e o chicote pendurado da parede) eu vi dansando o Pilé.

Quando criança, contavam-me historias do outro mundo, inclusive do inferno, e diziam-me haver lá muitos cães terriveis, o cão *Capeta*, o *Capiroto*, o cão *Cambito*, o *Mulambudo*, o *Côxo*, que é o *maiorá da Lei do Bode*, e outros muitos demonios perigosos. . .

Naquella noite de festa, menino de Collegio em ferias, eu fôra observar os antros das fêras humanas daquellas terras de lá.

E tive a impressão de que, ali, na sala a dansar, manco, estava o proprio cão *Côxo*, das historias do inferno, que me contavam em criança, incarnado na figura macabra de Pedro Pilé.

Ao som da harmonica, numa marcha arrastada, era elle quem marcava a quadrilha.

— *Balancez . . . , já . . . sangez . . . Travessez — balancez, chacum em seos logares . . .*

E lá ia elle coxeando, fazendo roda numa perna

só, agarrado á sua dama... *travessez... balancez... en avant...*

Era a figura de Satan, vestida de fraque, num baile do averno, na propria casa do Maldito.

A horas tantas batêo palmas e — *Chacum em seos logares, ao lado de suas damas*, disse.

E a seguir:

— *Cada cavalheiro, a começar por eu, tem qui dá dez tôes para a muzga.*

De pé, no meio da sala, o cão Côxo puchou do bolso trazeiro do fraque a sua cota e, em seguida, começou a fazer a collecta.

A um sujeito mal encarado, que dansava com uma cabocla nova e bonita, certamente a mais bella das damas do samba, Pedro Pilé, ao cobrar, em ares de gracejo, disse malicioso:

— *Você paga dobrado...*

— *Dois agora não pago, nem dobrado, nem desdobrado*, respondêo o cabra, já em attitude hostile.

— *Ai... ai... ai!... fez Pilé — é porque não tem, ou é porque não qué? Se é porque não tem, eu empresto; mas se é por desaforo não dansa...*

Dansa... não dansa... dansa... não dansa... e apagou-se logo a luz da sala, e o mulherio começou a gritar... e eu não vi mais o resto!...

.....

Zé de Binda, um cangaceiro que nunca matou

ninguem, porque grita mais do que briga, tinha uma velha contenda com o patrão de Pilé.

E de uma feita, num fogo que com elles sustentou, nas margens do rio Salgado, resultou sahir ferida sua patrôa, uma beata! . . .

Eu vi, depois do fogo, o ferimento.

No braço esquerdo, se bem me lembro, uma queimadura de primeiro grão, produzida pela bala quente do rifle de Pilé, de accordo com o que me disse a propria victima, a beata.

Que eu saiba, foi esse o segundo crime de Pilé, em Cariry.

E' dizer que o jagunço, que brigou em Canudos como um heroe, estava se desvalorizando em Joazeiro.

Uma surra num bebado, o Pataca, um ferimento leve numa beata, era, realmente, pouco demais, para quem resistira ás metralhadoras do bravo CESAR MOREIRA (os jagunços não chamam Moreira Cesar), e o heroismo de Febronio de Britto, os dois militares mais falados pelos sobreviventes da tragedia de Canudos,

Uma manhã, no brejo, estava Zé de Binda a trabalhar em sua lavoura, na apanha do arrozal maduro.

Pedro Pilé, que de ha muito o procurava, vindo do sitio Bocca de Cobras, onde morava, avisou-o.

Tê-lo-ia poupado, dessa vez, por vê-lo ali em
seu trabalho honrado?

Não.

Alvejou-o.

Tinha jurado que, no primeiro encontro, veria
Deus por quem era.

É cumprido.

A igreja de Nossa Senhora das Dores era
perto.

Foi o que, dessa segunda vez, valêo a Zé de
Binda.

Corrêo do brejo debaixo do fogo de Pilé e,
quando chegou á praça, Antonio Zidoro e o negro
Benedicto, velhos companheiros d'elle, o alvejaram
tambem, de longe, lá do portão do Mercado Velho.

Mas a igreja era perto, e, em pouco, penetrava
Zé de Binda a sua nave, são e salvo.

Tinha sorte.

Da primeira vez, salvou-o, com o seu proprio
sangue, uma beata . . . da outra, a propria Mãe das
Dores, a cujos pés o vi ajoelhado, contracto, a suppli-
car-lhe . . .

— *Ai! minha Mãe, valei-me!* . . .

O interessante é que se Pedro Pilé não topa o
Padre Cicero no patamar, teria ido mata-lo mesmo
dentro da igreja, ajoelhado aos pés da Virgem.

Em tempo fizera trincheira da egrejinha de Ca-
nudos.

Perdera, pois, o escrupulo.

Para elle tinham o mesmo valor uma igreja e um mercado.

Mas, a presença do Padre acalmou os animos.

Apenas, Maria Kelé, irmã de Zé de Binda, a quem o amor fraternal tornara uma heroína, com quatro pedras nas mãos, desafiava a Pilé para brigar com ella, e jurava que se seo Padre (o cearense não o chama padrinho) ali não estivesse, racharia a pedradas a cabeça delle, vingando seo irmão.

— *Seo Pade, Vosmincê veja essa muié, se não eu corfo a lingua della*, ameaçou Pilé.

Estava bebado.

E seguiram-se os classicos conselhos do velho sacerdote.

Os meos ouvidos ainda conservam, nitido, o som de sua voz pausada e grave:

— *Pedro não beba mais. Quem bebe obedece a Satanaz, e quem obedece a Satanaz não se salva, vae para o inferno.*

O negro fitava o Padre, com um olhar morto, a balançar affirmativamente a cabeça.

E sorria discretamente, á bocca aberta, deixando cahir uma lába espumosa, e a mostrar os dentes sujos, todos caninos, pregados, enterrados nas gengivas vermelhas, de sangue.

Éra satânico.

Senti um verdadeiro horror pelo cabra.

Ali, assim, sem ter mêdo do Padre, até pensei que fosse o proprio satanaz.

Sempre a coxear da sua perna, em cujo joelho tinha encravada uma bala de carabina que recebera em Canudos, ia vivendo, bebendo e brigando, mas sem grandes façanhas praticar, o famoso jagunço do celeberrimo Conselheiro.

Assim, até que Calangro, o famigerado bandido, a cujo grupo passou, depois, a pertencer, appareceu no Cariry.

Até então, em que pese a fama que trazia do sertão bahiano, havia-se duvida sobre a sua coragem.

Por vezes, mesmo, cangaceiros seus amigos, disseram-me só ter elle figura, e nada mais.

O negro Benedicto, porém, cuja historia não conheço, mas pelo pouco que sei della, é um bandido terrivel, de coragem e de perversidade, disse-me, algumas vezes, que, em Canudos e em Pagehú, onde teve occasião de dar fogo com elle, uma vez zangado, perde o juizo, e não teme o perigo, grande que seja.

Dá até para chorar e se morder de raiva, quando não faz o que quer.

Em verdade, disseram-me ter elle chorado uma vez, por não querer brigar com seu irmão Juvenal, com quem se desaviera por uma causa qualquer.

No grupo de Calangro, a dar combate aos primeiros do grupo de Zé Pinheiro, sempre mostrou ser calmo, prudente mesmo, mas valente e ousado, deante do perigo,

Mas onde voltou a ser o que fôra no arraial

de Canudos, foi nas luctas sustentadas por elle e Calangro, no sertão pernambucano.

Em Baixa Verde, para roubar, ou só para fazer disturbios, Calangro teve que enfrentar grandes perigos.

Os cabras do Pagehú, não ha como negar, são os mais valentes de toda a região do Nordeste.

E naquella zona de Pernambuco, ha um trecho que se chama Riacho de Navio, onde, em forma de gente, estão os leões mais valentes, e os tigres mais ferozes que o genero humano possa produzir,

E' cabra do Riacho do Navio—diga-se, e é quanto basta para logo ser tido na conta de um valentão.

Foi lá, que Pedro Pile se mostrou tal como de facto, era.

Num dos fogos foi visto o grupo de Calangro dissolvido, fugido, perdido na Capoeira, e Pedro Pilé a resistir, só, unico, dentro no leito de um riacho sêcco.

— *Vamos Pedro*, gritava Calangro.

— *Não corro com munição*, respoudia Pilé.

E obrigava a Calangro, o chefe, a ficar, medindo com elle calma, coragem, e desprezo pela vida.

Mas Calangro, uzeiro e vezeiro nas carreiras vertiginosas, por isso que amava mais a gloria de viver, correndo, que a de morrer por não correr, insistio :

— *E' tempo...*

— *Em Canudos só fugi quando queimei o*

ultimo cartucho. Assim tambem em toda parte onde dou fogo.

É foi ficando, e Calangro tambem.

Mas por honra da firma.

Dentro no leito de um riacho sêcco, ora por traz de uma pedra, ora num rego mais profundo, aqui, por traz de um monticulo de areia, ali, amparado numa ribanceira, Pedro Pelé foi ficando, resistindo o bando numeroso, sustentando o fogo, que continuava intenso, cerrado.

Acabada a munição, então gritou elle para Calangro:

— *Agora, sim, vamos correr...*

O echo nas quebradas das serras repetio — *correr.*

Certamente, elle, com os ouvidos surdos do longo tirofeio, pensou ter escutado a voz de Calangro.

Mas este, como de seo velho costume, havia muito já, ganhara a capoeira...

Não sei se, no matto, com mêdo de bala, Pedro Pilé anda ou corre a coxear de sua perna.

O que sei é que o jagunço de Canudos, que no Cariry apenas dêo uma surra de chicote no ebrio Pataca e baleou uma beata... tendo estado a pique de apanhar de Maria Kelé, irmã de Zé de Binda, mostrou no Pagehú, que ainda era o mesmo.

Mas não tomou os conselhos que lhe deram, e não deixou de beber cachaça. E, por isso, pouco de-

pois, veio a ter uma morte ingloria, numa contenda sem importancia. Um cabra qualquer, desses que não levam desfeita para casa, e em quem dera de chicote, como fizera com Pataca, encontrando-o bebado, aproveitou a occasião, e atravessou-lhe o ventre com um punhal.

Valente como um leão, nunca chegou a ter os foros disso que lá chamam um grande cangaceiro.

Ha desses cabras assim.

João Chiquinha, em figura, não pôde haver um cangaceiro mais completo.

Mestre João Theotônio, ao contrario, não tem figura, e até parece um cabra fraco, um cabra galinha...

Quando, porém, mataram Ricardo, no encontro do Pão Sêcco, João Chiquinha foi mandado buscar o cadaver do beato e as cascas das balas gastas no tiroteio. Mas, de medo, nem de lá se aproximou.

Emquanto que Mestre João Theotônio, que foi mandado depois, nem só trouxe Ricardo, senão tambem seos tres leaes companheiros mortos no fogo, e, ainda, todas as cascas de balas.

Mas, nem assim, mestre João Theotônio, por não ter figura, para ninguem, parece ser mais valente do que João Chiquinha.

Pedro Pilé reunia os predicados dos dois: tinha figura e tinha, ao mesmo tempo, coragem.

Tinha a figura bem acabada de um perfeito

bandido, e a coragem heroica e feroz, de um tigre real.

Mas faltava-lhe a intelligencia.

E, só por isso, não chegou a ser um grande cangaceiro.

Apenas um cobra calmo, quando brigava, e valente e perverso, quando tinha raiva.



Antonio Vaqueiro

ANTONIO VAQUEIRO

No Cariry, como em outra qualquer parte dos sertões do Norte, o fazendeiro é serio, trabalhador, honesto e altruista.

Alguem, patenteando esta verdade, citou o facto de, numa vaccaria, vinda de outra fazenda, uma novilha de outro ferro que dá quatro crias, tres tomarão a marca do seo dono desconhecido, e uma, apenas, a do vaqueiro.

E' essa mesma a proporção da renda deste com o gado do patrão: de quatro bezerros, um lhe pertence. E passados annos, se lhe apparece o dono, ao envez de uma cabeça, recebe uma manada, filhos, netos, bisnetos da vacca fujona, que lhe desaparecera da fazenda.

E' nobre isso!

Tão nobre quão raro em outras partes.

Ha mais ainda.

Se uma rês qualquer, que fraga ferro desconhecido na redondeza, dá para ladrona, saltando os cercados e devastando a lavoura, tres ou quatro fazendeiros avaliam-na, cotizam-se entre si, fazem uma «ma-

tufagem» da mesma, e a dividem proporcionalmente á cota de cada um.

E quando o dono apparece recebe a quantia exata, por que foi avaliada a sua rês.

E' isso tão nobre e honroso, como commum na velha virtude sertaneja.

Havia muito, ouvia falar de Antonio Vaqueiro e de seos grandes feitos guerreiros no sertão de Pernambuco, na zona de Pagehú de Flôres, donde era.

Numa casa da fazenda, onde estava um dia de inverno, ouvi que pela madrugada viria elle fazer uma «matufagem».

Era uma rês ladrona, avaliada entre amigos, que ia ser abatida pelo celebre cangaceiro.

Resolvi, então, ir ver pessoalmente, o famoso bandoleiro, que tanta fama trazia, das proezas que praticara, em sua terra de guerreiros.

Quando os primeiros albores da aurora eu vi coados pela telha vã da casa de fazenda, e os passaros no verde palmeiral de em torno, começaram os seos gorgeios matinaes, e o gallo, no poleiro além, cantou, soberano, e o jumento *pae d'egua*, no capinzal, perto, zurrou medonho, e a vacca pachorrenta, mugio saudosa do bezerro, no curral, ao lado, e a ovelha triste balou penosa pelo cordeirinho alegre, a saltitar no pateo em frente, não me contive; ergui-me da rêde manhosa, e lá me fui, respirando os puros ares frescos da madrugada, ver Antonio Vaqueiro assassinar um pobre boi ladrão. . .

Fui o primeiro a chegar ao matadouro improvisado num alto, perto, e donde se me descortinou aos olhos deslumbrados um panorama paradisiaco: o brejo do sitio Logradouro, rico de arrozal maduro, de verde cannavial viçoso, de milharal apendoado, de tudo o que ha no fertil Cariry, nos annos de bom inverno.

Além, da outra banda, eu divulgava atravez o crepusculo matinal, a curva sinuosa do riacho Batafeiras, coberto por uma corôa de densos flocos de nuvens brancas, e ladeado de verdes arvores frondosas.

Vaqueiro não chegava.

E eu, dentre os que o esperavam, era sem duvida, o que mais ancioso estava.

De repente, em baixo, no branco areial da estrada, o zurro pavoroso de um jumento se fez ouvir.

Apressado, subia a ladeira o retardatario, montando famoso «jegue» de sella, seo animal preferido para as caminhadas curtas.

— Deus lhes dê bons dias, meos amigos, e desculpem-me se os fiz esperar muito — disse Vaqueiro, descendo de um salto do seo ginête.

Foi uma desillusão para mim.

Já não era cangaceiro, visto como não estava armado, nem tambem vaqueiro, pois que nem vinha encourado.

Era um homem como os outros.

Alegre, sorridente, apertou a mão a todos os presentes.

Que bôa a impressão que me causou o cangaceiro famoso, pelas guerrilhas que fizera nas regiões adustas do norte de Pernambuco!

Não era ali, porém, o cangaceiro; um homem cortez, gentil, delicado, maneiroso, vivaz, indagador, pilherico, engraçado, serio e bom, que tudo isso elle era.

E eu me indaguei a mim mesmo, por que foi elle cangaceiro!

De conversa em conversa, foi chegado o momento da «matutagem», tendo o Vaqueiro durante o trabalho, contado historias de suas façanhas passadas, no tempo em que julgava que o mundo era seo.

Dentre muitas que contou, uma só me calou fundo no espirito.

E' o caso que, certa vez, foi dar uma surra num cabra ruim, com fama de valentão, e que andava falando mal d'elle.

Mas, qual não foi a sua estupefacção quando, ao previni-lo antes, com lealdade, do que ia fazer, elle, o cabra que por traz dizia a toda gente que o ia matar, propoz-lhe, acovardado, tremendo, supplicante:

— «Deixe está, Vaqueiro, não se incommode; dê-me o chicote, e eu mesmo me surro, até você dizer — basta».

— «E pegando do «bacalhão», começou de se açoitar a si mesmo, com suas próprias mãos.

— A cada lambada, dava um salto — pulando no nó da peia — e um grito — «Ai! meo Deus» — «Valha-me Nossa Senhora» — «Ai! Vaqueiro» — gritava, lastimando-se, o cabra mais covarde do mundo.

— O geito que eu tive foi me rir e dizer — basta».

Tal a fama que corria do talento do seo braço, que o cabra preferio, elle mesmo, fustigar-se com suas próprias mãos, a que Vaqueiro fizesse com elle, em suas costas, o que fazia nos quartos do seo bucephalo, quando corria atraz de boi ou de gente!

De uma feita eu vi Vaqueiro a pique de brigar.

Um animal bravo, que montava, arrebentou a coices a porta da casa do velho major Antonio Patricio de Oliveira Tutú, um rebento collateral do celebre Viriato, um dos mais afamadas cangaceiros do Ceará, em tempos já remotos.

— «Cabra atrevido, sua burra quebrou minha porta com os pés, mas eu vou emendar as costas do dono della, com o meo facão,» bradou o velho.

De certo, Antonio Vaquiro, em toda a sua vida nunca tinha soffrido uma tamanha afronta. E por isso, antes, quando brigava, ou quando finha raiva, ficava gago; naquella occasião, porém, era demais; perdêo de todo a fala.

— Q... q... q... q...

E fechava os olhos, e franzia a testa, e fazia carelas. . .

— Q. . . q. . . q. . . quem é você?

*De coca, assentado e nú,
Relampeia fogo azú,
Quem está falando é Tutú.*

Naquelle momento, entretanto, um terceiro, amigo de ambos, já apaziguava os dois, apresentando-os um ao outro. . .

— Ten. . . ten. . . tenho a honra de conhecer.

— E eu também, acudio o velho, acrescentando, porém, em versos improvisados, de repentista que era:

*Faca sem ponta é quicé,
De coca, assentado, em pé.
Homem sem barba é muié,
Entenda como quizé.*

Vaqueiro quase não tinha barba. Mas, ainda assim, limitou-se a soltar uma gargalhada, e, ahi mesmo, em santa paz, dêo por findo o incidente, e ficaram bons amigos.

O povo de Salgueiro, em Pernambuco, em tempo, quiz ouvir, na propria igreja da cidade, uma missa do Padre Cicero.

E tanto fez, que aquelle sacerdote acquiescêo, e lá foi celebrar uma missa, especialmente para elle.

Por esse tempo, Antonio Vaqueiro andava envolvido na mais tremenda lucta em que jamais um cangaceiro se empenhara naquelles sertões.

Tomara o lado dos Carvalho, os inimigos tradicionaes e irreconciliaveis dos celebrisados Pereira do Pagehú. Era o anjo da guarda de uma, emquanto se constituiria o flagello da outra familia.

De logo, nunca mais poupou a vida de um qualquer membro dos Pereira, que lhe cahisse ao alcance do rifle.

Essa sua attitude levou-o a commetter muitos crimes, e fez que os Pereira, numa reunião em casa do famoso padre (Padre Pereira, um padre sem batina) jurassem a supressão de Vaqueiro de entre os vivos.

De uma feita, numa noite escura e trevosa, num caminho estreito, pedregoso e deserto, ia elle montado em sua burra de guerra.

Esta, em dado momento, começou a refugar.

Era logico.

Sentio gente, pelo faro, e avisou ao seo dono.

E' assim que fazem os animaes dos guerreiros.

Elle então presentio o inimigo, adeante, escondido, nas pedreiras do caminho, a espera-lo.

Arma engatilhada, olho vivo, a sondar na escuridão da noite as artimanhas do homem, proseguio, resolvido a matar ou a morrer. Vaqueiro nunca dêo

as costas ao inimigo. Neste ponto foi uma excepção entre os cangaceiros.

Subito, um tirofeio, como sahido de debaixo da terra, ferio-lhe os ouvidos e o corpo.

Mafaram-lhe a burra amiga, que, havia pouco, lhe avisara do perigo que ambos corriam, elle e ella, e quebraram-lhe um braço.

Por terra cahido, encontrou, providencial, um rego profundo, feito pela enxurrada impetuosa da capoeira desnuda, sem arvores.

Com as pernas e com o braço, que lhe restava, manobrou o seo rifle com tanta presteza, e, de gago que era, tão depressa falou, e gritou, e dêo ordens estrategicas a companheiros imaginarios, que os cabras, ao envez de com elle só, pensaram estar a enfrentar um exercito.

E correram.

O sol da manhã seguinte encontrou Vaqueiro saudoso da sua burra, a marchar, de pé, na estrada que conduz á sua casa, com um braço quebrado, mas com vida bastante para matar ainda alguns Pe-reira.

Durante a convalescença, á sua casa, muitas vezes foram ataca-lo.

Fez della uma fortaleza e lá esperava, calmo, o inimigo.

Queriam mata-lo, e era preciso viver.

Resistio, pois.

E vencêo.

Como? . . .

Dizem que Rio Preto, se não o mais valente, no minimo o mais perverso dos bandidos dos sertões, em todos os tempos, ao ser atacado em sua casa, sahia por um subterraneo que ia dar a um riacho, perto, e era de lá, que, a retaguarda, nú, de quatro pés, para parecer um porco, matava, um por um, todos os seus inimigos.

É só por haver um dia, como de seu costume, roubado da propria igreja onde casava, a noiva de um homem decidido, veio a ser morto depois.

O marido ultrajado, privado de sua esposa que, ainda virgem, foi servir de pasto á besta na sua noite de nupcias, em lugar de atacar com os companheiros a cabana do bandido, ficou de longe, trepado numa arvore.

De quando em quando, lá de cima, divulgava na escuridão da noite, o vulto preto de um porco . . . que roncava por ali em torno.

Só ao quebrar da barra pôde ver que o vulto, envez de ser de um porco preto, era do proprio Rio Preto, nú, de quatro pés, a roncar, o bacamarte na mão, atirando, certo, nos seus inimigos.

Apontou-lhe a columna vertebral, e atravessou-a com uma bala, matando assim, como a um porco, o mais feroz dos bandidos do Sertão.

Antonio Vaqueiro, porém, não sei, ninguém sabe, de que estratagemas se valia para vencer o exercito de inimigos que tinha.

O que se sabe é que, depois de cada fôgo, mais um Pereira se ia desta para melhor. . . com um *passaporte* dado pelo seo rifle.

Dizem, foi por esse tempo, que, a pedido do povo do Salgueiro, o Padre Cicero o levou para Joazeiro, onde, convertido, regenerado, nunca mais matou ninguem, nem mesmo fez barulho.

Mas, se foi tudo isso um bem, foi, talvez, um mal tambem.

Na furia em que ia em Pagehú, em pouco acabaria com a raça dos Pereira.

E não feria poupado, certamente, o celebre Padre, o mais famoso delles, e de cuja prole se destaca Luiz Padre, que, com seo primo irmão, Sebastião Pereira, dois rapazolas ainda na casa dos vinte annos, são, actualmente, o assombro dos sertões do Nordeste, comprehendendo o Ceará, o Pernambuco e a Parahyba tambem, lá por perto da zona de Imbuzeiro, a terra, hoje gloriosa, que foi berço natal de S. Ex. o Sr. Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, neste anno da graça de Nosso Senhor Jesus Christo de 1920, nonagesimo oitavo da Independencia, e trigesimo primeiro da Republica.

Foi, pois, um bem, mas foi um mal tambem. . .

Um bem para os Pereira, e um mal para a sociedade. . .

No Cariry, regenerado, convertido, Antonio Vaqueiro não mais matou ninguem, nem mesmo chegou a entrar nas guerrilhas de lá.

Cultivou a terra, criou seus filhos, hoje bons cidadãos, educando-os no trabalho honrado, vivem em harmonia com os homens, e morrão em paz com Deus.

Mesmo para os incrêtos, foi esse um dos milagres reais do Padre Cicero.



Canuto dos Reis



O Turco Candido, em sua transformação de subdito do Pachá de Constantinopla para cangaceiro do Nordeste

CANUTO REIS

Canuto Reis nunca roubou de ninguém um alfinete, sequer.

Mas também, nunca levou para casa um desafôro, por pequenino que fosse.

Elle existe ainda, lá em Joazeiro do Padre Cicero do Cariry, no sertão do Ceará.

E quem duvidar do que eu digo, vá á casa do beato Vicente, que mora na serra do Horto, para o lado dos Carás, e da parte desse homem simples, mas como Canuto, honesto e valente, saberá que elle é bom rapaz, «bão mesmo de bocca cheia».

Não bebe cachaça, nunca fez desordens, não insulta a ninguém, nunca matou a traição, não faz profissão do crime, e só briga, ou por questões politicas, ou por solidariedade com os seus camaradas.

Um dia, a 24 de janeiro de 1914, após vinte horas de fogo cerrado, quando um grupo de romeiros, com o famoso Zé Pedro á frente, acabava de derrotar os soldados e cangaceiros leaes do governo illegal do Sr. Franco Rabello, cansado e faminto, pois havia atirado toda a noite, Canuto chegou-se para um

meo amigo, respeitoso e, até, humilde, e disse-lhe as seguintes textuaes palavras :

— *Seo Pedrinho me empreste dez tostão. Tou morto de fome. Afirei toda a noite e, até agora, o sol a pino, ainda não bebi nem ao meno um golpe de agua*

O primeiro gesto do meo amigo, naquelle momento, não podia deixar de ser de surpresa.

Porque, justamente áquella hora, a mando do vencedor . . . a cidade estava sendo saqueada, apesar dos pedidos e das ordens em contrario do Padre Cicero, que ameaçou de excommunhão a todo aquelle que bebesse cachaça, roubasse a propriedade alheia ou desrespeitasse a honra da mulher do proximo.

Mas Canuto, lendo na physionomia o que se passava no intimo do seo interlocutor, insistio :

— *Seo Pedrinho me empreste dez tostão. Tou vendo que vosmincê se admira deu não tá tambem roubando.*

Mas um cabra de vergonha, como eu, tem corage pra matá cem homes de uma vez, mas não a tem para robar, um vintem, nem que seja do bispo. Isso faz vergonha.

Mate-se um home mas deixe-se a sua familia com a barriga cheia.

E mesmo o meo Padrinho disse que estava excommungado até á quinta geração, todo aquelle que pegasse, nem que fosse numa palha, do alheio.

Mas, seo Pedrinho, aqui pra nós, não é sò os cabras que estão robando não . . .

— OS PATRÃO TOMBEM ESTÃO... E É COISA GROSSA...

Era elle, o sertanejo inculto, analphabeto, que só sabe pegar no cabo da enxada, em tempo de paz, e puchar na alavanca do rifle, em tempo de guerra, quem, sem o saber, tornava-se um anatomista, e ali nas ruas de Crato, armava uma mesa de marmore, para, sobre ella, escarpellar os cadaveres putrefactos dos saqueadores do Cariry...

— OS PATRÃO TOMBEM ESTÃO... E É COISA GROSSA...

Fechemos este parenthesis, rendendo uma homenagem de admiração ao character impoluto do nobre sertanejo e bravo cangaceiro Canuto Reis, o homem de brio e de honra, que, embora vendo o saque a uma cidade indefesa, preferio pedir dinheiro emprestado para comer, a roubar um vintem aos vencidos.

O meo amigo admirado, e até mesmo conhecido, por ver tanta honestidade num cangaceiro, dão qualquer dinheiro a Canuto, e este, agradecendo-lhe, corrêo a tomar uma chicara de café com pão, lá pelos arrabaldes, enquanto os seus chefes e seus companheiros de arma se banqueteavam no centro da cidade, e faziam a rapina ao espolio dos vencidos.

Foi do Barro Vermelho, lá perto de onde, em 1832, foi fuzilado o celebre guerreiro imperialista Joaquim Pinto Madeira, que Canuto Reis, guerreiro republicano, assistio, revoltado, o sa-

que á cidade do Crato, isso que os vencedores acharam de muito bem chamar -- RETAGUARDA.

Não commento esses factos tristissimos.

E apenas aqui os exponho, na rigeza chocante das verdades amargas que elles consubstanciam, porque estão ligados á personalidade do heróe cangaceiro, cuja vida ora descrevo, com fidelidade e com justiça.

Depois, foi em Barbalha, a tres leguas de Crato.

Na vespera, o commandante em chefe das tropas expedicionarias, depois de haver deixado que os romeiros lhe tomassem o famoso obuz, prendêo o deputado Antonio Pinto, vice-presidente da Assembléa Revolucionaria do Joazeiro, quando dali fugia.

Chegado em Barbalha, com o seo refen, mandou tocar reunir, e dos dois mil homens que commandava, ainda conseguiu, durante alguns instantes, apenas, pôr os olhos em cerca de quinhentos.

Desses, escolhêo trinta dos de sua confiança, e, com elles, constituiu o seo estado maior.

A seguir, trepado numa calçada, tendo ao seo lado o deputado Pinto, falou á tropa nos seguintes termos:

— *Camaradas, é triste confessar ; mas o Padre Cicero é quem ganha.*

Os soldados mais espertos, mais sabidos, foram logo dando as costas a elle, e vendo o lugar por onde deviam correr.

O commandante, solemne, imperturbavel, continuou :

— *E' o caso de dizer : Deus é grande, o Padre Cicero é maior, mas o matto ainda é maior que os dois reunidos. . .*

Nesse momento, já eram pelo chão, não menos de trezentos fardamentos completos dos soldados fugitivos . . .

O commandante insistio, calmo :

— *Vocês já não teem mais commandante, pois que, agora, eu só commando aqui ao meo amigo Antonio Pinto*, disse, batendo, amavel, no hombro do deputado.

E proseguio :

— *Cada um cuide de si e ganhe a capoeira. Mas vejam como correm na macambira: pisar bem no olho da bicha, senão ficam com as pernas lanhadas pelos espinhos, e, sem poderem correr, os romeiros os pegam e os levam para Joazeiro...*

Afôra o seo estado maior e o deputado Antonio Pinto, nem mais um soldado ouviu as ultimas palavras da arenga do impagavel commandante.

Todos haviam já ganhado a capoeira . . .

Este, porém, tendo como refen o vice-presidente da Assembléa do Joazeiro, sentio-se garantido, e, com seo estado maior, deixou-se ficar na cidade, ainda algum tempo, bebendo cachaça nas bodegas, até chegar ao ponto de, na sua retirada estrategica, á

frente dos seus trinta soldados de confiança, e com o deputado á sua frente, cantar em voz alta, pelas ruas de Barbalha, a toada que ali ficou cognominada — da derrota :

*Maneiro pão, maneiro pão,
Meo padrim Cirço é quem ganha . . .*

E os trinta soldados do seu estado maior, como elle, todos embriagados, respondiam em côro, dançando á «baiana», e num som brejeiro, e grave, e prolongado :

— MEO PADRIM CIRÇO É QUEM GANHA . . .

E o commandante insistia :

— *Maneiro pão, maneiro pão,*

E virando o rosto em sentido a Fortaleza, batia com o bordo da mão esquerda na curva do braço direito, e concluia :

— *Bananas pr' o Rabello.*

E os soldados, tambem virados para Fortaleza, e fazendo o mesmo gesto immoral, arrematavam, numa suspensão grave :

BANANAS PRO RABEL . . . LO.

A cada intervallo da cantiga guerreira, o comandante dizia ao seo refen :

— *Antonio Pinto, tu és a nossa salvação e, ao mesmo tempo, o nosso unico Christo.*

Ao primeiro tiro dos romeiros és um homem morto. Eu mesmo me encarrego de te sangrar na guêla,

E lá se ia o cortejo . . .

*Maneiro pão, maneiro pão,
Meo padrim Cirço é quem ganha . . .*

Era como um dobre de finados a ferir os ouvidos de um grande lutador.

Sua esposa, havia poucos dias, dera á luz uma criança.

Poderia resistir tamanho choque?

O povo catholico das redondezas, desde logo, começou de, em suas orações, rezar pelas almas dos dois, marido e mulher! . . .

Repetindo os canticos com versos semelhantes, assim deixaram o Cariry os ultimos soldados com que o Sr. Franco Rabello se aventurou a ir CASTIGAR SEVERAMENTE (a expressão é do coronel) o Padre Cicero, lá mesmo em seo pacato Joazeiro.

Dizem que nesse dia o Morro da Graça daqui abrio as suas portas e se illuminou em profusão, enquanto o Sr. Franco Rabello abdicava do seo atheis-

mo que o levou a tirar o *Christo das Escolas* do Ceará catholico, e ia, constricto, á egreja da Immaculada em Fortaleza, e o seo collega de Pernambuco entrava, ás escondidas, na egreja dos «barbadinhos» de Recife. . .

E' que ali nas ruas estreitas, tortuosas, e cheias de altos e baixas de Barbalha, acabava de ser cortada a cabeça a uma hydra politica — A SALVAÇÃO DO NORTE — que ameaçava a existencia de um partido invencivel : O general Pinheiro Machado.

Canuto Reis e os tres mil homens que marcharam sobre Barbalha tomaram a cidade, sem lhes ser preciso disparar um tiro, sequer.

E foi essa a ordem do commando supremo dos revolucionarios de Joazeiro, que, por uma ironia da politica, levaram a terra da Luz, ao regimen da legalidade.

Mas Canuto, revoltado, por estar ali á tôa, visto que, assim como em Crato, não quiz tambem fazer RETAGUARDA em Barbalha, em dado momento dêo um tiro para o ar.

Foi quanto bastou para que os tres mil homens, que ali estavam com vontade de brigar, tambem comesçassem de fazer descargas, celebrando a victoria e gastando munição. . .

O commandante, só em meia hora, conseguiu acalmar os cabras, e fazer cessar o tiroteio.

Depois, zangado com a desobediencia delles e com a perda da munição, gritou em voz alta:

— QUEM DEO O PRIMEIRO TIRO?

Fez-se um silencio absoluto.

Parecia nem respirarem aquelles tres mil homens que ali se acotovelvavam na praça dos Tamarindos de Barbalha.

— QUEM FOI O CABRA SEM VERGONHA QUE DEO O PRIMEIRO TIRO? repetio a voz soturna do chefe. . .

Calmamente, silencioso, cabisbaixo, rubro de colera, mas cheio de respeito, um homem surgiu do meio da multidão, marchou para o chefe, e disse-lhe em voz firme as seguintes palavras:

— SEO DR... NÃO FOI UM CABRA SEM VERGONHA QUEM DEO O PRIMEIRO TIRO. QUEM DEO O PRIMEIRO TIRO FOI UM DE BEM, FUI EU.

Era Canuto Reis.

Foi um momento terrivel, um instante de estupefacção geral.

Rapido, o chefe corre a alavanca do seo rifle americano de seis tiros, e parte para o cabra dizendo-lhe:

— CABRA ATREVIDO, VOCE AINDA TEM CORAGEM DE ME FALAR?

E procurou tomar-lhe o rifle.

Canuto dêo um pulo para traz, e, encostando-se ao tronco de uma velha tamarineira, que lá está ain-

da na praça dos Tamarindos de Barbalha, bradou como um leão :

— VALHA-ME NOSSA SENHORA DAS DORES E MEU PADRIM CIRÇO ROMÃO!

É correndo também a alavanca do seu rifle americano de dezoito tiros, poz a bala na agulha, apontou o peito do chefe, e disse-lhe a ameaça terrível, com os olhos a lançar chispas de fogo :

— SEO DR. . . . SE VOSMINCE PASSAR O PÉ DAHI P'RA DEANTE, POR DEUS QUE NOS OUVES EM COMO A TORA DE CIMA CAHE PRIMEIRO QUE A DE BAIXO...

Admiravel.

Naquelle momento Canuto não enfrentava um homem, apenas.

Ali, elle afrontava tres mil cabras como elle, sob o commando de um homem energico, respeitado, valente e temido.

Mas o cangaceiro nobre, honesto, incapaz de uma traição, incapaz de uma perversidade, o homem debrio, prototypo da velha virtude sertaneja; o homem que vendo seus companheiros saquear uma cidade rica, pedia emprestado dez tostões para comer, sendo valente como elle, era mesmo capaz de realizar tamanho feito de bravura.

É aos olhos de seus tres mil companheiros, apparecia heroico, sublimado, numa posição em que

deveria ter uma estatua, a dizer para o chefe... apontando-lhe o peito com seo rifle:

— SE VOSMINCÉ PASSAR O PÉ DAHI P'RA DEANTE, POR DEUS QUE NOS OUVÉ EM COMO A TORA DE CIMA CAHE PRIMEIRO QUE A DE BAIXO...

Cahia mesmo.

Todos que o conheciam estavam certos disso.

O proprio chefe, já agora, não o duvidava...

E fechou um olho a alguém que o valesse naquella emergencia terrivel.

Esse alguém, era o Turco Candido, um subdito do Sultão de Constantinopla e cangaceiro do Cariry.

Fez que não vio o appello do seo chefe.

Mas Canuto percebendo a manobra, convencêo-se de que o chefe estava só, e aproveitou o momento para tornar a scena pathetica:

— COM UM TURCO EU NÃO GASTO UMA BALA; EU DOU NELLE É DE FACÃO, disse desembainhando o seo *rabo de gallo*.

Ha momentos na vida em que o silencio é mais significativo do que qualquer manifestação exterior do espirito.

Se assim não fôra, Canuto, naquelle instante, teria recebido uma salva de palmas e hurrahs dos seus tres mil companheiros...

Depois, corrêo a Joazeiro a contar sua historia ao Padre Cicero, de quem cumpria as ordens de — NÃO

BEBER CACHAÇA, NÃO PEGAR NO ALHEIO, NEM DESRESPEITAR A MULHER DO PROXIMO.

— VA' LA' PARA O HORTO, E DIGA AO BEATO VICENTE QUE O ESCONDA EM CASA DELLE, teria dito a Canuto o velho sacerdote.

É foi por isso que eu disse, que, quem duvidar do que eu digo, vá à casa do Beato Vicente, que mora na serra do Horto, para o lado dos Carás, e da parte desse homem simples, mas, como Canuto, honesto e valente, saberá que elle é bom rapaz, *bão mesmo de bocca cheia*.

Tempos depois Canuto me foi apresentado.

Desconfiado, falando pouco, não gosta de con-
fôr as suas façanhas.

É modesto, pois.

Temperamento calmo, conversa bem simples, com conceitos muito ponderados, é um typo perfeita-
mente equilibrado.

Não é alcoolatra nem, tão pouco, se dá a vida desregrada de um bohemio ou de um peralta.

É, portanto, um homem de bôa moral.

Dizem que ao poeta verdadeiro não ha como impedi-lo de fazer versos.

Debaixo de outro ponto de vista, foi o que succedeo a Canuto.

Excepcionalmente valente, no meio em que vive, não ha outra maneira de pôr em acção a sua inexcedível coragem.

E foi, certamente, por isso que se fez canga-
ceiro.

Não é, pois, um bandido.

No mínimo, um homem honesto e valente.

Eu o considero um herói.



Chico Pinheiro

VULGO

Senhozinho



A' direita, Antonio Clemente, vulgo **Antonio Godê**, primo de Antonio Silvino, de quem foi companheiro, tendo a sua direita Luiz, um menino, e seo cabra de confiança. **Godê** é o terror dos grandes cangaceiros. A elle respeitavam e temiam, seo primo, Silvino, Calangro, os irmãos Pinheiro, e todos os demaes famosos cangaceiros dos Sertões.

CHICO PINHEIRO

VULGO

SENHOZINHO

A figura macabra de Senhozinho inspirava repugnancia e terror a quem quer que a visse.

Era elle um homem de cor branca, de media estatura, magro mas forte, muito corcunda e esguio.

Um brachicephalo typico, tinha a fronte muito estreita, em contraste com as orelhas grandes, grossas, peludas.

Nas orbitas fundas, encimados de sobranceiras densas, pretas, brilhavam-lhe uns olhos pequenos, negros, vivos, cheios de uma luz brilhante, que lhes emprestava um fulgor especial, causado, certamente, pela irradiação do alcool, seo alimento preferido.

A bocca abria-se-lhe como se fôra um grande talho de bordos vermelhos de sangue, dado em meio á barba densa, de negros fios grossos aparados curtos, o que lhe dava ao rosto uma expressão extranha, horrifica, hedionda.

Tinha a mandibula inferior muito desenvolvida, comprida, fina, e desviada um pouco para a esquerda, sem ser, entretanto, um prognata exaggerado.

Devia ter o peito, o dorso, todo o seo corpo coberto de longos fios grossos, como os homens primitivos, a julgar pelos braços e pernas e mãos e pés, que tudo era negro des pêlos que lhe cobriam a epiderme branca.

Usava um chapéu de couro grande, quebrado para cima na parte do frontal, quebrado para baixo á altura das orelhas, como para encobri-las, e enfeitado por seo cachimbo, que, quando não era na bocca, trazia-o preso, amarrado ás correias do barbicacho.

Esse modo de usar o chapéu, ainda mais comprido e fino, lhe deixava o rosto pallido, esqualido, e mais alvar e repugnante lhe tornava o sorriso zombeteiro em que constantemente estava, a mostrar os grandes dentes regulares, e amarellos, e sujos, da nicotina do cachimbo fedorento, que tinha quase sempre apertado entre elles.

Trazia o rifle preso de uma correia e pendurado ao hombro esquerdo, o que lhe fazia andar inclinado para a direita, e pendurado da cintura a pistola *Colt*, e o facão *rabo de gallo* estreito e longo.

Seo punhal, de tres palmos, de cabo preto e branco, pontagudo e afiado, era atravessado por traz das cartucheiras presas na cintura, bem ao nivel do ventre deprimido, de modo que o cabo lhe ia no peito direito e a ponta dava para fóra da côxa esquerda.

Constantemente embriagado, Senhozinho, apesar de bandido, fingia-se religioso, dizia-se homem serio, romeiro do Padre Cicero, temente a Deus e respei-

tador a todos, grandes e pequenos, mostrando-se sempre mysterioso para os companheiros a quem chamava—*os meninos*.

Nas rodas dos amigos, em casa dos patrões, á porta das pharmacies, em toda parte onde parava, na feira, no mercado, nas tascas, onde quer que estivesse pedia licença aos presentes — *Vosmincês dêem licença e me desculpem*— e puchava o seo punhal de tres palmos, afiado como uma navalha, a reluzir lixado caprichosamente, para com elle cortar o fumo com que enchia o grande cachimbo fedorento que, de tanto usa-lo, já lhe deixara a bocca, de facto, meio torta. Depois, para o limpar, fitando os circumstantes, sorrindo um pouco, a mostrar os grandes dentes amarellos de fera, segurava o cachimbo numa mão, e, com a outra, passava-o vagarosamente, na lingua branca, e larga, e salivosa. A seguir, tirava a alpercata de rabicho de um dos pés, e enxugava-lhe na planta a folha reluzente da arma terrivel.

Era como se dissesse a todos que o viam fazer aquella operação complicada, que, assim mesmo faria, quando depois de o ter mettido na barriga de um sujeito.

Quanta vez o vi fazer aquelle asseio apparatuso, tanta vez me veio á mente essa idéa.

Nem mesmo elle deixava de lamber os beiços, para sentir o gosto do fumo, dando um estalinho com a lingua, como a dizer que sentiria o mesmo gosto com o sangue humano.

Era satânico.

Corcunda, e manso, e calmo, andava sempre a passos lentos, pisando de mansinho, sem fazer ruído, como um tigre.

Sua fala, igualmente mansa, e branda, ora fina, ora grossa, arrastada, dizia-o um homem falso.

— *Como stá vosmiçê seo Fulaninho? Aqui tem seo cabra pra servir seo curuné pro que der e vier.*

Era essa a phrase que Senhozinho tinha para todos os coroneis com quem tratava, com uma voz de lamuria, com uma physionomia de supplica, com gestos de humildade, a curvar-se reverente, a cabeça inclinada para um lado, e a fazer dos olhos vivos de um lobo os olhos piedosos de um cordeiro.

Mas, depois de tudo isso, não podia deixar de mostrar os dentes sujos, atravez de um sorriso alvar, provocado pela contracção forçada dos musculos de sua cara de pão.

— *Hum . . . hum . . . hum . . .* ria-se elle ao chegar-se para os chefes — *os meninos estão là em casa gordos e fortes, mas com sêde . . .*

Sêde aqui, pela entonação que dava elle á sua conversação, significava vontade de brigar, sêde de sangue, por conseguinte.

No meio dos seos, mysterioso, fumando e rindo-se significativamente, estava sempre a demorar o olhar interrogador em cada um, como a sondar-lhes as intenções, se são más quanto as suas.

Não estando bebado, raro dava motivo para arranjar inimigos.

Mesmo para os cabras, seus companheiros, era manso, tratavel, delicado.

De meu conhecimento, nunca houve cabra tão gentil, tão maneiroso.

Não haverá, porém, mais falso.

Uma vez, depois de uma briga na feira, com os Araujo, o vi ajoelhado aos pés do Padre Cicero.

O velho sacerdote dava-lhe conselhos paternaes —FRANCISCO NÃO BEBA MAIS. TENHA FORÇA DE VONTADE, NÃO OBEDEÇA A SATANAZ, FAÇA UMA PROMESSA A NOSSA SENHORA, E NUNCA MAIS PONHA UM COPO NA BOCCA, dizia-lhe, quase supplicante o bom do Padre.

—*Sim meo padrim, meo pae*, respondia o bandido, com ares de humildade, *seja tudo como meo pae qué, eu só atiro nelle se elle sahir na rua...*

Estava bebado.

Mas o Padre não se conteve:—CABRA ATREVIDO, MANDO BOTA-LO NA CADÉIA. . .

E ia dar-lhe na cabeça com o seu longo bastão, que trazia sempre pela mão direita, quando Senhozinho olhou-lhe nos olhos tão humilde, tão supplice —*ai meo pae. . . vosmincê faz de mim o que quizer* — que o Padre, como os presentes, teve-lhe dó.

—*Ai meo padim, vosmincê me dá uns nicks queu stou crecho e ainda hoje não comi. . .*

Era um cynico.

Como me lembro ainda a sua posição de humildade, supplicante, o olhar manso de cordeiro a fitar a figura veneranda do velho sacerdote !

Ninguem naquelle momento lhe negaria uma esmola.

Porque acreditava, como o acreditou o Padre, que, dali por diante, Senhozinho estava convertido.

Mas, foi um instante, apenas.

Logo ao sahir, fóra, na calçada, Senhozinho, já de cachimbo na bocca, e com seo sorriso sinistro nos labios, disse para os companheiros, que o esperavam: *Mennos, o Padre é bom demais, é um santo; nem me botou na cadeia, e, envez de me dar cacête me dêo dinheiro.*

Vamos á taverna ver que gosto tem a canna (cachaça) comprada com o dinheiro delle.

E sahiram todos, sorrindo discretamente, da innocencia do sacerdote e das astucias de Senhozinho.

Foi na tarde desse mesmo dia que o vi no ataque á casa de Araujo.

Senhozinho era um covarde.

Certa vez me disse o João Fialho, um musico cearense, tocador de baixo, que, depois de haver feito o irmão Zé Pinheiro metter o revolver na bainha, lá para as bandas da Lagôa Secca, num sabbado, ao meio dia, num logar deserto, onde não havia quem os apartasse, nunca mais Senhozinho olhou para elle

com um certo olhar muito seo, um olhar zombeteiro e ameaçador, com que, dantes, sempre o fitava.

É o mesmo procedimento teve para com Antonio Godê (Antonio Clemente), um primo irmão do celebre Antonio Silvino.

Depois que Antonio Godê, perante uma centena de pessoas, *brochou* o Zé Pinheiro, nunca mais Senhozinho pôde, sequer olhar para elle. Ficou presa de um tal mêdo de Godê, que perdia a tramontana toda vez que o defrontava, coisa que procurava evitar sempre.

De uma feita, na rodinha da pharmaciã, Senhozinho contava, com bom humor, algumas das suas façanhas.

Estava um dia sem um nickel no bolso, e com uma vontade irresistivel de beber.

— *Eu não sei quem foi que disse ao seo major. . . ulano, que eu ia ganhar um conto de reis pra matar elle. Eu aproveitei. Fui á loja delle e disse assim: Sabe, seo curuné, vou-me embora daqui, vou pra as Alagôas. E elle, branco como uma vela, e tremendo como uma vara verde, disse agora:— pois eu fico com muita saudade, mas se precisar de mim, estou ás suas ordens.— Conversa vae, conversa vem, e acabou entrando cem mil réis para o meo bolso.*

Depois de citar outros factos, começou o bandido de contar os seos feitos no famoso fogo do Pão Preto.

Dizia que, tendo ficado quase só, não sei se Manoel Sucupira, se com Meia Noite, (um dos mais valentes cangaceiros do Nordeste, e de quem é possível ainda se venha a falar muito) trocou o rifle por um bacamarte, carregou-o, elle mesmo, com um maço de prego, dez pedaços de chifre de boi, e um punhado de chumbo graúdo, e poz-se á espera dos cabras, numa garganta da serra.

— *Vinham, seguramente, uns quinze, um afraz do outro, como formiga de roça*, disse.

— *Não sei bem quantos morreram.*

O que sei é que todos tomaram seo quinhão da roqueira, concluiu, sorrindo, gosando ainda ali, o prazer que sentio quando baleara, a traição, covarde, acoitado por traz de uma pedreira, quinze homens de uma vez.

Antonio Godê chegava então, calado, modesto, com ares de bom rapaz que era, e cumprimentou a todos.

Senhozinho estava já de cachimbo na mão, e ia a puchar o punhal para cortar fumo, quando Godê sentou-se como disposto a ouvir-lhe as narrativas guerreiras.

Houve um instante de duvidas.

A presença de Antonio Godê desnorteara um pouco a Senhozinho, que já nem mais puchou o punhal, guardou o cachimbo no sacco e pediu um cigarro a um dos presentes.

Não tendo costume de fuma-lo, ficou desageita-

do, dando cem baforadas por minuto, engasgando-se, tossindo, ora sorrindo sem vontade, ora ficando serio sem motivo, fazendo tudo para disfarçar o mal estar em que se achava, e sem poder consegui-lo.

A um que era na palestra desde muito, perguntou como estava, como ia passando, se a familia ficara bôa; e, por fim, acabou por dizer-se arruinado da barriga, pedindo um remedio ao pharmaceutico. . .

Antonio Godê não disse uma palavra, não fez um gesto, e creio até que se compadecêo do bandido.

Era voz corrente entre os cabras não ser elle valente. Mas eram todos accordes em dizer que era o cabra mais perverso que o sól do Nordeste tem illuminado.

Senhozinho deixou a pharmacia visivelmente doente. Estava pallido, tremulo, offegante, desorientado, sem saber mesmo para onde se dirigisse. Adeante um pouco, ao dobrar a esquina da rua, parou um instante, e olhou para o grupo. Antonio Godê estava e conservou-se de costas para elle.

Era fazer muito pouco caso.

O bandido puchou do cachimbo, accendêo-o, e, antes de partir, estendêo o braço com a mão espalmada para a frente, como quem diz—espera.

Era o melhor que podia ter feito.

Qualquer tentativa sua ali podia ser-lhe fatal. . . .

Antonio Godê é o homem que parece ter nascido para fazer mêdo aos grandes cangaceiros.

Seo primo, o afamado Antonio Silvino, o homem que dominava pela astucia e pela coragem, feras como Baliza, Pilão Deitado, Cassaco, Relampago, Trovoada, e o proprio Tempestade, que teve coragem de pôr uma garrafa deitada na cabeça, para Silvino metter-lhe, com um tiro de rifle, uma bala pela bocca da mesma, Silvino, que, se não era temido, era respeitado e obedecido até por esse javali humano, temia Antonio Godé,

Temia-o, respeitava-o e obedecia-o.

E não era só.

Todos os grandes cangaceiros que conheci no Cariry temiam-no tambem.

Era nesse numero o grande Calangro, o famoso Beato Ricardo, Zé Terto, Zé de Bio, Zé Felippe, Zé Ferreira do Bigodão, e o proprio Cicero Veado, para não citar muitos outros.

Ao meo ver, só Canuto Reis, de todos os guerilheiros do Nordeste, não o teme.

Porque, como elle, é um homem honesto, em quem a nobreza reclama a primasia á coragem, e que sendo incapaz de uma traição, é egualmente incapaz, de uma covardia.

Não era demais, pois que Senhozinho perdesse a tramontona e tivesse dor de barriga quando na presença de Antonio Godé, o heróe.

Creio mesmo que elle não era de todo um homem fraco.

Reunia á coragem commum ao homem forte do

Nordeste a maldade e a malvadez inherentes aos bandidos de Alagóas, os mais perversos do Brasil.

Mas, Senhozinho não era fraco, absolutamente.

A calma com que se portava nos fogos em que se achava, calma que eu vi e admirei no fogo que dêo nos Araujo; a presença de espirito que tinha nos momentos como esse do fogo do Pão Preto, em que trocou o rifle por um bacamarte, para ferir de uma vez, com um só tiro, quinze inimigos, tudo faz ver que elle não era só perverso; era valente tambem.

Certo rapaz, meo amigo, interessava-se muito por uma pessoa em quem uma cangaceira, a Baiá, junta com Mané Azulão, fora dar uma surra.

Senhozinho, calmo, como sempre, fumando o cachimbo, juntamente com Mané Sucupira, impediram a desgraça.

Brochei o Azulão, informou depois ao meo amigo, e quebrava a aza delle se elle tem querido avoar para cima . . .

O Patrãozinho agora me dà uma massinha para comprar fumo,

—É se o Azulão lhe tem quebrado o cachimbo? observei.

Eu quebrava as duas azas delle e elle não podia mais avoar.

De uma feita, com dez companheiros, o vi em combate.

Num domingo, ao fim da feira, na praça da Liberdade, cinco horas da tarde, o grupo penetrou no grande quadro, em marcha apressada.

Senhozinho ia atraz, vagorosamente, sorrindo, antegosando as delicias do fogo que ia dar.

Emquanto os outros, na frente, iam pulando, gritando, dando gargalhadas bestiaes, elle ia atraz rasgando com o punhal de tres palmos, saccoes de cereaes que os vendilhões da feira, na fuga de medo dos facinoras, haviam abandonado na praça.

Furava uma, duas, tres, muitas vezes, e dava-lhe com os pés para derramar. E assim outro e outro.

Como me lembro!

De um sobrado perto, occulto, presenciei a scena.

Repugnava-me, ver ali representada nos saccoes de cereaes, a scena que era capaz de realizar num corpo humano.

Era a propria maldade incarnada numa vaga forma de homem.

Ainda conservo nitida, nos olhos, a sua figura safanica, a tomar chegada da casa do inimigo.

Segurando o rifle com ambas as mãos, marchava, corcunda, agachado, andando ao mesmo tempo de pés e de joelhos, ora com um pé e com um joelho, até chegar no ponto estrategico desejado: a casa do João Trobone, esquina da rua de São Pedro com a praça da Liberdade.

Chegou, amparou-se da calçada, acocorou-se, suspendendo um pouco as calças para não as

romper nos joelhos, levou o chapéo um pouco para o meio da cabeça, e dêo a primeira descarga.

Mesmo em fogo era calmo,

Descarregou a arma, lenta e pausadamente, procurando uma fresta qualquer da porta do inimigo por onde o pudesse surprehender com uma bala do seo rifle. É assim prosequio, calmo, vagarosamente, enquanto os outros não cessavam de atirar um minuto sequer.

Após dar a primeira descarga do seo rifle de doze tiros, afastou-se um pouco.

Como me lembro ainda da sua figura exotica, á luz mortliça do pôr do sol, de pé, concunda, esguio, a carregar de novo o rifle, de vagar, tirando as balas do sacco uma a uma!

A seguir, recostou a arma na perna direita, trançou-lhe por cima a perna esquerda, poz o cachimbo na bocca, pegou do fumo de rôlo, puchou do punhal enchêo o cachimbo, accendêo-o, e começou a firar grandes baforadas, enquanto o fogo continuava intenso, sustentado pelos seos dez companheiros,

Fumando, e manso, e calmo aproximou-se outra vez da calçada, acocorou-se, e nova descarga dêo, vagarosamente, á procura do melhor alvo, uma fresta qualquer da porta do inimigo, por onde o pudesse surprehender com uma bala.

É assim se manteve fumando, descansando, uma meia hora, que tanto durou essa guerrilha que eu vi.

la, assim, indecisa a lucta, até que foram alvejados de retaguarda.

Os outros, alarmados com os tiros sem saber por quem estavam sendo atacados, correram logo.

Senhozinho, não, ficou.

Olhou para o lugar de onde partiam os tiros e continuou a sua descarga. E tê-lo, como dantes, calma e vagarosamente, procurando não gastar a tãa as balas de seo rifle.

Por vezes, propositadamente, as balas que lhe cahiam em torno, cobriam-no de poeira.

Foi então que elle se ergueo, para ir atraz dos outros, nem de vagar, nem depressa, nem propriamente caminhando, nem tão pouco a correr, andando num chouto pesado, numa corrida de bebado, corcunda o rifle na mão e o cachimbo na bocca.

Já então os outros cabras estavam na calçada do sobrado donde, a salvo, presenciara eu todo o fogo.

Senhozinho chegou meio risonho e, tirando o cachimbo da bocca, indagou:

— Quem será? . . .

Emquanto os outros falavam mil palavras, faziam mil conjecturas, e combinavam mil planos estrategicos, elle espreitava, com o olhar de fera, o outro lado da praça, donde haviam partido os tiros.

Eram seis horas da tarde e estava já quase escuro.

Tomaram, emfim, uma resolução qualquer e par-

tiram para cima, para o Arisco, para o *Morro da Graça*, para a casa de Zé Pinheiro.

— Senhozinho seguiu-os atraz, de longe, depois de, por algum tempo, ficar silencioso o logar donde partiram os tiros que os fizeram debandar, e fazer o seo gesto de espera!

Ai do Beato Romualdo se elle o descobre do outro lado da praça, deitado entre os tijolos de uma casa em construcção.

Vi, pela ultima vez, seo vulto sombrio seguir rua acima, confundindo-se depois com as sombras da noite que começava.

Em todas as guerrilhas em que tomou parte, Senhozinho se portava sempre da mesma forma, calmamente, mansamente, sem mêdo e sem pressa.

Foi assim que se portou na guerra do Joazeiro, donde sahiu com grande fama.

Mas, assim mesmo, e por isso mesmo, nem por isso mesmo, deixou de chegar o seo dia fatal.

Premeditara matar Quintino, um homem trabalhador cujo defeito unico era ser valente e honrado.

E lá foi um dia, á sua propria casa, por volta das quatro horas da tarde, só, sem mesmo ter avisado os companheiros, com a intenção segura de perpetrar mais esse crime.

Aproximou-se calmo, sorindo, fumando o cachimbo, e com o rifle engatilhado.

No seo olhar de féra Quintino lêo o que se passava em seo espirito de Demonio.

E ponderou-lhe :

Senhozinho, vâ-se embora. Você ou está bebado, ou está louco, e eu não quero brigar nem com um nem com outro. Vá chamar seo irmão e seos amigos e venha com elles.

Eu nasci foi sô ; disse, e disparou o primeiro tiro.

Mas não teve tempo de correr outra vez a alavanca do seo rifle :

Com o peito varado por uma bala certa, cahio por terra, mordendo com os dentes amarellôs a areia branca da estrada das Malvas.

Momentos depois chegava o Padre Cicero.

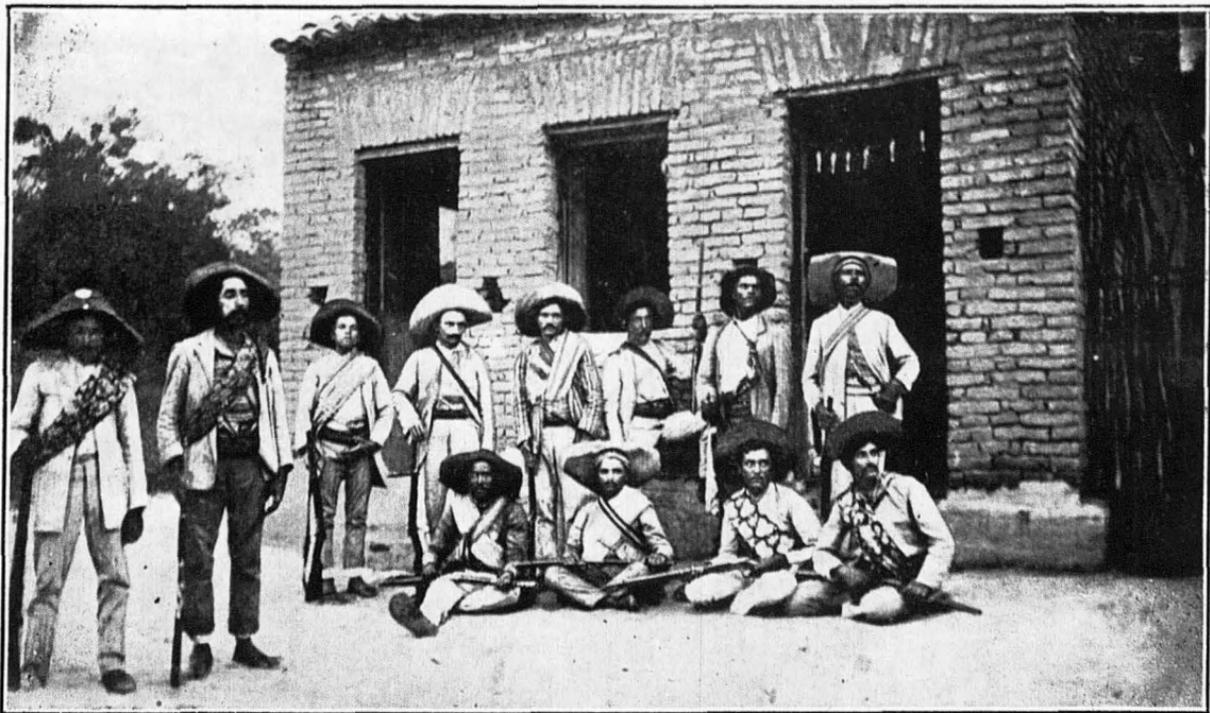
Dêo-lhe a absolvição. E elle morrêo, em seguida, como vivera, calmamente, mansamente, sem dizer palavra, sem dar um gemido.

Senhozinho não era um cabra valente, propriamente. Mas tambem não era fraco, absolutamente. Reunia a coragem commum ao homem forte do Nordeste á perversidade inherente aos bandidos de Alagoas, donde era.

Um bandido completo : medianamente valente, regularmente covarde e supinamente perverso.



Quintino



Grupo dos mais heroicos guerreiros do Sertão do Nordeste, vendo-se entre elles **Quintino**, o 5° a contar da esquerda, tendo á sua direita o ex-beato Chico Andrade, e cercado de seos leaes e valorosos companheiros, em frente á sua casa. Foi dentro della que, com elles, resistio durante vinte e tres (23) horas, o fogo de seiscentos (600) can-gaceiros, e, debaixo de cujo tecto, preferio morrer a correr.

QUINTINO

A zona de Pagehú de Flores, em tempo, foi o maior fóco de banditismo do Nordeste. E ainda hoje, é de lá, principalmente, que os cangaceiros emigram para o Cariry.

Contam-se por centenas, o numero dos que dali se foram em procura do oasis do Ceará e do Nordeste, que é aquelle pedaço privilegiado do sólo cearense, encravado entre os Estados de Parahyba e Pernambuco.

Desde Antonio Vaqueiro, que, em lá chegando, abandonou as armas e cultivou a terra, até Luiz Padre, que, ainda na casa dos vinte annos, é hoje o asombro daquelles sertões, o contingente maior na emigração de cangaceiros para aquella zona, cabe incontestavelmente, áquelle trecho infernal do Leão do Norte.

Antonio Calangro, Pedro Pilé, Zé Pedro, o famoso Benedicto, o nunca assaz gabado Antonio Godê, Zé Luiz e Antonio Zidoro, o Mouco do Teixeira e Antonio dos Anjos do Kelé, Zé Felipe, Zé Ferreira do Bigodão, Sebastião Pereira, primo de Luiz

Padre, o futuroso . . . Cicero Veado, para citar, apenas, os de maior fama, e cujos nomes ora me occorrem, toda essa galeria terrorista é do Pagehú de Flores, do Riccho do Navio, especialmente .

Quintino veio tambem de lá para o Cariry. Mas, como Antonio Vaqueiro, em ahi chegando, abandonou as armas .

Não devia, por conseguinte, figurar neste livro . Porque, de facto e de verdade, elle nunca foi, propriamente, um cangaceiro .

Falo de sua pessoa com respeito, e, até mesmo, com certa commoção . Porque de piedade é o sentimento que me domina a alma de filho que sou daquellas regiões abandonadas, onde uma raça forte, de luctadores e de patriotas, estiola se, vencida pelo meio ingrato, e pelo Estado, que a persegue com o seo despreso .

Vencida, não .

Fôra uma blasphemia dizê-lo .

Em que pese o entrave que lhe oppoem os governos incapazes, e a politicagem desalmada, é ella que vae vencendo, e caminhando lenta, mas progressivamente, para a civilização, que lhe não querem dar, mas que não a podem impedir de alcança-la um dia .

Eu tenho fé no povo emprehendedor, altivo, nobre e patriota do Nordeste .

Os desbravadores da Amazonia, e os conquistadores do Acre, hão de, um dia, conquistar para a

civilização e para a democracia a terra que lhes servio de berço.

O homem do Nordeste é, sem duvida, o mais forte da raça brasileira.

Porque é o que mais calma, paciencia e resistencia offerece na adversidade.

Mas, ao lado dessa qualidade individual, que o distingue entre os demais, elle é, por indole e por educação, fatalista.

Ao nascer ali uma criança é para o que Deus quizer. Pode vir a ser presidente da Republica, e pode se tornar em um Antonio Silvino.

Nasceram na mesma cidade Tiburcio, Sampaio, Farias Britto, Clovis Bevilaqua e Né Viriato, famoso cangaceiro.

Nasceram na mesma villa o actual Sr. Presidente da Republica e Anjo Imbuzeiro, celebre bandido, que, por signal, tomou o nome do logarejo.

Pode-se objectar que assim é em toda parte.

De accordo.

A patria de Tiradentes é a mesma de Silverio dos Reis.

Mas, no Nordeste, é uma feição especial; o homem tem que ser, forçosamente, fatalista.

Fatalista, mas, ao mesmo tempo, ousado.

E ousado e valente.

Sobretudo valente: se é rico, para defender seos haveres; se é casado, para defender a dignidade do seo lar; se tem filhos, para defender a honra de

sua familia; se é nobre, para defender seos brios; se é pacato, para defender-se contra os insolentes; se é bom, emfim, para defender-se contra os mãos.

Quintino tinha um lar, e tinha filhos, era honesto, nobre e pacato, um homem bom, em summa. E foi-lhe preciso tornar-se valente, para se defender contra os mãos.

Foi assim no Pagehú donde era.

Foi assim, tambem, sem que o quizesse, no Cariry, para onde fôra.

Vivia de seos negocios, e era um homem, apesar de rustico, polido nas maneiras, tratavel, prestativo e respeitador.

Um amigo leal, mas um inimigo temivel e terrivel.

Nunca provocou uma briga.

Mas tambem, depois de entrar na contenda, nunca dêo as costas ao inimico, por mais perigoso que fosse.

Sua figura não era nada recommendavel para um cangaceiro.

Tinha, porém, no olhar extranho, e na face assimetrica e feia, a expressão de um demonio.

E em seo peito rachitico pulsava um coração de heroe, onde nunca penetrara o medo.

Das luctas que fora obrigado a pelejar no Pagehú lhe veio grande fama para o Cariry, homem para quem não fôra feito o temor, desses que, ao con-

trario de Antonio Silvino, preferem morrer pelo inimigo, a correr delle.

E assim era, de facto.

Mas, por isso mesmo, ouvi-o dizer uma vez, fugia tanto de briga como o diabo foge da cruz.

Em verdade, annos a fio, passou elle no Cariry, somente de seo trabalho occupado.

Nem insultos ou offensas pessoas lhe fizeram, que o obrigassem a mostrar sua coragem, nem mesmo nenhuma questão lhe reclamou a attenção ou a intervenção naquelle meio irrequieto.

De tal modo se portou, que chegou a abandonar de todo as armas, deixando parecer, aos que o conheciam e lhe admiravam a coragem rara no sertão de Pernambuco, que enfraquecêo ao chegar no Ceará.

Não era tal, e elle o provou depois.

Apenas mudou de vida.

O homem verdadeiramente bravo, raro encontra motivo por que brigar. E Quintino era dos que só entram em lucta, ou para repellir uma offensa grave, ou para não apanhar, ou para não morrer.

Longe, porém, não estava o dia em que lhe seria preciso, sem que o esperasse, volver á vida de outros tempos.

A guerra do Joazeiro, onde morava, foi o motivo azado.

Para a defesa da cidade, foi-lhe confiada a trincheira de Malvas, a mais importante e perigosa, por-

que mais proxima do centro da grande urbs, da matriz, da casa do Padre Cicero, do quartel general do chefe . . .

E elle, para defendê-la, contra os desejos de outrem, quiz apenas vinte annos.

Certamente, velhos amigos e companheiros de luctas inglorias que, antes, fôra obrigado a pelejar na zona do Pagehú, donde sahira para mudar de vida, abandonar o cangaço e viver em paz.

No combate que sustentou com as tropas rabelistas mostrou que ainda era aquelle mesmo Quintino de outrora, valente e calmo, destemido e prudente, heroico e modesto.

Durante o ataque, que foi longo e renhido, nunca um reforço pedio ao chefe, apenas munição. Tanto sangue frio manifestou, e com tal bravura se portou, que o povo da cidade ouvindo o tiroteio seguido, intenso, formidavel, atinando ser na trincheira de Malvas, a por elle defendida, tranquillizava-se, e dormia a somno solto a noite inteira.

— *Estão atacando a trincheira de Malvas?*

— *Então não ha perigo, dizia.*

Chegou mesmo a correr o boato de que o — *Padre Peixoto trouxera do Amazonas dois mil caboco brabo, que estavam tudo nú, de arco e flecha, atacando Quintino. . .* Mas, tanta confiança tinham no heroe, que, aiinda assim, não tiveram mêdo.

Apenas, algumas beatas, ao saberem da noticia, andaram dando uns ataques, não tanto pelo mê-

do das flechas envenenadas, mas pelo receio de vi-rem a commetter o peccado de olhar para um *caboco brabo nú!* . . .

Finda a guerra, em que os romeiros do Padre Cicero, e os bravos sertanejos do Cariry tiraram o Ceará da anarchia em que se achava, e o levaram, se não á ordem e á prosperidade, ao menos, á legalidade, dois homens, em Joazeiro, haviam conquistado maior fama entre os demais: Mestre Luiz, um caboclo cearense, alto, franzino e sympatico, que passa a vida a sorrir, a quem nunca se vio zangado, mas que nunca teve mêdo, que foi o unico chefe de trincheira que teve coragem de ir, FORA DA CIDADE, ao encontro do CANHÃO DO RABELLO, e que, com trinta homens apenas, o tomou a seiscentos soldados, no fogo do alto dos Macacos; e Quintino, o bravo defensor da trincheira de Malvas. Isso, porém, quanto á parte do segundo, não agradou muito aos cangaceiros profissionaes.

Parecia-lhes que a elles, homens do cangaço, é que maior gloria lhes devia caber na guerra em que foram victoriosos.

E assim, de mãos, enciumados, principalmente os irmãos Pinheiro, Zé e Chico, o Senhozinho chamado, não ficaram vendo Quintino com bons olhos.

De rixa em rixa, de trica em trica, de insulto em insulto, chegaram ás hostilidades.

Quintino, porem, só cuidava de evitar a contenda.

Nada, entretanto, pôde impedir que os Pinheiro tramassem na sombra, covardes e perversos, contra a sua vida.

Para logo, disseram-no inimigo dos cangaceiros, dos romeiros, e até do Padre Cicero, de quem, aliás, era Quintino compadre e amigo sincero e devotado.

Nessas condições, não tardou muito a guerrilha, a maior e mais renhida, que registram os fastos guerreiros dos cangaceiros do Norte.

Chico Pinheiro, o cangaceiro bandido, covarde, perverso e traiçoeiro, o prototypo do sicario, foi quem tentou primeiro contra a vida do seo temível inimigo.

Para cair, varado por uma bala assassina no peito, em frente á casa de Quintino, aonde o fôra procurar para mata-lo.

Alea jacta est.

É desde aquelle momento, no Cariry, a athmosphera tornou-se carregada, e o ambiente saturado de um cheiro de polvora e de carniça. . .

Quintino ainda era o mesmo.

Nunca negou combate ao inimigo, por mais temerario que fosse.

A situação era difficil.

Mas, correr não era dos seus habitos.

Mais uma vez iria ver Deus por quem era.

Contemplemos o quadro tetrico.

No chão, deitado na areia branca da estrada,

que lhe serve de leito de morte, e debaixo de um frondoso cajueiro, que lhe serve de tecto, esvaindo-se em sangue, jaz Chico Pinheiro agonisante. A seo lado, de pé, a fronte cahida, cercado de companheiros, está Zé Pinheiro, roendo as unhas, chorando, misturando suas lagrimas com o sangue de seo irmão, ferido mortalmente.

Na porta de sua casa, o rifle na mão engatilhado e fumegante ainda, es'á Quintino a dizer;

— *Fui eu quem matou seo irmão, é seo dever vinga-lo; se é homem, afire.*

Zé Pinheiro olha-o justo nos olhos, baixa a cabeça em seguida, e, sem dizer palavra, continúa a chorar lagrimas sobre o corpo do irmão, nos ultimos momentos de sua curta agonia.

O Padre Cicero chegava então.

Visivelmente commovido, amparado ao seo longo bastão, postou-se de pé junto ao moribundo, a sua cabeça branca inclinada para um lado:

— *Francisco, lembre-se do nome de Deus,* disse.

Senhozinho, em decubito dorsal, já sem o chapéo, sem o cachimbo e sem o rifle, mas ainda com as armas curtas, revolver, punhal e facão, na cintura, abria e fechava a bocca hedionda, deixando ver os grandes dentes amarellos, a respirar em grandes austos, nos ultimos instantes de vida que lhe restavam.

— *Arrependa-se dos seos peccados e perdôe aos seos inimigos,* repetio o venerando sacerdote,

ao tempo em que Chico Pinheiro exhalava o ultimo suspiro.

Foi um momento tragico.

Zé Pinheiro, ao ver o irmão fechar os olhos para sempre, não se pôde conter, e, num impeto de raiva e de odio, batêo mão do punhal e partio como um leão. . .

Para Quintino? . . .

Não; para o ex-beato Chico Andrade, dizendo-o o causador daquella desgraça. . .

Era um covarde? Não. E' que Quintino ainda era o mesmo: . . .

Mas o Padre Cicero era ainda presente, e impedio a lucta de Zé Pinheiro com o ex-beato. . .

— *Quem matou seo irmão não foi elle, fui eu,* acudio Quintino.

— *Cale-se,* disse-lhe o Padre com energia

E a seguir, retirou-se, conduzindo Zé Pinheiro, que ainda chorava, e os seus companheiros.

Em torno á casa de Quintino já algumas dezenas de cangaceiros tomavam posição de ataque, para vingar Senhozinho.

Mas o velho sacerdote, consternado ante tanta miseria, foi, solícito, aonde estavam todos, só á espera de que elle se retirasse. . .

Aqui, deitado num rego mais profundo do terreno, encontrou o primeiro.

— *Mas o que é isso?* perguntou.

— *Ai! meo padrim, porque vosmincê sabe, o Quintino matou o Senhozinho . . .*

— *Vá para casa, homem de Deus, vá rezar o rosario, se entregar a Nossa Senhora, e não obedeça a Satanaz, aconselhou o Padre .*

Acolá, por traz de uma arvore, carregando o rifle, encontrou outro .

— *Vá-se embora para casa, cabra atrevido, se não eu mesmo quebro-lhe a cabeça com este cacete, (referia-se ao seo bastão) dizia zangado o bom do Padre .*

Adeante encontrou outro, além, outro, e outro, muitos .

— *Zé Pedro, até você?*

Vão para suas casas, rezar o seo rosario, entregar-se a Nossa Senhora .

E não se esqueçam nunca de que Jesus-Christo disse que, quem com ferro fere, com ferro será ferido. e que, quem mata o seo proximo não vê nunca mais a face de Deus .

E assim, com humildade, ainda uma vez evitou, ahi, o ataque á casa de Quintino .

Certamente, naquella hora, o velho sacerdote ha de ter pensado que os verdadeiros causadores daquella situação gosavam tranquillamente os proventos da victoria que lhes dêo, emquanto elle se arriscava até a ser varado por uma bala assassina, se, por um momento, a influencia religiosa de sua pessoa, moti-

vo unico de sua força moral sobre aquellas feras, se enfraquecesse.

Conduzio Zé Pinheiro e seos companheiros até á cidade, e os mandou para as suas casas.

Mas o bandido jurara sobre o cadaver do irmão, que o havia de vingar.

Assim, Quintino, em sua casa, com seos amigos, não o esperou em vão.

Esperou-o tranquillo, resoluto, certo de que viria, impetuoso, terrivel, formidavel.

Preparou-se.

Pedio á esposa que o deixasse só com seos amigos e com seos caixotes de bala, pois estava certo de que iria supportar a maior guerrilha que jamais se travara em terras do Nordeste.

Ella, porém, a nada attendêo.

Não poderiam ella e seo filho estar mais bem guardados que sob as suas vistas, de esposo e de pae.

Ficaria.

Confortado pelo amor dessa heroina, Quintino dispoz-se a morrer e a matar, mas não a correr.

Corresponderia á confiança que lhe nelle depositava ella.

Nunca, no Nordeste, lucta mais tremenda por que desigual, foi pelejada entre cangaceiros.

Exercitos de soldados tem estacado deante de um punhado de jagunços. Não havia muito, o bacharel Santa Cruz, em Alagôa do Monteiro, em Pa-

rahyba do Norte, com cento e poucos homens apenas, quase derrotara toda a milicia daquelle Estado.

Mas, guerrilha de cangaceiro com cangaceiro, em lucta assim desigual, vinte para seiscentos homens, nunca fôra travada.

Senhozinho baixou á sepultura por volta das tres horas da tarde do dia tres de novembro de 1914. E uma hora depois, naquelle mesmo dia, Quintino era atacado em sua casinha das Malvas, em cuja frente o leitor o vê, photographado na gravura deste capitulo, com alguns de seus companheiros.

Servio de trincheira aos seus inimigos o mesmo valado donde, havia menos de um anno, elle defendera heroicamente o Joazeiro, contra as tropas rabellistas.

A cidade era deserta, com todas as casas fechadas, e, apenas a voz de João Brigido, um demente, fazia-se ouvir, protestando em altos gritos: *Diabos daquelles cangaceiros damnados, agora afirando o dia inteiro, para deixar a gente aqui preso, sem poder sair para rua . . .*

Começara o fogo com impeto tão formidavel, que ninguem suppoz Quintino capaz de resistir mais de uma hora.

Elle proprio admirado ficou, segundo dizem os seus companheiros, porque jamais esperou Zé Peñheiro fosse capaz de juntar mais de uma centena de homens para ataca-lo.

Lá estavam, porém, com o bandido, cerca de

seiscentos, onde se contavam todos os mais famosos guerrilheiros do Cariry, naquelle tempo.

Eram os Pedro, o grupo do Zé Terto, homem valente, Zé Filippe, seo Luis e seo Antonio, Zé Ferreira do Bigodão, o bravo Cicero Veado, e tantos e tantos outros, que fôra longo enumerar, citando-lhes os nomes afamados.

Zé Pinheiro, louco de raiva, corroido pelo odio, commandava em chefe, mas curvado na trincheira ante a bravura de Quintino, que resistia heroico, animado, esperançoso, amparado nas paredes bombeadas de sua casa, e no amor sublime de sua esposa, essa heroína incognita que, com um filhinho de um mez, estreitado ao collo, carregava um rifle enquanto seo marido atirava com outro.

Deante do heroismo dos dois, marido e mulher, os amigos de Quintino juraram por aquella criancinha innocente que, preferiam morrer com elle a fugir sem elle.

Foi uma scena tocante.

As almas bem formadas, os homens de bem da cidade, sem ter para quem apellar, eram constrangidos a ver, impotentes, o assassinio barbaro, frio, premeditado de um heróe.

Não raro, entre os proprios cangaceiros que por solidariedade com Zé Pinheiro o atacavam, era ouvido; — *A um homem como Quintino não se mata.*

Dizem mesmo que muitos atiravam para o ar, em vez de para a casa delle.

Estava indecisa a lucta.

Ia-se o dia com o sol que, entre os listões vermelhos, cor de fogo, do poente, fugia vagaroso, preguiçoso, para traz dos altos montes do Horto e da serra Grande, o velho Araripe lendario, em cujos contrafortes escarvados, que se estendem pelo Cariry fóra, um seculo de luctas e revoltas é já passado, e o fogo continuava.

Chegara a noite sombria, e, por entre as arvores de em torno, quem de longe estava na cidade escura, via tochas de fogo, rapidas como raios, irem-se pregar nas paredes da casinha de Quintino.

Deitada em sua rede, calma, tranquilla, confiante, segura no seo heroismo, sua esposa fazia dormir, aalentando-o com cantigas maviosas, o seo filhinho de um mez.

Situação dolorosa: ia faltar munição.

Mas a noite protectora ali estava, escura, tenebrosa, para salva-los.

Um dos amigos iria á cidade busca-la, disse Quintino. E todos, a um tempo, se promptificaram a fazê-lo.

No meio de outra gente, certo, um chefe experimentado não poderia confiar: iria para não voltar. Mas, dos homens de Quintino, qualquer delles, se não voltasse, é porque teria morrido. Podiam rezar-lhe pela alma.

Meia noite.

O ventinho costumeiro dessa hora, a brisa fresca do mar, que sobe pelo valle do Jaguaribe, do Aracaty ao Cariry, annunciou a madrugada.

E depois de alguns minutos de fogo mais intenso, um dos amigos do heróe, rente com chão, como uma serpente, encaminhou-se para a cidade.

O fogo continuava, ora mais, ora menos vivo, até que, ao quebrar da barra, quando as nuvens cor de chumbo do nascente, desfeitas pelo vento da manhã, deixavam ver os albores da aurora annunciando a volta do sol, o mensageiro de Quintino voltava tambem, trazendo com a munição, a esperança de vida e de victoria aos companheiros.

Com o sol no oriente nascia o novo dia, encontrando os dois grupos, cada um em seo lugar, firmes, sustentando o tiroteio, com a mesma impetuosidade como o começaram, havia quatorze horas.

Meio dia, o sol no zenit, e a esposa de Quintino, essa heroína occulta na modestia de sua humildade, havia já preparado o almoço do marido e de seos companheiros, que, famintos, abatidos no corpo, de uma noite inteira de luctas, mas fortes no espirito, por uma noite inteira tambem de heroismos, comeram uns, enquanto os outros sustentavam o fogo.

Duas horas da tarde.

E uma tristeza profunda se apoderou de Quintino.

De novo ia faltar-lhe munição. E longe estava

ainda a noite que, só, o poderia salvar, protegendo em suas trevas quem na cidade a fosse buscar.

Pela primeira vez em sua vida as lágrimas lhe chegaram aos olhos.

E seus cabras, os seus amigos fieis, valorosos, heroicos, dedicados, choraram também com elle.

Sahirem da casa, para o campo raso de em torno, seria suicidarem-se todos. Da trincheira, perto, ao abrigo de qualquer perigo, os seus inimigos os matariam um a um.

Não era tanto por elle, que em casa os esperaria, para decidir na arma branca, se a tanto se atrevessem.

Era por seu filho, era por sua esposa, que Quintino temia.

Esta, com o fructo do seu amor nos braços, convidou-o — *Vamos.*

E elle, o heróe, obdecêo, e em prantos, como uma criança, começou de preparar sua primeira fuga.

Mas a fatalidade das coisas é, por vezes, caprichosa.

Corria entre os cabras que Quintino tinha introduzida no corpo, dentro no peito esquerdo, uma hostia consagrada, que roubara do altar de uma egreja em Pernambuco.

E é sabido entre o povo que Joaquim Pinto Madeira, o celebre guerreiro imperialista de 1832, por ter também uma hostia, não no corpo, mas apenas pendurada do pescoço, por mais que o trucidas-

sem no patíbulo erguido em Crato, especialmente para elle, só foi possível mata-lo, depois que o separaram della! . . .

Mas dizem tambem que, para esses homens de *corpo fechado*, ha o recurso da bala feita de vela benta, ou de conta de rosario, e atirada da torre de uma igreja.

Foi assim que fizeram.

A capellinha de S. Miguel, construida pelo Beato Antonio, fica perto da casa de Quintino.

E de lá, dizem, Zé Terto o alvejou.

Não se tem certeza disso.

Sabe-se apenas que, ao passar em frente á porta trazeira de sua casa, nos preparativos da fuga, uma bala certa e fatal o ferio pelas costas.

— COVARDES. . . disse.

E cahio nos braços da esposa.

E morreu.

Seos amigos avivaram, então, o tiroteio, com a munição que restava, enquanto sua mulher o deitava no chão da sala de jantar, e cobria-lhe o corpo amado com um lençol branco, de algodão.

A seguir, accendêo duas velas, poz-las em dois castiçaes, e as collocou á sua cabeceira.

Foi ao berço do innocente filhinho, e com elle estreitado ao collo, beijou pela ultima vez a face gelada do esposo adorado.

— *Ficaria para morrer ao seo lado, se não fosse mais humano salvar-lhe o filho, que o poderá*

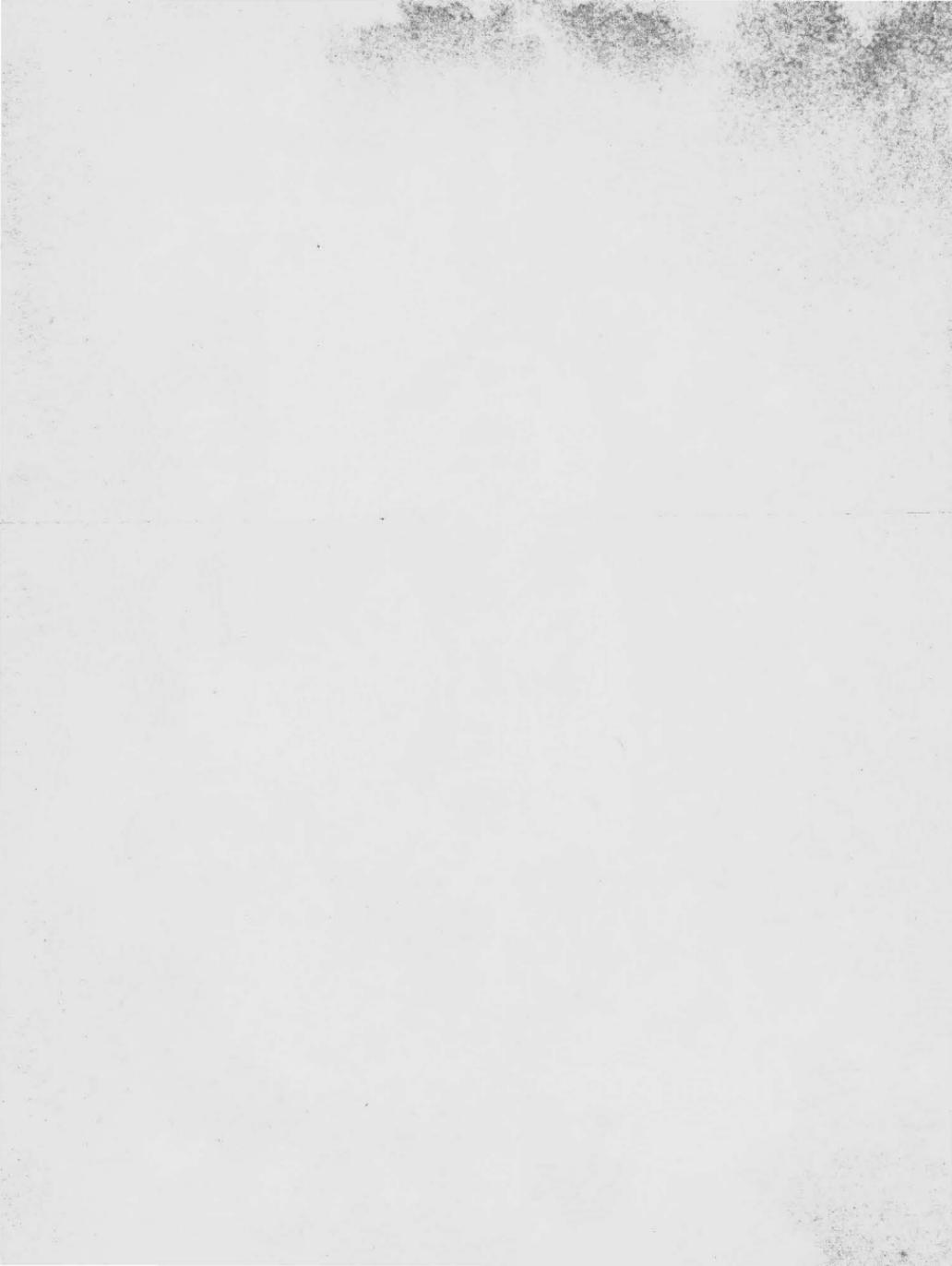
vingar um dia, disse ; e fugio com elle ao collo, amparada pelo fogo dos heróes amigos de Quintino que queimavam os ultimos cartuchos .

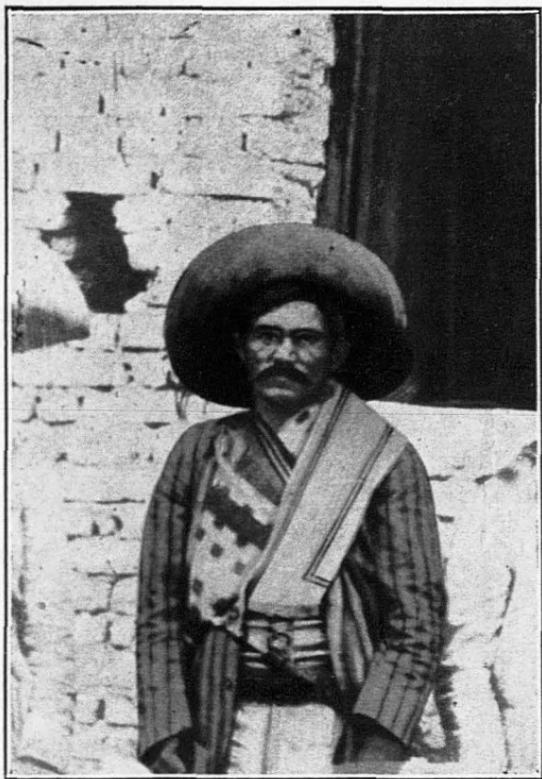
Alguns momentos após uma mulher, com um filhinho nos braços, saltava o muro da casa do Padre Cicero, enquanto vinte homens, vinte heroicos guerreiros do sertão do Nordeste, com os olhos em lagrimas, davam o beijo de despedida na face cadaverica do seo amigo e chefe .

Pouco depois, no silencio de uma tarde triste, depois de vinte e tres horas de fogo, Zé Pinheiro transpunha a porta da casa, não já de Quintino, mas do seo cadaver .

E cuspiu-lhe no rosto do homem, para quem, antes de o matar, nunca tivera coragem de olhar frente a frente . . .

Zé Pinheiro





Quintino, o heróe, cuja lingua, Zé Pinheiro, o anthropophago, depois de o matar, quiz comer com aguardente.

ZE' PINHEIRO

Quando o bravo Zé Pedro, o vencedor das tropas rabellistas em Crato, a vinte e quatro de janeiro de 1914, (precisamente dois annos depois que o Desembargador Nogueira Accioly fôra por elles deposto do governo do Ceará) quebrava as grades da cadeia daquella cidade, sahio de dentro della para a rua um vulto sinistro, um preso maltrapilho, sujo e rôto, de cabellos crescidos e em desalinho, de barba por fazer, uma figura esqualida, typo perfeito de um condemnado.

— *Dê cá um rifle*, disse.

— *Dê cá um rifle*, repetio.

— *Me dêem um rifle, um bacamarte ou mesmo um revolver*, insistio, impaciente já.

Com todos os diabos me dêem um rifle, gritou, ordenando, furioso, apoplectico.

Dê cá um rifle, diabos, senão eu me damno já aqui, e tomo um dos de vocês, ameaçou, roendo logo as unhas, e rangendo os dentes, com os olhos esgazeados, a lançar chispas de fogo, como se fôra um cão damnado.

— *Vocês não me conhecem mais, desgraçados, vejam, sou eu, sou Zé Pinheiro!...*

E Zé Pedro o abraçou, commovido:

— *José, que isso? em que estado estás?*

— *Estou morto de fome, não como a tres dias, a noite inteira não dormi, ouvindo, contando um por um, os tiros do teu rifle.*

Tinha certeza que não me esquecerias e confiava em que, a teu lado, acabaria de vencer esses canalhas,

Mas, vamos comer, que tenho fome.

Zé Pedro levou-o primeiro ao hotel, depois ao barbeiro, e, em seguida, ao quartel, onde não lhe dêo um rifle, mas um mosquetão mauser, dos muitos que o Rabello comprara com o dinheiro do Estado, para *castigar severamente* o Padre Cicero...

Deixemos Zé Pinheiro em Crato, em via de seguir para Barbalha, de onde marcharia sobre Fortaleza, e voltemos a vê-lo em Joazeiro, alguns annos antes.

Era um homem bonito e sympatico. Como forma humana, um typo perfeito: uma cabeça de arabe num corpo de romano. Homem de côr moreno claro, de cabellos cacheados, de altura regular, de olhos negros, pequenos e vivos, face, nariz e bocca e dentes regulares e perfeitos.

Tinha a barba sempre irreprehensivelmente feita, e o bigode preto, bem arranjado a enfeitar-lhe a bocca de labios grossos, bem talhados e rubros.

Noutra esphera seria o que aqui se chama um homem do mundo. Mas, lá mesmo no meio onde vivia, era muito querido das mulheres, que lhe admiravam, certamente, a forma e a coragem, sem comtudo conquistar-lhe o coração que, parece, não tinha. Porque, de humano, Zé Pinheiro só tinha a forma, nada mais.

Conheci-o, primeiramente, como sapateiro, seo officio, antes de ser cangaceiro.

Fôra-se das Alagôas, em romaria a Joazeiro, e lá se ficou, *romeiro* do Padre Cicero e de Nossa Senhora das Dôres.

De proposito gryphei a palavra — *romeiro* — porque Zé Pinheiro nunca o foi na accepção verdadeira do termo lá no meio religioso do Joozeiro.

Romeiro lá se diz o individuo de outro Estado, que não o Ceará (de Alagôas, principalmente, que concorre, seguramente, com a metade da população da Ciceropolis, cincoenta mil almas), que abandona suas terras, e vae a Joazeiro, de visita ou de morada, *adorar* a Mãe das Dôres, e venerar, respeitar e render inteira obediencia ao Padre Cicero.

Nunca vi Zé Pinheiro na egreja, nem, tão pouco, na benção que o Padre, todos os dias, dá ao seo povo.

Elle não era mesmo homem para ir a esses logares, por isso que sua indole era tal que o impossibilitava de apparentar, ao menos, um sentimento bom, qualquer que elle fosse.

Tinha, sobre os outros, o grande merito de não ser fingido, de não ser hypocrita.

Era um cabra franco, decidido e destemido, que mostrava ser o que de facto era. na comprehensão m is lata do vocabulo : um bandido.

Não era um homem valente, propriamente.

Mas, eu tenho razões para o affirmar, não era fraco, absolutamente. Nunca alimentou na vida um sentimento nobre.

Porque era, sobretudo, um perverso.

Surgio cangaceiro, quando foi de umas questiunculas havidas entre chefetes, da zona do Cariry. E logo, de momento, sua fama se espalhou, e sua personalidade crescêo de vulto, de modo que, em curto tirocinio guerreiro, era elle collocado na primeira linha, ao lado dos mais celebres cangaceiros que o Nordeste ha produzido.

No entanto, foi curto o seo periodo de acção.

Sua fama era originaria mais do terror que a sua pessôa inspirava do que, propriamente, dos actos de bravura que tenha praticado. Fazia-se temer mais pelas perversidades de que era capaz, do que pela coragem que, acaso, tivesse.

Qualquer que fosse o motivo de sua superioridade sobre os demais cangaceiros, o que é certo é que, muitos delles, reconhecida e provadamente mais valentes do que elle, respeitavam-no, temiam-no e lhe obedeciam as ordens.

E justificavam-se dizendo como, certa vez, me disse o Zé Terto:

— O José (Zé Pinheiro) não é lá grande coisa. Elle abusa da gente porque sabe que ninguem vae agora frocã tiro com elle por qualquer bobage. Eu, por mim, não tenho medo d'elle, nem no punhal nem na bala. Mas não lhe faço nada, não só porque gosto do Senhozinho irmão d'elle, como mesmo porque elle é um cabra traçoeiro, desleal e perverso.

Acho que o Zé Terto trahio-se um puuco, ao apresentar a segunda razão, qualificando-o da maneira por que o fez.

Porque é bem de crer que as qualidades de Zé Pinheiro concorressem mais para que o respeitassem e temessem, ou, só mesmo, o evitassem, do que a consideração que acaso tivessem por seo irmão. Elle era temido porque não era fraco, e porque era, especialmente, particularmente, perverso.

Ai! daquelle a quem odiasse!...

Pouco lhe importava pega-lo a peito ou pelas costas.

E se dava o bote em falso, escapulia...

Mas para voltar á carga,

Certa vez, num só dia, o vi dar dois botes perdidos.

Mas, nem por isso deixou de continuar a perseguir a presa.

Foi num domingo, em plena feira, quando cinco

mil pessoas se acotovellavam em negocios, na Praça da Liberdade, em Joazeiro.

Zé Pinheiro, que de ha muito se vinha tomando de rixa com o negociante João de Araujo, acercouse d'elle na feira, em sua barraca de negocio, e, rapido e traiçoeiro, como um tigre, depois de ligeira discussão, *abecou-o* a punhal.

O acaso me proporcionou assistir, ver com os meos olhos, aquella scena tragica.

Foi um momento de horror.

Todas as pessoas que assistimos, que vimos, aquelle acto, ficámos pasmos, estaticos, parados, como que o sangue se nos tivesse gelado nas veias, e o coração deixado de pulsar naquelle instante!

Araujo, porém, não esteve para se deixar matar como um cordeiro.

E com a sua larga e afiada faca de açogueiro na mão, abraçou-se com a féra, apontou-lhe as costas, e bradou-lhe:

— *Fura, José!* . . .

— *Fura tu primeiro, João.* . . . respondêo o bandido, timido já, sem ter coragem de fincar-lhe o punhal, certamente arrependido da empreitada a que se arriscou.

Aquella hora já era acabada a feira.

Por precaução, e com medo, já me ia tambem retirando, quando Mané Azulão, Mané Sucupira, e o proprio Senhozinho, irmão do sicario, tratavam de apartar as duas féras,

— *Solta, João*, disse o bandido.

— *Solte você, primeiro*, respondêo o outro.

Houve um momento de indicição, em que só se ouvia a voz calma de Senhozinho:

— *Aquieta meninos ; vocês querem se comer vivos?... ou, xente... faça dóe e mata a gente...*

Rapido e leve como um gato, ligeiro como o raio, sem nem eu saber como, Zé Pinheiro dêo um pulo para traz, cahindo de pé, firme, a alguns metros de Araujo, sorrindo um pouco, e embainhando, calmamente, o punhal.

— *Eu te pego de outra vez, nego.*

— *Quando quizer estou ás suas ordens*, respondêo Araujo.

Tenho uma tendencia irresistivel para o drama.

Empolga-me uma pagina de Racine, e da literatura da Grecia antiga, e do theatro classico, nada me fala mais profundamente a alma que a tragedia.

Mas, tudô o que ha nas palavras de ouro de um Voltaire, ou representado na scena pelo genio divino de um Zaconi, vem como velada phantasia enganar-me o espirito com uma pagina irreal da vida.

Ali, não, ali, eu vi dois homens, ou, antes, duas fêras humanas, agarrados, *abecados*, como lá dizem elles, pelas aberturas de suas camisas, cada um com seo punhal já encostada a ponta no corpo do outro, a dizer um — *fura, José*, e outro a dizer — *fura tu primeiro, João...*

Que scena horrorosa !

Ambos queriam matar, mas não queriam morrer.

É assim, agarrados, procuravam dominar a si proprio e dominar o outro, com o olhar de fogo, com a face energica, com a palavra firme, medindo calma e coragem, sem temer, sem vacillar, porque seria cadaver o que primeiro mostrasse fraqueza ao outro.

— *Fura, José...*

Fura tu primeiro, João...

Nunca mais os meos ouvidos esqueceram o som, o tom, o timbre, a intensidade, a raiva, a colera, a coragem, a energia, e, ao mesmo tempo, o receio, o medo, a covardia com que ambos pronunciaram aquellas palavras!

Zé Pinheiro era um covarde. Se Araujo é um fraco, elle o teria morto ali mesmo.

Como, porém, não o é, e, ao contrario, é um homem decidido, valente e nobre, elle achou de bem deixar parecer que o não fez porque os amigos não o consentiram.

Mas, era um covarde e, ao mesmo tempo, um perverso, um mão.

Não realizando ali o seo intento, nem por isso deixou de parte a idéa fixa, o desejo ardente, a vontade insaciavel de tirar a vida a um pae de familia.

Com seo irmão, com Mané Sucupira, Mané Azulão e outros, ao todo, onze cabras, atacou, momentos depois, a casa de Araujo.

A's cinco horas de uma tarde triste, refeita a feira um pouco, o grupo entrou na grande praça, vin-

do de cima, do *Arisco*, da casa do Zé Pinheiro, do *Morro da Graça*, como a chamavam.

De um sobrado, á esquina da praça, curioso, eu arrisquei-me a apreciar todo o desenrolar do drama ferrível.

Era o ataque á casa do inimigo femivel, sita á rua de São Pedro, um pouco abaixo da praça.

Mané Sucupira penetrou primeiro o grande quadro, a correr.

O grupo seguia-o, e, para acabar a feira, começaram todos, á excepção apenas de Zé Pinheiro, a fazer desordens.

Mané Sucupira quebra a coiçadas de rifle as panellas de uma hoteleira da grande feira de Joazeiro, e lá vão por terra a feijoada, a mocotosada, e tudo o que consistia o *menu* da preta velha, que, atirando-lhes pedradas, defendendo o seo negocio, rogava-lhes pragas — *uma cascavel te pique, um raio te parta . . . safanaz sejateo fim . . .*

Atraz de todos, com o cachimbo na bocca, ia Chico Pinheiro rasgando a punhal, perversamente, miseravelmente, diabolicamente, os saccos de cereaes que encontrava, e, cujos domnos, corriam de mêdo, espavoridos, a occultar-se na casa mais proxima.

A praça, deserta já, ficou de todo entregue aos bandidos. Viva alma não mais passava por ali, e, apenas, os porcos soltos da feira corriam, gritando, roncando de mêdo do tiroteio que já começara.

O sol, vermelho como uma tocha de fogo, ia a esconder-se por traz do Monte do Horto e do velho Araripe lendario. E a praça deserta, com todas as casas fechadas, dava a impressão de uma alvorada triste, em que não cantavam passaros, nem sorria a aurora.

Da janella semi-aberta do sobrado, pude observar em detalhe, todo o desenrolar do ataque,

Zé Pinheiro atirou primeiro, de longe, apressado, ancioso, sequioso por sangue, quando ainda nem via a casa de Araujo.

Era o aviso terrivel.

Araujo deixara em casa o irmão Marcos, e fôra pedir garantia para a sua vida, de sua mulher, e de seus filhos.

A quem ?

Não sei,

No sertão não ha garantias.

Cada um se garante a si mesmo, quando pôde... e como pôde...

Marcaraujo era um caboclo baixo, os olhos corroidos pela *sapiranga* (trachoma), quase cêgo, figura irrecommendavel para um cangaceiro, um cabra desses que lá dizem não valer dois vintens.

Mas era feito de calma, de coragem e de acção.

Ali na casa do mano, disse-me elle depois, *estava portegendo a cunhada Maria Rosa e os tres filhos do João. Nem o Padre Penca da Barra entrava, sem primeiro passar por riba de meo cadavre...*

O fogo foi intenso, impetuoso, vehemente.

Foi de molde que eu pensei não ser possível aos Araujo resisti-lo muito tempo. Mas, continuou cerrado, sem haver, desfallecimento de nenhum dos lados.

Zé Pinheiro, ao contrario do irmão Senhozinho, e dos outros cabras, que, acocorados na sapata da calçada, estavam a coberto de qualquer perigo, sustentava o fogo de pé, amparado apenas nas portas fechadas das casas de negocios.

E ia assim atirando e marchando, saltando de uma porta para outra, em procura da casa de Araujo, a sexta, a contar da esquina da praça.

— *Prepara tua mulher, que eu hoje hei de dormir com ella,* gritava elle, ameaçador, descarregando o seo rifle na casa do inimigo, distante apenas poucos metros.

E, pulando para a porta immediata, gritava outra ameaça terrivel, e disparava novamente a sua arma,

Era admiravel a presteza com que realizava todas as manobras da sua tactica guerreira. Tão de geito manejava que, apenas, se via metter a mão no sacco para tirar balas, e logo puchava a alavanca do rifle, com a rapidez de uma machina a dar doze tiros num momento.

Marcaraujo, de dentro de casa só gritava :

— *Vem, cachorro da molestia . . . e . . . BEI . . .* um tiro monstruoso de seo bacamarte, com que, sozinho, respondia o ataque de onze bandidos.

Novos disparos e novos insultos de Zé Pinheiro, que avançava sempre, destemido e ousado.

Como me lembro ainda a sua figura, vestido de branco, amparado apenas nas paredes que separaram as portas fechadas do quartirão !

Carregando o rifle, olhava com uma só vista, meio occulto na parede, se podia proseguir sem perigo.

E, rapido, pulava para a porta immediata, onde outra vez disparava com presteza, de pé, a frente erguida, o seu rifle.

Admiravel de audacia, de coragem, de heroismo.

Zé Pinheiro não era absolutamente um homem fraco, Um tiro do bacamarte de Marcaraujo dava para matar a todos, quanto mais a elle só, o unico que, verdadeiramente, estava exposto, visto que, ao passar de uma para outra porta, ficava inteiramente desabrigado.

Mas não importava.

Já assim havia conquistado umas seis portas, e foram tantas vezes que se expoz á morte, conscientemente, atrevidamente, admiravelmente, pois que elle bem estava vendo, enxergando, medindo com olhos de aguia, o perigo a que se expunha.

Nunca em minha vida experimentei tamanha sensação. Ao tempo em que me revoltava com a covardia de onze bandidos, que tentavam matar um pae de fa-

milia, em sua propria casa, admirava a ousadia, a coragem, o sangue frio, a loucura de Zé Pinheiro.

Já assim se havia passado meia hora.

Estava, pois, indecisa a lucta. Marcaraujo, a descompor os cabras com nomes obscenos, desafiava-os a que se aproximassem.

— *Era um perigo, disse-me noutra noite o Dinheiro. Marco estava maluco, e de bacamarfe; mas, de outra vez, o pegarei de geito, e de bota e espora, ameaçou.*

O Beato Romualdo, negro valente e engraçado, que arriscou a vida, só para ver os cabras correr, foi quem salvou a situação.

Manoel Lucena, com uma coragem tão admiravel quão inconsciente, atravessou a praça em pleno fogo, nem de vagar, nem depressa, nem propriamente em pé, nem tão pouco deitado, andando abaixado, agachado, como se isso bastasse para ficar a salvo das balas que lhe cruzavam em torno.

E, parece, lá de sua casa, na rua de São Francisco, mandou Romualdo espalhar os cabras e salvar Araujo.

O Beato veio, armado de rifle, e, num instante, pulou para traz de um monte de tijolos de uma casa em construcção.

Deitado, escondido, começou de atirar a retaguarda, na direcção dos cabras, mas apontando a arma de modo que os não ferisse e, apenas, lhes causasse medo,

O ultimo a correr foi Chico Pinheiro, a quem o Beato Romualdo, certamente admirando-lhe a calma, chegou a cobrir com a poeira das balas que apontava para o chão, em torno aonde elle estava, de cores, fumando o cachimbo e disparando os ultimos tiros do rifle.

Eu então respirei, e um meo primo, com quem estava, respirando tambem, disse : — felizmente .

Minha prima, em cuja casa estavamos, quando a fomos procurar no quarto das imagens, disse-nos : — *Graças a Deus* .

Tinha certeza de que não haveria nenhuma desgraça, porque São José, de quem, de joelhos, desde que começara o fogo, não tirara os olhos supplicando, não o haveria de consentir .

De facto, parece, mais um milagre obrou o santo da devoção do Beato Vicente .

Porque os bandidos, nem mesmo descobriram o Beato Romualdo, deitado entre os tijolos, de onde os alvejou, apesar de terem passado bem perto d'elle, a alguns metros, apenas .

Foram passados quatro annos .

Na serra do Araripe, vindo do Exú, eu ia numa recta de algumas leguas, dentro dos mandiocões da chapada, quando encontro o primeiro romeiro .

Longe, na estrada estreita e plana, eu distingui o seo vulto . E levámos alguns minutos para nos encontrar .

Camisa e calças de algodão, chapéo de palha á

cabeça, alpercata de couro nos pés, uma foice e uma espingarda de caça ao hombro, uma rêde e os mantimentos nas costas, eis como andam os romeiros.

Vinha rezando o rosario, cujas contas passava com os mesmos dedos da mão que sustinha ao hombro a foice e a espingarda.

— *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo*, disse-me, com o chapéo na mão, respeitoso, de pé, já na beira do caminho, para dar passagem ao meo cavallo.

Para sempre seja o Senhor Louvado, respondi, como é da praxe, para indagar-lhe em seguida:

— Que ha de novo no Cariry?

— *O Zé Pinheiro matou o Quintino . . . bebêo o bigode d'elle com cachaça, e se o meo Padrinho não chega tão depressa, elle tinha comido a lingua do defuncto, pois já a estava arrancando com o punhal, quando o meo Padrinho chegou e ralhou com elle.*

— Mas, é possivel? Isso não pode ser verdade, retorqui-lhe.

— «Não é?» respondêo-me, «por Deus que nos ouve, e pelo meo Padrinho, que nos ouve tambem, em como esta é a verdade verdadeira, sem tirar nem pôr».

«Credo em cruz», disse o romeiro, fazendo o signal da cruz, «aquelle é mesmo a besta-fera em carne e osso».

E despedio-se em seguida :

— «Deus lhe acompanhe, irmão» .

— Até outra vista, respondi. Para onde se bota ?

— «Vou para a Taboca, tocar fogo na derruba, e esperar a chuva para plantar a mandioca», respondeu, e seguio apressado, na recta do caminho estreito da chapada, a rêde nas costas, a foice e a espingarda ao hombro, e o rosario na mão .

Dahi em deante, todo romeiro que encontrava dizia-me a mesma historia .

A's cinco horas da tarde daquelle dia nove de novembro de 1914, meos olhos deslumbrados, mais uma vez, viram o meo amado Cariry .

De cima, de um espigão da serra, binoculo em punho, eu vi primeiro, em baixo, a 13 kilometros, num valle estreito, cercado de morros, a mancha branca do Crato soberbo e heroico .

Alem, a 25 kilometros, uma larga mancha vermelha se estendia longe, numa planicie razea, a perder-se no horisonte rubro da tarde: era a cidade do Joazeiro. Os pontos brancos representados pelas torres das grejas eram principalmente reconheciveis.

Ao lado, no serrote Catolé, estava o Horto mysterioso, com a grande capella de orações do Padre Cicero, seo sobrado favorito de quatro andares, e a colossal egreja em construcção ainda .

Em torno, nas vertentes da serra, que formam uma circumferencia regular, eu via o cannival verde

e viçoso, ao redor dos engenhos, ou a terra negra da coivara que foi feita no palhiço, para o consequente brotar da sóca.

Em alguns pontos, densas nuvens de fumo surgiam da terra, como de um vulcão, e se espalhavam no céu límpido e azul.

Eram da queima dos palhiços dos cannaviaes do pé da serra privilegiada, a única que no Ceará faz jorrar de suas entranhas o líquido precioso, que faz a riqueza do Cariry.

Senti-me verdadeiramente feliz, e orgulhoso também, por ser filho daquela minha terra muito amada.

Que sentimento sublime esse que prende o homem ao seu berço natal, á nesga de terra em que ensaiou os seus primeiros passos!

Desde aquelle momento eu senti que sou, antes de tudo, cariryense, depois, cearense propriamente, e primeiro nortista, antes de ser brasileiro.

A noite escura sorprendêo-me, quando eu, ladeira abaixo, vinha com essas indagações no espirito que, afinal, dellas tirou esse conceito que, ora, convencido, exponho.

Segui.

E só ás doze horas da noite cheguei a Joazeiro.

Na rua de São José havia uma «Sociedade Mutua» — uma *Engulideira*, como a chamava o povo, que foi por ella roubado.

Um bando de cangaceiros guardava-lhe o cofre (vasio?).

De longe, de uma curva da rua, eu divisei, coada atravez da porta aberta a luz accesa da casa do «Thesoiro» . . . E por ella, terrivel noite escura aquella! eu me fui guiando, montado em meo cavallo cansado de vinte leguas, que tanto fazem do Exú, em Pernambuco, donde parti, sol alto, a Joazeiro, no Ceará, onde chegava, noite velha.

De repente, ao approximar-me da luz que me guiava, dois vultos sinistros surgiram da treva, armas engatilhadas, e tomaram-me de um salto as re-deas do cavallo.

— «Quem vem lá?» disseram, ao mesmo tempo os dois.

E' de paz, respondi.

Em outro tempo, menino ainda, mas, filho do meio, de certo que teria dado a resposta devida aos atrevidos.

Mas, em tres annos, a cidade do Salvador me operara uma transformação radical:

Fez de um homem forte do Nordeste, um fraco e humilde estudante de medicina,

Meo arrieiro, atraz, gritou valente e energico o velho Antonio Gonçalo:

Vão se aquietar . . . e disse-lhes o meo nome, precedido de um doutor . . .

E elles se desculpam, e me deixaram ir em paz.

No dia seguinte, ás dez horas da noite, quando já dormia o somno reparador de 480 kilometros, que tantos são de Petrolina, em Pernambuco, a Joazeiro, no Cariry, batem-me na porta: uma visita.

Era claro; áquella hora, só mesmo o Padre Cicero.

E com affecto abracei o velho amigo.

Os assumptos multiplicaram-se; a politica, a religião e a historia, em que é profundo, de tudo falámos.

Lamentou o incendio da bibliotheca da Bahia, em 1912, e dizendo-lhe do do Instituto Historico do Salvador em 1913, sorprehendêo-se, e ficou tomado de tristeza.

— *Não terão sido mãos criminosos!*

— Creio que não.

— *Meo amiguinho*, prosequio o velho sacerdote, e *as cartas de Thomé de Souza, e de Mem de Sá, e os documentos mais importantes de nossa historia patria, tudo, tudo perdido, queimado, devorado pelo fogo?*

Sabe de uma coisa? o mundo está mesmo para se acabar. Porque, hoje, em toda parte ha os Zé Pinheiro. E quando elles chegarem pelo Rio, vindos da fogueira em que está transformada a europa, então tocarão fogo no paiz inteiro.

E depois de algumas considerações de ordem geral, concluiu a historia do celebre bandido:

— *E' como lhe estou dizendo: o Calangro é*

o cabra mais ruim do mundo ; mas o Zé Pinheiro é muito peor do que elle.

Porque aquelle já não é mais do mundo ; é do inferno.

Imagine, continuou o Padre, que, depois de barbara, fria e perversamente assassinar o compadre Quintino, um homem bom, honesto e trabalhador, quiz comer-lhe o cadaver.

Quando me vieram dizer, e que lá cheguei, o canalha estava procurando arrancar a lingua do morto, para a comer com aguardente !

E só vendo como ficou depois, a chorar e a se morder, de raiva, por lhe haver eu impedido de commetter tamanha monstruosidade ! . . .

Era a figura perfeita de um demonio.

Imagine só, um anthropophago no seculo vinte, satanaz vivo, em carne e osso, na terra, entre os homens !...

O mundo está mesmo para se acabar — concluiu o Padre velho, consternado, sentindo ainda arrepiarem-se-lhe as carnes, ao relembrar a scena demoniaca, bestial, que antes vira.

No outro dia, o meo primeiro cuidado foi procurar vêr Zé Pinheiro, com quem havia tres annos já, não falava.

Fizera progressos. Sabia-o supinamente perverso, mas, longe estava de acredita-lo um anthropophago.

— *Está lá na sua casa, são e salvo*, disse-me um amigo.

— Onde é?

— *No Morro da Graça* . . .

— Não me refiro ao Pinheiro Machado, quero saber é do Zé Pinheiro, o irmão do Senhozinho, expliquei-lhe.

— Pois é este mesmo, mora lá no *Morro da Graça*, perto da Lagôa Sêcca, insistio sorrindo o meo amigo.

E foi então que eu comprehendí a malícia . . .

O Pinheiro daqui morava no *Morro da Graça*, e era de lá que fazia a sua politica. Elles arranjaram um outro *Morro da Graça* em Joazeiro, para o Pinheiro de lá . . .

E o interessante é que Zé Pinheiro não se rebaixava a ir á casa de quem quer fosse, para conferenciar sobre a sua politica.

Quem lhe quizesse falar, que fosse, como eu fui . . . ao seo *Morro da Graça* . . . onde com elle conferenciei sobre a politica do gado da serra . . . do couro do gado . . . e muitos outros assumptos . . .

Ceguei ao *Morro da Graça*, á casa do bandido, algum tanto receioso, se bem que o conhecesse, de ha muito. Uma casinha pequena, de taipa, de porta e janella, forrada de ladrilho, uma rêde armada a um canto, e dentro della, fumando o cachimbo, Zé Pinheiro.

Deitados em algumas cadeiras estavam alguns dos seus cabras.

Era o mesmo homem sympathico, jovial, delicado e respeitador.

Levantou-se apressado e, com elle, todos os cabras, que, de pé, fitaram-me com olhos indagadores.

Dêo-me a mão e offereceu-me gentilmente a rêde.

— Obrigado, fique a commodo, disse-lhe, sentando-me logo numa cadeira de coiro, ao lado.

— *Soube que tinha chegado, mas ainda não o tinha visto, já ficou doutor? já sabe curar a gente?...*

Quase, respondi. E você, como vae? indaguei-lhe.

— *Eu assim assim... Não soube da desgraça?*

— Soube, e dou-lhe os pesames.

— *E', mas ainda ha gente a me pagar...* disse, ameaçador, e logo ficando vermelho.

Mudei, immediatamente, de assumpto, e pedi-lhe impressões de Fortaleza.

— *Parece com o Crato. Mas o povo é medroso, vivia só a pensar que se ia matar gente a toda hora.*

De facto, não havia razão para isso, visto como, elle, pessoalmente, não falando nos combates, em seu percurso de Joazeiro a Fortaleza, apenas matou tres sujeitos...

Depois de uma pausa, perguntou-me sorrindo um pouco :

— Conhece o meo xará do Rio.

— Não, porque estava na Bahia e não no Rio.

— *Anh!* . . . fez elle, *na terra do Dr. Floro?*

— Isso mesmo.

— *Quando è que elle volta?*

— Não sei.

— *Dizem que não volta mais?*

— Acho que não é verdade, porque o Padre me disse que o está esperando.

Zé Pinheiro calou-se por alguns instantes, franziu a testa, accendêo o cachimbo, tirou algumas bafordas, e disse-me em outro tom de conversa :

— *Eu não confio mais nem em minha mãe. . .*

— *Jâ cahi na besteira de ir para a cadeia uma vez, mas não volto mais a ella, nem amarrado.*

— Mas, querem bota-lo na cadeia? inquiri-o.

— *Sei lá ; o que sei é que não vou e que não tenho mêdo, nem de gente, nem de bicho, nem de doutorzinho nenhum. . . não estou falando com você não. . .*

— Nem do doutorzão, nem do chefão ?

— Que nada ! Eu me damnando eu viro o cão e troco tiro até com Nosso Senhor, quanto mais com doutôr.

La ficando zangado.

E eu me fui despedindo delle.

— Por ultimo, porque é que chamam sua casa *Morro da Graça*?

— *E' por brincadeira*, disse-me sorrindo, *é por causa do Morro da Graça, do Pinheiro do Rio.*

Eram interessantes as mutações bruscas do humor do bandido. Num minuto só, mostrava-se zangado, triste e alegre, de accordo com o assumpto que abordava.

Havia apenas oito dias que, vingando a morte do irmão, commettera o crime mais barbaro que já houve nos sertões, em todos os tempos.

E estava tranquillo, satisfeito, com a physionomia bondosa, e, apenas um pouco triste, de saudade do irmão mais velho, a quem muito queria.

Uma recordação.

Certa vez eu vi Zé Pinheiro e seo irmão deante do Padre Cicero, que os aconselhava e reprehendia.

A differença dos dois era frisante.

Emquanto Sinhozinho, ajoelhado aos pés do sacerdote, mostrava-se humilde, querendo beijar-lhe os pés, Zé Pinheiro conservava-se de pé, a fronte erguida, sem quase ligar importancia ás palavras do Padre.

Tinha, sobre os outros, o grande merito de não ser hypocrita. Só baixava a cabeça a quem temia, a João de Araujo, na feira, como ficou dito atraz, e a João Fialho, a Antonio Godê e a Quintino.

A João Fialho, foi na Lagôa Secca. Num bêco

deserto, onde não havia ninguém que os apartasse, encontraram-se os dois.

Zé Pinheiro batêo mão do punhal e partio . . .

João Fialho dêo um passo atrás, o revolver na mão engatilhado, e bradou á féra :

— *Mette o punhal na bainha, mette o punhal na bainha, senão eu te arrebento a cabeça com uma bala, cabra atrevido.*

Arrebentava masmo .

Zé Pinheiro sabia disso .

E achou melhor metter o punhal . . . na bainha , envez de no couro delle . . . e ir-se embora calado . . .

A Antonio Godê, foi no Café do Onofre .

Um dia antes, na rua de São Pedro, em presença de Godê, covarde e barbaramente, só pelo prazer de matar, atravessou com seo punhal de tres palmos o peito de João Baptista, um rapaz que nem era, propriamente, um cangaceiro, e cujo unico defeito para o bandido, era ser amigo pessoal de Quintino.

Commentavam o factu no referido café, Godê e outras pessôas, quando chegou o sicario.

— *Eu me damnando eu viro o cão, e troco tiro até com o diabo.*

— *Para que isso tudo ?* perguntou-lhe Antonio Godê, manso, calmo e, até, humilde, como é seo modo habitual.

— *E' isso mesmo, e é com você mesmo,* repetio, atrevido, o bandido .

-- *Você esta è bebado*, disse-lhe Godê .

-- *Bebado está você, não se faça de besta*, retrucou Zé Pinheiro já em attitude hostil .

Foi um instante tragico .

Godê, branco de raiva, a tremer, e quase sem poder falar, foi dizendo :

— *Com licença*, (e os cabras foram *abrindo-ala*), *deixem-me dar um ensino a esse cachorro . . .* É com o chapéo de couro na mão esquerda, e com seo punhal na mão direita, partio para a féra .

Zé Pinheiro empallidecêo .

É quando Godê ia a agarrar-lhe na abertura da camisa, o bandido, sem açção, tremulo, covarde, disse-lhe, com humildade :

— *Eu estou è brincando com você, Godê, você não está vendo logo ?*

— *Mas isto não è brincadeira, e com um homem como eu, um cachorro, como você, não tem o direito de brincar .*

Brincadeira !

Se Godê fraqueia, Zé Pinheiro o teria morto a tiros, ali mesmo, como era sua intenção .

Mas, *bras dessus bras dessous*, sahiram os dois rua em fora, até uma esquina perto .

Ahi chegando, Godê despedio-se do bandido, dêo-lhe as costas, e marchou, nem de vagar, nem depressa, para sua casa, sem olhar para traz, nem talvez se lembrar que Zé Pinheiro, além de um punhal e

um facão, tinha na cintura um revolver e na mão um mosquetão mauser.

É certamente, por actos como esse, que Silvino, Calangro, o Beato Ricardo, todos os grandes cangaceiros dos sertões temiam e temem ainda, esse homem, ao mesmo tempo bom e bravo, honesto e valente, trabalhador e heroico, que se chama Antonio Clemente, e que é conhecido por Antonio Godê.

A Quintino, o quarto a quem Zé Pinheiro temêo, foi nas Malvas.

Seo irmão, Senhozinho, estava no chão, ferido de morte, agonisando.

— *Fui eu quem matou seo irmão, é seo dever vingá-lo, se é homem, atire*, disse-lhe Quintino batendo no peito.

Zé Pinheiro olhou-o, baixou a cabeça em seguida, e continuou a chorar lagrimas por sobre o corpo do irmão! . . .

Mas, pouco depois, ahi por volta das quatro horas da tarde do dia tres de novembro de 1914, á frente do seo grupo, foi vingar o irmão.

Cicero Veado, o bravo, e jovem, e *futuroso* cangaceiro, foi quem rompêo o fogo.

Da praça da Liberdade, elle atirou primeiro, na Collectoria do Estado, sita a rua do Padre Cicero, em baixo, em frente ao quartel da policia.

E logo se aproximaram todos, tendo Zé Pinheiro se entrincheirado no referido quartel donde, aju-

dado pela respectiva policia, commandou o ataque á casa do Estado, defendida por homens... de Quintino!

Cicero Veado, num rasgo de coragem, de heroismo e de desprezo pela vida, saltou para a rua, e veio entrincheirar-se na propria sapata da calçada da Collectoria, donde, quase de pontaria, deitado no chão, começou de atirar nos homens que a defendiam. Foi quando Zé Pinheiro, seo chefe, talvez envergonhado, o acompanhou, seguido por seos cabras e pelos soldados, a quem cumpria defender a agencia do Estado, e num instante, invadiram a casa.

Eu vi, dias depois, o cofre, as mesas, as cadeiras, os archivos, tudo destruido por elle, seos cabras e os soldados. . .

E momentos depois, á frente de cem homens, do vallado da cidade, atacou Quintino em sua propria casa.

— *Quem não é por mim é contra mim*. . . mandou dizer aos cangaceiros.

E, á noite, eram sob seo commando seiscentos guerrilheiros.

Quintino, o heróe, resistio-lhes, vinte e tres horas.

Mas, afinal, o bandido o vencêo, sem que o soubesse.

Com surpresa, vio, em dado momento, que o inimigo cessou de responder-lhe o fogo.

E procurou aproximar-se-lhe da casa.

Desconfiado, precavido, seguio.

Podia ser uma manobra de Quintino, e Zé Pinheiro tinha horror á arma branca. . .

Só quando lhe vieram dizer que elle e seus cabras haviam passado no sitio Carité, em procura do Pagehú, é que o bandido se atrevêo a penetrar-lhe a casa.

Contemplemos o quadro tenebroso.

No chão, deitado na sala de jantar da casinha, está o corpo de um homem, coberto por um lençol branco, de algodão.

Duas tochas ardem em sua cabeceira.

Fôra sua esposa que as accendera, quando delte se despedio para, fugindo, salvar-lhe o filho.

Zé Pinheiro entrou, ainda receioso, desconfiado, temendo uma cilada. . . .

Quintino, ainda depois de morto, fazia mêdo ao bandido.

Dêo com o pé nos castiçaes e apagou as velas. Aproximou-se mais, o punhal entre os dentes, a carebina na mão engatilhada, e erguêo uma ponta do lençol.

Não era mais Quintino quem ali estava; era o seo cadaver apenas.

E o bandido cuspiu-lhe no rosto, do homem para quem, quando vivo, nunca tivera coragem de olhar de frente.

Mas, não era só.

Por uma das pernas do cadaver, arrastou-o

para o terreiro da casa, lá mesmo para o lugar onde seu irmão expirara dias antes.

Era chegada a hora da vingança tremenda.

Rindo bestialmente, num goso infernal de um abutre, de um demonio, cuspiu-lhe novamente no rosto, á luz do sol da tarde, á vista dos presentes.

Era horrivel.

Muitos dos seus cabras retiraram-se, para não ver as scenas cannibalescas que o bandido ia realizar.

Esbofeteou, esmurrou, e, por fim, mordêo com os proprios dentes, a face do cadaver.

A seguir, rindo-se, satânico, monstruoso, mandou um dos seus cabras comprar uma garrafa de cachaça.

Queria louco de colera, furioso de vingança, embriagar-se na orgia em que se achava, a conspurcar o corpo de um homem morto.

E enquanto não vinha a aguardente, elle, sentado no abdomen do cadaver, atravessava-lhe o peito a punhaladas. . .

Repugnante ! . . .

Mas, não bastava ainda.

Com o punhal afiado, pegado no bigode do morto, cortou-lhe todo o labio superior.

E com o labio e o bigode do cadaver — *temperava* — a cachaça que bebia, ebrio de goso, sensual, demoniaco, horrendo. . . enquanto o morto, os dentes

de fóra, ria como uma caveira, da sua infamia, da sua miseria, da sua baixeza . . .

Mas . . . ainda não bastava . . .

E com o mesmo punhal, ensanguentado, abriu a bocca do cadaver, e lhe estava a tirar a lingua, para a comer com aguardente, quando o Padre Cicero chegou . . .

Momentos depois chegavam tambem os soldados e prendiam — Zé Pinheiro, o assassino ?

Não. Quintino, o morto . . .

Levaram-no para o quartel, e o puzeram em exposição . . .

Mas, ninguem o reconheção ! . . .

Deus !

E' mentira ou é verdade tanto horror na terra ? . . .

Caiam raios dos céos, e fulminem o homem na terra que, conscientemente, se sirva da penna para escrever uma inverdade.

.....

Nas Alagôas, alguns mezes depois, uma mulher terrivel mandou Zé Pinheiro buscar a orelha de uma amante de seo marido.

Mas, envez de uma, dentro em pouco, elle entregou-lhe as duas ! . . .

Num engenho de assucar, em Agua Branca, naquelle Estado, elle estava, depois desse crime.

Uns cabras, seos patricios, o cercaram e, pe-

gando-o de geito, prostraram-no por terra, ferido mortalmente.

E, cumprindo ordens . . . começaram logo de tirar-lhe o couro . . .

Depois de esfolado, esquartejaram-no, e, como de praxe ali, metteram-no, a seguir, numa fornalha . . .

Quintino, cuja lingua quiz elle comer com aguardente, estava vingado . . .

Findou assim esfolado, esquartejado, queimado o maior bandido dos sertões do Nordeste.



CONCEITO

Esses treze personagens reaes, que constituem este livro, representam uma das modalidades da força do sertanejo do Nordeste — a coragem.

Achei-os ao acaso, na comunidade delles, oriundos de diversos Estados, da Bahia ao Ceará, e os vi sem outra preocupação que não a de os descrever, taes quaes são realmente.

Procurei, quanto pude, indagar do typo eugenico de cada um, e cheguei á conclusão de que, quanto á ethnogenia, o cangaceiro provém de todas as raças.

Vem desde o branco, como o Beato Vicente, (de origem hollandeza) e Mané Côco Sêcco, ao negro, como Antonio Calangro e Pedro Pilé, sendo entre os dois extremos toda a mistiçagem, que é o typo commum da região, desde o caboclo nordestano propriamente, como Zé Pinheiro e Mané Chiquinha, ao mulato, como Antonio Vaqueiro e o Beato Ricardo, até ao cafuz legitimo, como o famoso Zé Pedro.

Quanto ao typo individual, a fôrma humana, propriamente, a diversidade não é menor: ora altos,

de dois metros, como o Calangro, ora baixos, de pouco mais de metro e meio, como o Quintino; ora typos perfeitos, bonitos mesmo, como Mané Chiquinha e Zé Pinheiro, ora feios, como Quintino, e asquerosos, como Pedro Pilé.

A coragem, o valor, e a resistencia individual, porém, medem-se na mesma bitola.

A ignorancia tambem é commum, e por egual, a todos.

E' pois, uma questão do meio, apenas.

O cangaceiro é um producto do estado actual da sociedade do Nordeste.

E tanto assim é, que essa qualidade, ou antes, essa profissão já não é privilegio dos filhos da região.

Conheci um francez que, em lá chegando, logo se fez cangaceiro. Um italiano, filho de Roma, o Beato Elias, é o «Superior da Ordem dos Penitentes do Joazeiro».

E o turco Candido, vindo da Asia Menor, sua differença dos cangaceiros de lá, é ser menos valente, e trazer as cartucheiras a tiracollo, envez de amarradas á cintura.

Os treze herões que tentei descrever se enquadram em quatro typos geraes de cangaceiros:

DELIRANTE RELIGIOSO: O Beato da Cruz e o Beato Vicente.

HYPOCRITA E VAGABUNDO: o Beato Ricardo.

INDOLE GUERREIRA: Côco Secco, Antonio

Vaqueiro, Mané Chiquinha, Zé Pedro, Quintino e Canuto Reis.

INSTINCTO PERVERSO : Antonio Calangro, Pedro Dilé e os irmãos Pinheiro.

De todos elles, quatro ainda estão vivos : o Beato Vicente, Mané Côco Secco, Zé Pedro e Canuto Reis.

Dos demais, dois morreram em paz : o Beato da Cruz (não era, propriamente, cangaceiro) e Antonio Vaqueiro, um convertido.

Os outros sete foram assassinados.

Tiveram o fim que deveriam ter ?

Não.

Tiveram o a que os destinou a sua Pátria, o Brasil.

.....

Em principio, na introdução, tratei das causas geraes do banditismo no Nordeste : analfabetismo — ausencia de justiça — falta de trabalho e exiguidade de salario — politicagem.

Resolverão este problema, que eu reputo nacional, os governos dos Estados ou da Republica, mandando os seus soldados da Policia ou do Exercito Nacional assassinar os energicos, valorosos, bravos e heroicos brasileiros dos Sertões ?

Jamais! . . .

E os exemplos, que a historia já nos fornece, provam-no a sobejo.

Que bom quo o governo da Republica e a Defesa Nacional incluisssem no programma do Nosso

Centenario a extincção do banditismo, naquella parte do paiz !

Poderiam faze-lo : avocando á União o ensino primario obrigatorio ; fazendo a unidade da magistratura, para que os juizes encarregados da distribuição da justiça independam dos governos dos Estados ; creando as Regiões Militares no interior do paiz, para despertar o civismo dos sertanejos ; e tornando um facto o voto livre e a eleição directa, desde os prefeitos dos Municipios ao presidente da Republica .

Então, quando isso se der, os chefes dos Sertões, ao envez de comprarem um rifle, para fazer um cangaceiro, fundarão uma escola, para formar um eleitor, um cidadão .

Ávante !

O Nordeste tambem é o Brasil .

E naquelle amalgama de raças, na diversidade daquelles caracteres, no encontro de idéas daquelles espiritos irrequietos, no choque daquellas energias dispersas, desorientadas e confusas é que, principalmente, está a força de nossa nacionalidade .

O Nordeste é o envolucro ainda tosco e rude, porém, forte e masculino, que guarda a alma do Brasil futuro, unido, grande e livre na America, para a Democracia, para a Humanidade, para Deus .

Indice

ERRATA

- Pag. 182 — linha 14^a: Eram e não — era
» 196 — » 5^a: homens e não — annos
» 199 — » 26^a: haustos e não — austos
» 208 — » 10^a: Manoel e não — Antonio
» 209 — » 11^a: Após e não — depois de

INDICE

O Principio.....	9
Introdução... ..	17
O Beato da Cruz.....	37
O Beato Vicente.....	47
O Beato Ricardo.....	61
Mané Côco Secco.....	77
Zé Pedro.....	85
Mané Chiquinha.....	97
Antonio Calangro.....	109
Pedro Pilé.....	125
Antonio Vaqueiro.....	141
Canuto Reis.....	155
Chico Pinheiro.....	171
Quintino.....	189
Zé Pinheiro.....	211
Coceito.....	245

